Dagon
Contos de:
Carla Ribeiro,
Francisco Norega,
Jorge Candeias,
Luís Filipe Silva,
Pedro Ventura,
Roberto Mendes
E ainda:
Poesia,
Artigos de Opinião,
Entrevistas com
Ian R. Macleoud,
entre outros.
Desenho,
Cinema...

Editorial

Rita Comércio e Roberto Mendes

E depois da espera…a obra!

Sou mais que uma revista, mais que um lugar onde a informação, a divulgação e a crítica se encontram! Sinto que sou um espaço de convergência, onde as mais diversas artes se tocam, onde a ilustração faz parte do conto original, que é lido no compasso de uma melodia que se ouve, suave e pura. As cenas de um filme mágico acompanham-me a cada virar de página, a cada palavra escrita, lida, lançada ao sabor terno da memória.

Mais que tudo, em mim contam-se histórias do fantástico: tenho a fantasia de Pedro Ventura, Carla Ribeiro e do jovem Francisco Norega; Tenho uma aproximação ao terror com o conto "a última viagem" de Roberto Mendes e tenho Ficção Científica de Luís Filipe Silva e Jorge Candeias.

A crítica surge, os artigos de excelente qualidade, onde se destacam "O que fazer com estes clichés" e "O Original, ou sua Ausência, na ficção científica portuguesa, face a outros países" dão-me um toque de maturidade.

A ilustração traça a minha alma, são mais que capas para os contos, têm vida própria e uma força avassaladora, são obras prima de autores nacionais e internacionais, aclamados mundialmente como o Turco Kerem Beyit.

Representando a música, e as suas origens e inspirações na fantasia e na ficção científica estão gravadas na minha pele uma banda mítica e um projecto espectacular que reúne os melhores músicos do género.

As entrevistas representam a cereja no topo do bolo. Respondem às questões Jorge Candeias, Luís Filipe Silva, Pedro Ventura e o Britânico Ian R. MacLeod, autor incontornável da Ficção Científica Mundial, aclamado e laureado com o prémio Arthur C. Clarke de 2009 e também com o prémio Campbell de 2009 .

As palavras cravadas no meu corpo falam por mim, anseiam ser descobertas, lidas e relidas…são o meu sangue que corre sem cessar, fervilhando de vontade de ser algo mais, de fazer mais e melhor. Deixa-me entrar em ti, fundir-me contigo, até as minhas palavras se misturarem com as tuas ideias, lê-me, escreve-me, reinventa-me…

Eu sou a Dagon!

Índice

4- Literatura

5- Conto "Darwar de Celénia"- Pedro Ventura
18- Entrevista a Jorge Candeias
23- Crítica a Brisingr
27- Conto "A Última Viagem" Roberto Mendes
37 - Crítica a Heart Shaped Box
41-Conto "O Último Deus" Carla Ribeiro
53- Crítica a "O Alquimista"
55- Conto "Deste Lado de Cá" Luís Filipe Silva
72- Artigo: Literatura Fantástica- Breve História e Desmistificação - Fábio Júnio
77- Conto "O Viajante no Tempo" Jorge Candeias
83-Entrevista a Luís Filipe Silva
89 - Artigo "Que Fazer com estes Clichés" Jorge Candeias
107- Conto "Batalhas Interiores" Francisco Norega
122- Entrevista a Pedro Ventura
127- Entrevista a Ian R. MacLeod
130- Poesia - Carla Ribeiro
133- Artigo "O Original, ou sua ausência, na FC portuguesa, face a outros países" - Luís Filipe Silva
138- Artigo "Ficção Científica, a Difícil Definição de um Género" Roberto Mendes
147- Espaço Duvendor- Marcelo Ferroni
153- Espaço Duvendor- Michael Tagge

161-Desenho

162 Sandara
165- Entrevista a Sandara
168- Kerem Beyit

173- Cinema

174- The Hunt For Gollum
175 - O Castelo Andante
176- Spirited Away

178- Música

179- Dream Teather
184- Ayreon - A Ficção Científica e a Música

Literatura

Contos, Poesia, Artigos de Opinião, críticas, Entrevistas

Darwar
de
Celénia
Pedro Ventura

Conto: Darwar de Celénia:

Pedro Ventura

Assim que abriu os olhos, a consciência invadiu-o não tão lentamente quanto desejaria. Pensamentos imutáveis acossaram-no de imediato, sem darem tempo ao limbo indolente de um suave despertar. Não tardou a invejar aqueles que acordavam felizes, despreocupados e que não voltavam a abandonar o sorriso que lhes brotava dos lábios. Como o conseguiam? Não percebia como esses conseguiam evitar aquela invisível névoa que parecia cobrir todos os seus momentos. Era impossível que a vida não os furtasse ao amargo sabor daquela insatisfação, daquela amarga e vazia frustração que sentia. Talvez a vida fosse mais afável e festiva para com eles... Mas não entendia porquê. Não entendia os erros, as escolhas ou a sorte que o haviam feito ficar de fora dessa quotidiana festividade. Tudo lhe parecia tão sem sentido, vazio...

Lá fora o acampamento permanecia rendido a numa sinfonia de sonoridades típicas do descanso, entrecortada pelo ocasional relinchar dos cavalos.

Inquieto, Darwar decidiu levantar-se e ir até à cidade. Não tinha qualquer compromisso ou objectivo certo, mas a sua unidade estava de licença e não lhe apetecia ficar por ali a escutar aquelas mesmas conversas, repetidas até à exaustão pelos seus camaradas de armas. Faltava-lhe a disposição para confraternizar, o gosto por conversas fúteis e carecia de lembranças familiares que pudesse partilhar... Do que lhes iria falar? Da jovem donzela que o destroçara e o fizera alistar-se? Iria confessar-lhes que ainda a amava, mesmo sabendo que ela já desposara outro? Que não conseguia esquecer... Iria suportar vê-los rir e dizerem-lhe que haviam muitas outras mulheres, quando ele sabia que isso era mentira. Valia mais estar sozinho... Mas não se pense que este desejo de solidão brotava de altivez desmedida ou aversão ao seu semelhante. Não... A introversão era genuíno adorno de carácter e a discrição escondia um

discernimento e sensibilidade muito profundos.

Porém, assim que saiu da tenda uma trombeta ecoou, tocando a alvorada e logo depois o reunir. Cabeças desgrenhadas levantaram-se um pouco por toda a parte, tentando adivinhar a razão daquele inesperado alvoroço.

— Equipem-se e formem! — berrava um oficial, enquanto percorria o acampamento e pontapeava os que permaneciam entregues à preguiça — Vamos, seus inúteis! Levantem-se!

Os homens resmungaram, mas obedeceram prontamente. Correu de imediato o boato de que iriam receber ordens de Nimelian. Estavam certos. O que não podiam era adivinhar o seu teor e quem lhas traria…

A unidade formou um rectângulo em frente do acampamento e aguardou. Mas não seria preciso esperar muito. Em breve chegava um grupo de oficiais da Guarda Real e, entre eles, vinha a rainha Gar-Dena. O espanto foi contido, mas generalizado. A soberana impressionava com a sua couraça prateada e um longo e imaculado manto branco. Nas costas sobressaíam ainda os impressionantes punhos de duas espadas, recordando que aquela não era uma rainha vulgar…

Demonstrando uma graciosidade atlética, a rainha desmontou do seu cavalo e aproximou-se dos homens. Ali estava ela, a grandiosa rainha Gar-Dena, lenda viva, guerreira inigualável e mais poderosa do que qualquer outro ser humano. Poderosa… Apesar de estar na terceira fila, Darwar conseguia vê-la bem. Como parecia transfigurado aquele belo rosto com os golpes do gélido cinzel do padecimento. Perdera o marido e o filho. Pelo que dizia o povo, que tanto a adorava, ela perdera tudo o que realmente possuía ao perder aqueles que mais amava. O seu olhar era vazio e distante. Tão vazio que nos questionaríamos se a vida ainda o habitava. O que a faria continuar? O que nos faz continuar, quando já nada nos resta?…

— Escutem-me, filhos dos dhorians! — bradou a rainha, após terminar a revista às tropas — Sei que muitos de vocês não acreditam na existência dos keepk que se preparam para atravessar a nossa fronteira.

Sim… Muitos de vocês estariam agora a rir de mim, se pudessem… Bem, é chegado o momento de vos resgatar da ignorância!

A rainha fez um gesto e os soldados que a acompanhavam tiraram a manta de linho grosso que cobria uma carroça. Um burburinho ergueu-se de imediato. Lá repousava o enorme corpo de um Keepk. Eram seres descomunais, uma abominável mistura entre homem e animal. As mãos e os pés tinham garras afiadas e as bocas eram rasgadas e preenchidas com duas fileiras de enormes dentes triangulares. Os seus enormes olhos eram de um negro profundo e inexpressivo e os acentuados contornos dos rostos peludos faziam adivinhar a raiva animal que os devia afervorar.

— Vejam! Observem bem porque o próximo que encontrarem poderá estar vivo e ser a última coisa que verão! — continuou a rainha, enquanto apontava para a carcaça — Estas são criaturas terríveis e sanguinárias, cujo único propósito é extinguir toda a vida que lhes surja no caminho… Cabe-nos a nós ir ao seu encontro e atrasá-las para que as pessoas dessas regiões tenham tempo de se refugiarem nas cidades fortificadas. Cabe a vós serem sublimes nesse momento decisivo! Mas desenganem-se aqueles que esperam vitória ou glória pessoal para posteriores paradas nas avenidas de Nimelian… Estes não são dias propícios a tais frivolidades! Tudo o que podem almejar é conseguir esse precioso tempo! E acreditem que o iremos conseguir, nem que a minha única companhia no regresso seja a minha montada… Não guardem ilusões nos vossos espíritos! Estou a pedir-vos que, em breve, tenham uma morte que não poderá ser célere. Lutarão até à vossa última gota de sangue e morrerão com as espadas nas mãos! Pelo futuro de muitos, cabe-vos lutar até ao último homem! Partiremos de madrugada.

O silêncio caiu sobre todos. A rainha foi-se embora, após lançar-lhes um último olhar e foram dadas as ordens de dispersar. Os soldados foram regressando lentamente ao acampamento sem trocaram muitas palavras entre si.

Darwar permaneceu na clareira agora deserta. A mensagem daquele discurso só agora o atingia em toda a sua plenitude. A rainha não fizera

qualquer esforço para amaciar minimamente a realidade. Como era fria e amarga a soberana em quem tantos colocavam a derradeira esperança... Mas, realmente, talvez não houvesse como adocicar a verdade. Ela certamente sabia-o bem... A morte rondava, apesar de todos, tal como ele, pensarem sempre que seriam os contemplados pelo destino a escaparem ao repouso no seu insensível regaço... Gar-Dena conseguira roubar-lhes muita dessa humana e ilusória confiança. A morte... A ideia de tombar num qualquer campo enlameado, onde seria pasto de uma miríade de criaturas, sem que houvesse quem levasse o seu corpo até ao cimo de uma pira funerária, enojava-o, tal como anojaria qualquer guerreiro dhorian, desejoso de uma morte digna e honrada. Mas o que lhe causava verdadeiro terror era a ideia de deixar de existir. Arrepiava-o... Os mitos do seu povo diziam-lhe que os espíritos dos mortos tornavam-se vento que soprava em lugares aprazíveis ou tenebrosos, consoante o que se fizera em vida. Os condra acreditavam que os espíritos regressariam à Natureza e animariam árvores, animais... Como lhe era difícil acreditar em qualquer daquelas explicações. Vento?... Animais?! Plantas... Que interessa ser qualquer uma dessas coisas quando já fomos Homens? Para ele essas eram explicações demasiado simplistas. Estórias para entreter pessoas ingénuas. Desculpas para não se pusesse em causa muitas das coisas absurdas que tomam por certas durante a vida! Talvez se deixasse simplesmente de existir ou talvez houvesse algo muito diferente... Fosse o que fosse a morte, não lhe apetecia descobrir... Não já...

A certa altura, Darwar estranhou aquele seu sentimento desesperado de apego à vida... Era tão irónico que alguém como ele sentisse aquele inconfessável pavor. Alguém que ele pensava não ter nada a perder...

— O que nos move? — perguntou a si próprio — O que me faz continuar?...

Darwar passou pelo acampamento. Lá a inquietação era disfarçada, mas de um modo quase patético. Sentia-se o medo no ar e até os oficiais superiores pareciam embrenhados nesse odor pérfido. Eles tinham plena consciência que Gar-Dena os

colocaria na primeira linha, sem atender à posição social ou riqueza. Desta vez não lhes iria valer de nada a influência que pudessem ter e que, em muitos casos, lhes permitira ascender a tais posições no exército dhorian, sem que tivessem as mínimas capacidades para o fazer…

O dhorian deu por si a sorrir enquanto passava por alguns oficiais que ele bem conhecia. A singular conjuntura deu-lhe mesmo o ensejo para dar voz a algo que já guardava para si à muito tempo:

— Corja ociosa…

Era impossível que os oficiais não tivessem escutado aquele audacioso comentário, que seria suficiente para que o chicote disciplinador surgisse de imediato. No entanto, os oficiais fingiram não ouvir e nada disseram. Darwar sorriu. A sua satisfação era compreensível, após anos de injustiças e afrontas. Ele também era nobre e tinha uma educação distinta, mas a sua família era pouco influente, o que nunca lhe permitira ascender na apodrecida hierarquia militar de Celénia, controlada pelo corrupto nobre Adugar. Darwar tivera sobreviver pelos seus próprios meios e ainda era um mero aspirante a oficial. A transferência da sua unidade de cavalaria para Nimelian e a consequente conjuntura política em que se viram envolvidos, parecera-lhe uma boa oportunidade, mas mais uma vez o destino pregava-lhe uma partida… As palavras da rainha voltaram a ecoar-lhe na mente e o seu espírito voltou a ensombrar-se. Confuso, dirigiu-se para a beira-mar, onde encontrou um companheiro de armas seu conhecido.

— Darwar, viste bem o tamanho daqueles bichos? E aquelas garras? Porque temos de ser nós a ir lutar contra aquelas coisas?

— Ugh! Não ficou óbvio? Nós somos de Celénia… A nobreza de Celénia não reconhece Gar-Dena como sua rainha e apoiou o velho Drumglar, que a encarcerou como uma criminosa. Ao chegarmos, os nossos oficiais só lhe juraram lealdade porque foram arrastados pelos acontecimentos e não tiveram outra hipótese. Ela sabe-o e a ter de sacrificar alguém…

O corpulento soldado, que era quem Darwar tinha de mais parecido com um amigo, cruzou os braços e esboçou uma expressão de descontentamento.

— Pois, vamos pagar pelos erros de outros... Mas não é verdade que ela é uma estrangeira? Porque temos de lhe obedecer?

Darwar olhou para o horizonte e perdeu-se numa distância incerta.

— Hulgro, ela é a mulher que o nosso rei Feaglar escolheu desposar e, como tal, ela é a legítima rainha dos dhorians. Porquê essa desconfiança? Só por ser estrangeira? Tu viste que ela tinha razão sobre as criaturas! Ela não é nada daquilo que nos diziam em Celénia. Já escutaste os feitos que ela realizou? Já sentiste o imenso carinho que o povo tem por ela? Eu próprio não tenho dúvidas, Gar-Dena é a nossa melhor hipótese de derrotar Calicíada e estes monstros.

Apesar de rendido às evidências expostas por Darwar, o camarada ainda tinha algumas incertezas:

— Sim... Talvez. Mas não entendo porque quer ir connosco.

— É estranho, não é? Julgo que ela pretende garantir que cumprimos a nossa missão... Lutar até ao último homem. Porém, há algo mais. O modo como ela olhou para o corpo daquela criatura... Talvez queira vingar-se. Ou então talvez queira mostrar-nos algo...

Nesse momento, o soldado soltou uma sonora gargalhada.

— Pensas demais, Darwar! Mostrar-nos o quê? Bah! Uma coisa te garanto! Não são aquelas coisas feias que vão acabar comigo! Aposto contigo que dentro de dias estarei aqui em Nimelian, numa taberna, afogado em vinho e com um colar de dentes desses monstros ao pescoço! Vais ver!

Darwar sorriu, deu uma palmada nas costas do companheiro e afastou-se. Enquanto caminhava ao longo do paredão, o guerreiro não pôde deixar de considerar curioso o facto de ter defendido a rainha perante o camarada.

— Devo estar a enlouquecer… — reflectiu em voz alta.

Mas a verdade é que acreditava genuinamente naquilo que dissera. Apesar das circunstâncias, havia algo nela que apelava àquela cega lealdade. Algo soturno, é verdade, mas muito real e intenso. E também era realmente difícil ficar indiferente às estórias que o povo e os soldados da cidade contavam. Os seus feitos já superavam os de heróis lendários como Arlac ou Replar! Muitos chegavam mesmo a considerá-la indestrutível. No entanto, era o seu lado humano que parecia cativar quem a conhecia. Sim, ela era admirável e já provara ser capaz de sobreviver aos piores tormentos. Já ele não era nada disso… Era um simples humano. Que hipóteses teria contra aquelas criaturas monstruosas? Essa recordação trouxe-lhe de volta uma sufocante angústia. Desalentado, sentou-se no muro de pedra e deixou a cabeça tombar.

— Porque me fui oferecer para o exército?! Como sou estúpido! Devia era desertar!… Bah! Mas para onde iria? Em breve não haverá um único lugar seguro…

Furioso, pisou repetidamente um ninho de formigas, até a terra ficar plana. Depois acalmou-se e observou atentamente os muitos pequenos insectos que haviam ficado mortos ou a contorcerem-se e sentiu um profundo arrependimento pelo seu gesto.

Depois de alguns dias de cavalgada desenfreada pelo nordeste do reino, onde já eram visíveis os horríveis resultados de algumas incursões das criaturas, a unidade militar deteve-se perto de uma colina que se situava frente à desembocadura de um desfiladeiro que atravessava as montanhas de Silaciar. A rainha tinha sido informada por batedores que o grosso das criaturas iria em breve romper por ali, mas ela parecia saber exactamente quando seria esse momento. Ajudou a organizar a última caravana de refugiados dos povoados próximos e no terceiro dia começou a preparar a batalha. Ao amanhecer os cerca de 150 cavaleiros foram dispostos em três linhas sobre a colina, cortando qualquer passagem para a planície nas

suas costas. Darwar estava na primeira linha, junto de Gar-Dena e dos seus oficiais. Após alguns instantes de espera, a rainha ergueu um braço e as lanças foram levantadas de imediato, apesar de ninguém ainda descortinar qualquer sinal do inimigo. Mas a excepcional sensibilidade da soberana era bem real e não foi preciso esperar muito mais... Em breve surgiam no fim do desfiladeiro cerca de uma dezena de criaturas. E assim que estas notaram a presença dos humanos, emitiram furiosos rugidos. Num instante, surgiram milhares em louca correria, como uma praga de insectos vorazes.

— Mantenham posições! — ordenou a rainha com uma inesperada serenidade.

As criaturas aproximavam-se cada vez mais.

— Senhora... — sussurrou um dos oficiais do terceiro exército dhorian que viera consigo.

A rainha manteve-se imóvel. As criaturas iam-se aproximando.

— Agora! — bradou finalmente, quando os inimigos chegaram ao sopé da colina e abrandaram — Acabem com eles!

O embate entre ambas as forças foi violentíssimo e reclamou de imediato muitas vidas. A desproporção numérica era esmagadora e aquela primeira vaga dhorian viu-se de imediato numa luta desesperada. Darwar não tardou a ver-se apeado, após a sua montada ser esventrada nos primeiros instantes da refrega. O caos instalou-se rapidamente. Uma profusão de gritos e rugidos parecia agregar-se num único e horrível som. Até os guerreiros mais duros e experientes estavam estarrecidos. Lutar naquele campo era como tentar deter uma enxurrada...O dhorian mantinha-se em guarda, mas nenhuma criatura se deteve perto de si. A pouca distância, Hulgro vibrava furiosos golpes num inimigo já ferido de morte. Ao ver que Darwar o observava, o extrovertido soldado não pode deixar de se gabar:

— Ei, Darwar! Viste como eu fiz? — berrou — Eu bem te disse que...

As suas palavras foram subitamente interrompidas. Um esgar de dor e de incredulidade dominou-o. Sem que tivesse dado conta, uma segunda criatura aproximara-se de si pelas costas e trespassara-o com as enormes garras. Um segundo golpe decepou-o… Irado, Darwar investiu no intuito de vingar o camarada, mas acabou por ser derrubado por um outro monstro. O dhorian rebolou pelo chão e, assim que se levantou, foi novamente derrubado por um dos enormes braços da criatura. O soldado embateu violentamente com as costas no chão e sentiu na pele a tremenda força do oponente. Dolorido, abriu os olhos e distinguiu claramente a branca fiada de dentes abrir-se e cinco afiadas garras erguerem-se para o golpe final. O que poderia fazer?… Ele já tinha perdido a espada… Seria aquele o seu derradeiro momento? A morte… Procurou rapidamente a sua adaga e desembainhou-a a tempo de travar as garras que se precipitavam sobre si. E antes que a criatura tivesse tempo de reagir, Darwar correu para ela e enterrou-lhe a lâmina na garganta. O animal estrebuchou e começou a expelir_golfadas de sangue, tentando em vão respirar. Antes de tombar pesadamente no solo, o keepk ainda feriu o dhorian com uma chicotada do seu braço, num gesto que teve mais de desespero do que propriamente de agressão. Darwar nem se apercebeu disso, pois parecia hipnotizado com a visão da criatura, como se ainda nem acreditasse que era ela e não ele quem estava por terra. Porém, o dhorian teve de despertar rapidamente… Duas criaturas aproximavam-se e pareciam dispostas a desforrar-se da morte do semelhante. Darwar estava desarmado… O primeiro ataque deixou-o de imediato com o rosto coberto de sangue. O segundo deitou-o por terra. No entanto, parecia que as criaturas não o queriam matar de imediato, preferindo entreter-se um pouco com ele, tal como um felino se diverte com a presa…

Enquanto isso, a rainha já mandara avançar a segunda linha de cavalaria. Mas esse reforço de pouco adiantara… Os dhorians estavam a ser massacrados, não obstante os muitos actos de heroísmo que faziam as criaturas pagarem com sangue cada palmo de terra

conquistada. Mas a verdade é que elas eram demasiadas e cada soldado que entrava no combate via-se imediatamente rodeado por dois ou três oponentes. Gar-Dena decide então fazer sinal à derradeira linha dhorian, mas o oficial dessa unidade recusa-se a avançar. Irada, a rainha manda repetir a ordem mas, nesse momento, o seu corneteiro é despedaçado por duas criaturas. Ela olha em redor e vê-se rapidamente cercada por mais de uma dúzia de keepk. No interior desse círculo apenas está ela e um outro monstro que se prepara para aplicar o golpe de misericórdia a um soldado caído e muito maltratado. Sem perder tempo, aproxima-se das costas da criatura e desfere-lhe um golpe com tal força, que foi possível escutar o som dos ossos a estalarem. Uivando com as dores, a criatura caiu para a frente e as duas espadas da rainha puseram fim ao seu sofrimento... As outras que a cercavam hesitaram perante aquela demonstração de poder. Gar-Dena percebeu que tinha de aproveitar aquele instante. Agarrou o soldado ferido pela couraça, levantou-o e olhou-o nos olhos.

— Como te chamas?

— Darwar... — balbuciou o dhorian.

— Escuta-me com atenção, Darwar! Vai dizer ao covarde que está no cimo da colina que eu o mato com as minhas próprias mãos se ele não avançar...

Ele esforçou-se por manter os olhos abertos.

— Senhora... — tartamudeou — Não vale a pena... Nós já não...

A rainha abanou-o e aproximou-o mais do seu rosto, fixando nele o seu enigmático e intenso olhar.

— Não vale, soldado?! Não sabes o que nos impele? A mesma coisa que te fará subir a colina, mesmo que até tu penses que não o conseguirás... Não há outra resposta. Agora vai! Eu entretenho-os...

Sem dizer mais nada, Darwar assentiu e começou a correr aos tropeções pelo campo, passando por entre os inimigos que pareciam apenas concentrados em Gar-Dena, que não precisara de se esforçar muito para ter essa atenção.

— Pensam que me assustam?! — bradou a rainha, enquanto se mantinha em guarda, empunhando ambas as espadas — Hoje pagarão pela vida do meu querido Gar-Del! Antes de o dia acabar, haverá um rio de sangue keepk neste vale…

Já no topo da colina, após uma dolorosa e esforçada subida, o dhorian aproximou-se do oficial e transmitiu as ordens:

— A rainha manda-vos avançar!

O oficial franziu o sobrolho.

— Quem é este moribundo?! És tão louco como ela, rapaz! Seremos chacinados! Vamos retirar e regressar a Celénia. Se prezas a tua vida, vem connosco.

— Não! — contrariou Darwar.

O oficial agarrou-o com a intenção de o afastar, mas o soldado deitou-o por terra com um soco, deixando-o inconsciente. Depois reuniu as suas últimas forças e dirigiu-se aos camaradas de armas:

— Companheiros! Todo este mundo… Não é apenas por vocês que esta luta tem de ser travada. Vocês são os defensores de tudo o que foi, é e ainda será. O destino está nas nossas mãos. Sim, a morte aguarda-vos… Mas a vossa coragem não será em vão. Não… Ela viverá para sempre nos sorrisos dos vossos filhos, netos e em todas as gerações vindouras. Assim enganareis a morte e sereis eternos! È isso que nos impele! O que vão escolher, meus irmãos? Irão viver toda a vida como covardes ou morrer hoje como dhorians?!

Um a um, os cavaleiros ergueram as lanças na horizontal e depois bradaram a uma só voz, enquanto faziam a sua carga.

Enquanto os via partir, Darwar escutou um grito aterrador. Quis virar-se para ver o que se estava a passar, mas o seu corpo não o permitiu. Depois sentiu as forças abandonarem-no e caiu. Tudo ficou escuro e silencioso…

Passado algum tempo, já a noite tinha caído, um militar com um archote examinava os muitos dhorians que haviam exalado o seu último suspiro.

— Majestade! Este está muito combalido, mas ainda está vivo…

A rainha debruçou-se na sua montada e olhou para o ferido.

— Trá-lo connosco e trata dele!

Enquanto era carregado para uma carroça, Darwar recuperou momentaneamente a consciência.

— O que se passa?… — perguntou a custo.

O soldado que o encontrara sorriu.

— Sossega, rapaz… Muitos de nós morreram, mas conseguimos afugentar as criaturas. Conseguimos! Elas irão voltar e acabarão por conseguir passar, mas já ficaram a conhecer o valor dos dhorians e da sua rainha! Hoje esses monstros souberam o que é ter medo… E nós soubemos o que é ter esperança…

Muitas batalhas depois, já com as insígnias de oficial, Darwar observa atentamente os campos em redor das muralhas da cidade de Tekum. Ao longe descortinam-se hordas de criaturas a aproximarem-se. As trompetas tocam e os arqueiros posicionam-se para tentar rechaçar mais uma investida. Darwar sorri e passa lentamente os dedos pelas cicatrizes do rosto.

— O que sempre nos fará continuar… O que nos fará vencer…

Pedro Miguel Rodrigues Gomes Ventura (Montijo, 14 de Agosto de 1974) é um escritor português de romances/crónicas épicas.

Em 1989, acompanhando a família, passa a residir nas Termas de São Pedro do Sul, onde conclui os estudos secundários. Em 1996 vai viver para Viseu, cidade que escolha para fixar a sua residência. É aí que tira a licenciatura em Estudos Portugueses e Ingleses, na Universidade Católica Portuguesa. Casou-se em 2004 e tem um filho.

Conta com influências bastante diversificadas que vão de Homero a Rod Serling, passando por Tolkien, Camus, Júlio Verne, Teófilo Braga, C.S. Forester, George Orwell, Bernardo Santareno, Ray Bradbury, Isaac Asimov, Aldous Huxley, Paul Brickhill, Enid Blyton, etc...

"Goor - A Crónica de Feaglar sempre existiu no meu imaginário, apesar de apenas ter ganho forma escrita em 1996, por entre as aulas da Faculdade de Letras e muitas noites perdidas, sempre ajudado pelas sonoridades apropriadas – Enigma, Deep Forest, Enya, Within Temptation e muitos outros, dependendo das situações que ia escrevendo - não escrevo sem música, não viveria sem ela. Foi nessa altura que a estória de Goor se diferenciou de muitas outras, saindo do limbo mental em que se encontrava. Mas não foi fácil... Nunca poderá ser fácil transpor para o papel algo cujo suporte é meramente mental e decorre a um ritmo próprio, que nunca se compadece com as circunstâncias ou com o tempo real."

Entrevista a: Jorge Candeias!

(Entrevista publicada no Correio do Fantástico)

O nome de Jorge Candeias dispensa apresentações no universo da Literatura Fantástica portuguesa. Escritor, tradutor e entusiasta do género fantástico (como prova a criação da bibliowiki- projecto pioneiro em Portugal), é sem dúvida uma das figuras mais importantes do Fantástico em Portugal. O Correio do Fantástico decidiu ser tempo de apostar em entrevistas que poderão ser importantes para se perceber os mais diversos quadrantes deste enorme "mundo" do fantástico nas artes. Aqui fica então uma entrevista muito interessante onde o nosso interlocutor expõe as suas opiniões sobre os mais diversos temas:

Roberto - O que o despertou para a literatura fantástica?

Jorge: O meu pai, e provavelmente também a mãe. Não sei qual dos dois me deu os contos de Grimm, que foram praticamente a primeira coisa que li assim que aprendi o significado das letras. O mais certo é ter sido decisão de ambos. Mas foi o pai quem me levou ao cinema ver um filme animado de ficção científica, o meu primeiro, e também foi o pai quem me introduziu ao Júlio Verne, à colecção Argonauta, etc. É um grande fã do Bradbury e tinha uma pequena colecção de livros de ficção científica desde jovem, que eu rapidamente devorei e comecei a ampliar. E o resto é história.

Quais os autores que mais o influenciaram?

Na forma de escrever? Nem sei bem. Houve uma altura em que andei maravilhado com a escrita do Saramago e escrevi uma série de saramaguices, das quais algumas estão publicadas e as outras talvez o sejam um dia. Suponho que, apesar de me ter libertado entretanto desse fantasma, ainda é capaz de se notar a sua presença naquilo que escrevo. Também talez haja pelo meu texto resquícios de outra gente, desde o Barreiros até àqueles que tenho traduzido nos últimos tempos, em especial o Martin. E no princípio, nas primeiras coisas que escrevi e nunca serão publicadas, havia por lá Mário-Henrique Leiria a rodos.

Mas um escritor é uma esponja. Tudo o que entra pelos olhos

pode acabar a sair pelas mãos, às vezes da forma mais inesperada. Ou pelo menos serve para tomar decisões e fazer selecções. Isto sim, isto não, isto talvez resulte, isto nunca. E eu, como gosto de fazer experiências, ando sempre a variar a forma de passar as coisas ao texto, as abordagens, os temas, os géneros. Chateia-me a monotonia, o escrever-se sempre a mesma coisa da mesma maneira. De modo que provavelmente certas leituras minhas influenciam mais alguns dos meus textos e outras outros.

E assim às vezes saem coisas com algum interesse, a acreditar no que algumas almas particularmente caridosas me têm dito. Outras, provavelmente a maioria, não.

O que pensa da realidade actual da literatura fantástica em Portugal?

Anda movimentada, graças em grande medida à actividade de editoras como a Saída de Emergência, a Gailivro e a Presença, agora que as editoras "tradicionais" no género (Livros do Brasil, Caminho e Europa-América, basicamente) dão fortes sinais de desgaste ou pura e simplesmente fecharam as portas ao género. Só tenho pena de se focar tanto na fantasia em detrimento de géneros que me agradam mais, como a FC, de haver uma enorme resistência do público perante formas de ficção curta, que considero fundamentais para a renovação e desenvolvimento dos produtores de ficção fantástica, e de haver um foco tão grande na literatura juvenil por parte de algumas das pessoas e empresas activas no sector. Está certo que para cativar novos leitores convém agarrá-los cedo, e a existência de uma forte literatura fantástica juvenil é importante, mas não pode ser vista como o alfa e o ómega do fantástico, como alguns parecem vê-la.

Mas têm-se publicado coisas excelentes nos últimos tempos. Excelentes e adultas.

Quanto ao material escrito cá, lamento que quem não escreve sagas de fantasia e/ou literatura juvenil tenha tão poucas possibilidades de publicação em editoras maiores. O que tem saído têm sido basicamente séries mais ou menos juvenis e mais ou menos derivativas da fantasia épica anglo-saxónica ou da fantasia céltica. Há uma excepção: O David Soares, um bom autor que nos últimos anos publicou dois romances (independentes um do outro e tudo!) e um livro de contos com base no horror e em Lisboa. O resto, são sagas de fantasia, umas melhores outras piores, umas mais infanto-juvenis outras menos. Ou material

relegado para editoras sem visibilidade nem peso no mercado.

Note-se que não tenho nada contra que se publique este tipo de coisa. Não sou daqueles snobes que do alto do seu narizinho empinado se arrogam o direito de decretar, com base nos seus gostos pessoais, aquilo que deve ou não deve ser lido. Mas digo que é pena que as editoras só pareçam ter as portas abertas a esse tipo de coisa. Onde estão os livros de contos? Em especial os de um autor só, dado que antologias até vão aparecendo de vez em quando. Onde estão os livros de ficção científica? Onde estão os livros de horror que não sejam escritos pelo David Soares?

Mas enfim, tudo isto é um caminho que se faz, e há muito de cíclico nas enfatuações de público e editoras por este ou aquele tipo de livro e história. Tarde ou cedo a bolha da fantasia esgota-se, e os pratos da balança penderão para outro lado. Convinha era irmos preparando esse futuro desde já, quanto mais não seja para ir mantendo os autores em actividade. Escrever é como jogar à bola: ou treinas regularmente, ou quando vais tentar fazer alguma coisa nem aguentas até ao fim da primeira parte.

Qual o valor que atribui aos blogs sobre o fantástico, especialmente os portugueses? Na sua opinião existem blogs, ou sites, sobre o fantástico com qualidade suficiente para conquistar cada vez mais novos públicos? E que blogs ou sites destaca actualmente?

Acho que os blogues são muito importantes como modo de formar comunidades e manter as pessoas em contacto. São uma das várias formas que existem hoje para fazer isso (fóruns, listas de email, sites sociais, twitter…), e todas essas formas entrelaçam-se. Mais do que a sua qualidade intrínseca, é esse o seu grande potencial. As pessoas juntarem-se para escrever sobre as coisas (ou escrever coisas), mesmo que não escrevam muito bem, mesmo que sem grandes bases, é muito importante. Foi por isso que apoiei desde o início a ideia do agregador, o Odisseias Fantásticas, e foi por isso que aceitei o convite que o Bruno me fez para ser seu editor, apesar do pouco tempo que tenho livre.

Já não tenho muitas certezas quanto ao potencial dos blogues para conquistar, propriamente, os públicos. Duvido que haja muita gente a frequentar blogues ou fóruns ligados duma forma ou outra ao fantástico que não seja já de certo modo público do

fantástico. Parece-me que o papel dos blogues pode ter mais a ver com fidelização do que propriamente com conquista. Alguém encontra um blogue que lhe agrada, provavelmente a partir de uma busca no google por algo que tenha lido ou esteja a pensar ler, e vai ficando, vai visitando. Ou visita todos os dias o local onde todos eles se reúnem. Ou recebe as novidades por RSS.

Quanto a destaques, prefiro não os fazer no que toca aos blogues. A minha condição de editor do Odisseias aconselha a não me pôr a dizer se gosto mais de A do que de B. Não vale a pena o risco de ferir susceptibilidades, embora, evidentemente, haja ali blogues que me interessam mais do que outros. No que diz respeito a sites, e se me é permitido puxar a brasa à minha sardinha, gostava de mencionar o Bibliowiki. Porque dá uma trabalheira do caraças e por isso eu falo dele sempre que posso, e porque é a mais completa (apesar de ainda muito incompleta), volumosa e, sim, rigorosa compilação de informação que já se fez acerca do que se edita e editou em português. O Bibliowiki é, penso eu, outra forma de promover o fantástico, informando as pessoas daquilo que existe e, tendo embora por vezes de recorrer a doses elevadas de determinação e trabalho detectivesco por alfarrabistas e bibliotecas, ainda é possível encontrar. Comecei a sucessão de encarnações daquele projecto convencido de que não se tinha editado muita coisa além da sacrossanta Argonauta e de mais algumas colecções; hoje, temos ali listados mais de mil e quinhentos romances além de vários milhares de outras obras. E tenho também plena consciência de que há ainda montes de material de fora. Especialmente o não-português, ainda pouco mais que residual no conteúdo do wiki.

Mudando de assunto e falando um pouco sobre o seu projecto, "Por Vós lhe Mandarei Embaixadores", pelo qual desde já o felicito, quais os projectos que tem programados para esta história? Passará o futuro do "hoog" pela publicação no universo editorial português?

Obrigado pela felicitação.

O futuro imediato do "hoog" passa por uma edição de autor em print on demand. O plano inicial era ter esta edição pronta mais ou menos a meio da edição electrónica, mas infelizmente quem se tinha comprometido a fazer a capa levou dois meses a engonhar e depois apresentou-me um projecto de capa que eu achei nada ter a ver com a história. De modo que esse plano

foi por água abaixo, mas só no que toca aos timings: o resto continua de pé.

Além disso, a ver vamos. Tenho mais umas ideias aqui guardadas algures no hemisfério esquerdo, mas como tudo aquilo é experimental, e uma das coisas que a experiência quer medir é que impacto tem cada ideia, se é que tem algum, uma revelação precoce estragaria o efeito.

Considera, agora que a história conheceu o seu fim, que a publicação electrónica, através de um blog, é viável?

Bem, a publicação em si é viável, tanto assim que o romance está lá, disponível para ser lido por quem quiser lê-lo. Se tem futuro em termos de forma de chegar ao público, isso já tenho algumas dúvidas. Já as tinha quando comecei: sempre encarei com bastante cepticismo todo o hype em volta das ideias do Cory Doctorow acerca das vantagens que a disponibilização gratuita de literatura traz. Achava que o mais certo era a coisa resultar, eventualmente, para gente com nome firmado e uma enorme base de fãs, mas para quem não tem nem uma coisa nem outra, como eu, provavelmente não. Mas como acho estúpido fazer afirmações sem base concreta, resolvi embarcar nesta experiência.

Para já, os dados parecem confirmar o que eu pensava. O Google Analytics diz-me que o blogue foi visitado por menos de 200 pessoas, com um belo pico quando o romance chegou ao fim. Dessas 200, ajuizando pelos tempos de permanência no blogue e o número de páginas vistas, a grande maioria nem lê; limita-se a passar os olhos. Mesmo descontando a chatice que é para muita gente (eu próprio incluído) ler no écran, acho um resultado muito fraquinho. E mesmo tendo em conta que uma sátira de FC não é propriamente a coisa mais popular que eu poderia ter escrito: muitos dos que gostam de FC não gostam de sátira, e o resto vê por lá extraterrestres ou ouve falar em FC, fica de cabelos em pé e foge mais depressa do que estivesse a correr uma Tona.

Mas a experiência ainda não terminou. Vamos lá a ver se algumas das coisas que tenho pensadas modificam os resultados ou não. Depois logo vos digo.

Para finalizar, sendo uma das pessoas mais importantes da literatura fantástica da actualidade portuguesa, considera que o futuro do fantástico nas artes, em Portugal, será grandioso?

Esta provocou-me um sorriso. Ou dois.

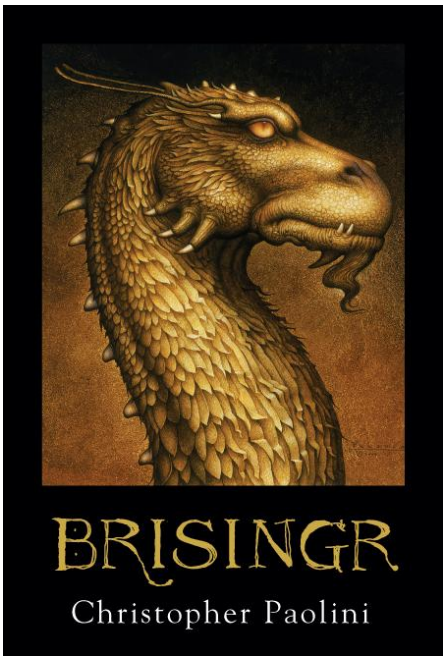
Grandioso é uma palavra muito... grandiosa. Se julgo que há futuro para o fantástico, não tenho dúvidas em afirmar que sim. O fantástico é um conjunto de formas de contar histórias que se baseiam na imaginação, por contraponto ao realismo. Há, e haverá sempre, quem só goste de histórias que lhe pareça que se poderiam passar ou ter passado mesmo na realidade concreta do mundo que os rodeia. Tudo bem, estão no seu direito. Mas também há, e haverá sempre, quem só goste de histórias que incluam magia ou aquele tipo especial de realismo imaginativo que é característico da ficção científica. Ou quem as prefira às outras. Ou quem goste de ir debicando ora de um prato, ora de outro. Basta isso para garantir que o fantástico tem futuro. Mas não nos diz nada sobre a forma que esse futuro assumirá. Eu gostaria de o ver o mais múltiplo e variado possível, com o bom e o mau, com sagas e mini-contos, com fantasia, horror e ficção científica, fantástico clássico e surrealismo, com traduções e trabalhos originais, com tudo, tudo disponível e em quantidade. Esse era o meu particular paraíso, a minha utopia pessoal. Mas não acredito que se realize, a menos que a mentalidade prevalecente aqui no rectângulo à beira mar plantado sofra algumas alterações de monta. Portugal é um país que simplesmente adora colocar areia nas engrenagens que cria. Há quem se regale em ficar à margem, a atirar vidros para a estrada na esperança de furar algum pneu e ter o gostinho de ir depois ver e comentar o acidente. Esta gente garante que nunca nada chegue a atingir o potencial que poderia atingir. É uma luta. Mas a única resposta possível a dar-lhes é não parar nunca de fazer coisas.

É o que eu tenho tentado fazer ao longo dos últimos anos. E não faço planos de mudar de atitude.

Crítica a : Brisingr!

Fábio Júnio -

O Crítico



Quantos mais exemplos vejo mais acho que algumas séries de literatura fantástica

apenas alcançam o sucesso, ou não, devido ao tempo decorrido entre o lançamento dos diversos volumes. É que, lendo o que escrevi acerca de Eragon e Eldest, percebo que o Ciclo da Herança, de Christopher Paolini, já não me entusiasma tanto como noutros tempos.

O mais recente livro deste ciclo, Brisingr, revelou-se uma obra demasiado mediana, demasiado previsível e demasiado concentrada em pormenores. Não foi uma desilusão nem uma leitura desprovida de qualidades mas, com 800 páginas e dois livros precedentes aos quais compará-lo, esperava muito mais.

O volume anterior terminou com uma batalha épica e o reencontro dos primos Eragon e Roran. Muitas questões foram deixadas no ar e esperava que os volumes seguintes trouxessem as respostas. O que não esperava é que o autor se sentisse tão forçado a dá-las, facto notório pelas inúmeras situações descontextualizadas por ele criadas para explicar pormenores com pouca importância. Fiquei ainda com a sensação de que este livro serve apenas para esclarecer os mistérios dos volumes precedentes e prepará-lo para o último, pois a história e a intriga propriamente dita quase não existem.

Ainda assim, existem momentos de acção e algumas revelações que justificam a leitura desta obra. Seja em Surda, em Farthen Dûr ou Ellesméra, com as aventuras de Roran ou os desafios de Eragon e Saphira, é possível reencontrar a criatividade do autor e voltar a ser arrebatado pelos detalhes que fizeram milhares de leitores querer acompanhar a demanda do jovem rapaz que encontra um grande ovo azul.

O tom épico, a magia, as batalhas e as personagens tão familiares, mas ainda surpreendentes, fizeram-me continuar a ler atentamente cada página, mesmo com a monotonia e o lento desenvolvimento da acção. Os pontos fortes da demanda de Eragon mantiveram-se, mas foram muito pouco explorados.

Não diria que o estilo do autor mudou, mas neste livro as suas intenções foram diferentes: ao invés de contar uma nova história ele limitou-se a justificar

ou concluir o que iniciou nas primeiras obras. Tal permite aos fãs compreender muito melhor a Alagaësia, os seus habitantes e os desafios de Eragon, mas resultou num livro pouco estimulante.

Se vale a pena ler? Sim, diria que sim, mas sem demasiadas expectativas. Quanto a mim resta-me esperar pelo próximo volume que, espero eu, só pode ser melhor do que este, dando uma conclusão justa a esta grande aventura.

Boas Leituras!

Visita o Correio

do Fantástico em

www.correiodofantastico.wordpress.com

e o nosso forúm em www.forumcorreio.forumeiros.com

A ULTIMA VIAGEM

ROBERTO MENDES

Conto:

A Ultima Viagem;

Roberto Mendes

Abrem-se portas de ouro, fulminantes de fulgor. Na esfera do invisível voa o espírito da morte libertadora, um vento forte sopra rompendo a noite que se abatera sobre o mundo, lua de tormentos defuntos, noite sem fim, mas não para mim! Os seus olhos fulminam-me num patético pedido de piedade, não vêm que em mim não vive a bondade. E é assim que os seus olhos percebem o que sou, um espectro dos meus próprios pensamentos, um fantasma de mim mesmo: a morte de olhar faminto que, de pé, o olhava pedinte! E na noite retorcida de tormentos os seus olhos odiaram-me, dementes, até que o som fulminou o silêncio e o seu sangue jorrou, conspurcando-me de um doce cheiro almiscarado do prazer inalterado com que o vi na morte prostrado.

Desço as ruas da cidade, deixando o corpo para trás. Aqui o cheiro da noite sempre fora diferente de qualquer outro. As janelas altas escondem abutres execráveis que não a ousam enfrentar: a noite! Não é muito escura a rua que me fará sair deste bairro nojento, ouço a minha voz praguejar contra os candeeiros que ousam iluminar a escuridão e faço um movimento automático, procurando a arma de que me havia despojado, deixando-a repousar com ele, a minha centésima vítima. Nunca percebi porque os contava, e por mais que pensasse sobre isso nenhuma explicação me ocorria. Certo dia havia lido em algum lugar um verso que nunca me saíra da cabeça: "*quando matares cem corvos, arrancando*

a vida às suas asas destroçadas, surgirão soluços de raiva incandescente e cem gargalhadas de cem vidas despedaçadas te acompanharão na última viagem, rindo de ti". Que raiva, serei assim tão estúpido? Ao ponto de temer um simples verso…

Estou agora perto do meu destino, anseio por me infiltrar no submundo que se esconde no metro. Ali, debaixo da terra, onde nem a lua me ilumina, é onde me sinto melhor. Quero entrar nos túneis negros e não mais sair, labirinto diabólico que acalma a minha alma. São já duas da manhã. No metro certamente que encontrarei as minhas almas gémeas, noctívagos silenciosos e solitários, que se misturam com a monotonia do negrume cortado pelas portas que abrem e fecham sem levarem a lado nenhum. Apesar de solitárias são muitas as almas penadas que viajam de noite, procurando o seu destino. Mas nunca como hoje ansiara a ausência dos meus pares, para me poder perder na completa solidão.

Ah…avisto a sua entrada, de perfeição imaculada! Dou por mim a correr para ela e logo abrando o passo, não quero deixar que os meus impulsos me controlem. Tremo de suores frios, o meu coração parece querer rebentar. Mas que raio se passa comigo esta noite? Sou ávido a entrar. À medida que desço os sujos degraus vou-me sentindo mais calmo, qual presa que sente escapar do seu predador. Paro em frente da maldita máquina que me veda momentaneamente o acesso. Sinto uma picada nos olhos enquanto aquele pedaço de hardware me analisa, deixando-me depois entrar lançando o meu nome ao ar naquela voz inumana a que chamaram um dia progresso…bah…o progresso chegou na forma de controlo, o

big brother derradeiro, perfeito. Mas a estação era antiga, oh, uma das primeiras, construída séculos e séculos antes de ter o prazer de a respirar. Ao alcançar o último degrau deparo-me com o impensável. A estação, sempre fervilhante de actividade, aparecia-me agora deserta, com as suas sete linhas velando pelo incrível marasmo que consumia o subsolo. O enorme relógio amarelo marcava as horas. Dou por mim a olhá-lo fixamente, como sempre faço, apesar de não perceber os números que o adornam…"são romanos" ouço o meu pai dizer e sinto-me de novo com oito anos, segurando a sua mão enquanto a construção desta estação me maravilhava pela primeira vez. Entro, apreciando o silêncio. É a primeira vez que vejo qualquer estação completamente vazia e isso fascina-me. É como se tivesse entrado para um mundo diferente, distante, antigo, soberbo! Sento-me e descontraio. Sinto-me num mundo só meu, onde posso repousar. Ouço ao longe o aproximar do comboio, se ao menos estivesse também vazio. Levanto-me e espero. O gigantesco comboio chega em velocidade pairando sobre os carris. Pára. É um dos modelos mais recentes e a forma como contrasta com o ambiente da estação é quase malévola, qual ferida mortal num corpo jovem e são. Entro, para meu espanto a carruagem está vazia. Olho pela última vez a estação e espero que a porta feche. Ouço um grito que ressoa no vazio, fazendo-me tremer. É um grito de mulher, desesperado, miserável… oh como conheço este grito, mas não pode ser… tento olhar para fora do comboio mas a porta fecha, cortando o som do grito que tantas vezes me havia despertado do sono. Assustado olho em volta, respirando pesadamente, tentando acalmar-me. Estou sozinho…sento-me e

encosto a cabeça no vidro, fecho os olhos.

Lá fora uma tempestade brindava o mundo, os trovões faziam-se ouvir, logo iluminados por relâmpagos que se abatiam sobre a noite e que entravam pela janela mostrando espasmodicamente o seu corpo: deitado de costas na velha cama do meu pai. Sentia o sangue escorrer, caindo do nariz; Todo o meu corpo doía, latejando em gritos mudos que reclamavam dos seus mais recentes golpes, daquele que tinha tomado o lugar do meu pai e que matara a minha mãe…o machado que segurava abateu-se sobre o seu crânio separando-o em dois bocados afogados no sangue negro e viscoso que irrompeu do golpe…novo relâmpago e a arma do crime fica cravada na sua cabeça, qual assinatura…

Ouço o som do relâmpago e vejo o machado na sua curva descendente…abro os olhos e grito de susto, não estou sozinho… um homem gordo está sentado num banco a três filas do meu, de costas para mim…como é que eu não o vi antes? Estamos perto da próxima estação. Pelo que consigo ver deve ser um homem na casa dos cinquenta anos, usa um casaco antiquado com padrões verde e bege. Na cabeça usa um chapéu que cobre o que parece ser um antigo lenço manchado de vermelho…consigo ver que segura algo, parece um cabo vermelho de algum objecto que leva ao colo. Curioso, caminho até ele, não parece ser do tipo de pessoas que frequentam o metro a estas horas…talvez tenha algo valioso que eu possa roubar. Coloco a mão direita no bolso das calças onde guardo uma pequena navalha. Sento-me no banco à sua frente e olho-o nos olhos, ou pelo menos tento…usa um tipo de lenço que não via há muito tempo. Cobre-lhe todo o rosto,

deixando apenas um pequeno buraco onde se distinguia um olho azul profundo, cansado. O lenço parece ensanguentado; Decido recuar, talvez o tivesse subestimado, além disso segura o que parece ser um pequeno machado. Levanto-me…

- Não, fica! – O meu coração pára momentaneamente. Aquela voz… e a frase que tinha sido proferida. Não era um pedido: era uma ordem.

- Quem és? E a quem pensas que estás a dar ordens? – Ouço-me responder, tentando imprimir na voz a confiança que não sinto.

- Ah, Ah, Ah…não precisas que te diga quem sou…não, tu não precisas mesmo. Olha-me e diz-me que não me reconheces – As suas grandes mãos largam o machado e retiram o chapéu…num ápice o lenço é removido e eu olho-o: o seu crânio deformado, dividido, adornado apenas por um olho e metade do nariz e boca, o sangue a jorrar de um golpe colossal que tinha desfeito o rosto da minha primeira vítima!

"A próxima estação", grita o meu cérebro enquanto retiro e empunho a navalha.

- Vejo que te fartastes das lâminas grandes – sorri venenosamente;

- Mas como…? E o que queres? – Tremo incessantemente enquanto tento recuperar o equilíbrio mental, tem de ser uma ilusão.

- Hum…vejamos. Penso que talvez queira apenas perguntar-te porquê?

- Mataste a minha mãe seu porco nojento…ainda perguntas porquê?

- Não matei a tua mãe, ela morreu com uma overdose miúdo… - E olhando-me com o seu grande olho azul a imagem

atingiu-me: a minha mãe numa qualquer casa de banho imunda, uma seringa…a minha mãe morta!

Vejo a sua cabeça retalhada mostrar um gesto de desaprovação, sinto-me mal, como se alguém me tivesse retirado todo o ar do universo e não pudesse mais respirar…chegamos à estação, o comboio pára. Viro-me e corro para a porta que não abre enquanto ouço a sua gargalhada defunta…o comboio começa nova viagem: olho e não vejo ninguém na carruagem. As minhas pernas cedem e eu caio, encostado a uma porta que eu sabia não ir abrir… Lembro-me agora, aquele verso, não o tinha lido. Tinha-o sonhado e fora o meu pai a proferi-lo enquanto olhava para mim desiludido. Não era um simples verso, era uma profecia!

O que sou? Certamente tudo ou talvez um nada completo, misto infeliz de trevas com raios doces do calor da madrugada onde mil sóis dourados velam por mim, moribundo devorado pelo mundo, um ser monstruoso de força bruta, um louco que se esquece e se reinventa na fantasmagórica noite sem fim trazendo a morte em mim. Sou enfim um vácuo nocturno: cego, taciturno!

O seu semblante enrugado olha-me, enquanto eu, no chão prostrado, começo a sentir o sangue aveludado que me beija a pele retalhada da face desfigurada. Vai embalando o bebé que chora de medo, a seu lado uma criança agarra-lhe o braço. Um pequeno orifício avermelhado na sua barriga estraga-lhe a camisa branca soberbamente engomada. Fora aí que o atingira. À velha tinha-a degolado, e agora que a olho com

o único olho que me resta, vejo o seu sangue cansado no seu pescoço amarrado. Ao bebé, oh…ao bebé tinha-o sufocado! O meu primeiro serviço: Uma velha mãe e os seus dois filhos! Eu tinha apenas quinze anos…e ali estavam eles, sentados olhando-me com um cínico sorriso nos lábios. A minha cabeça parece explodir, levanto-me a custo e preparo-me para o susto enquanto arranjo coragem para olhar o meu reflexo no vidro espelhado que adorna a carruagem: mas no fundo eu já o sei; Olho, o que vejo? Uma cabeça dividida, em sangue embebida. Metade da face desfigurada, ferida de guerra acabada. O meu primeiro golpe, que agora era realmente meu! Sofreria eu os estigmas da minha maldade?

- Porquê? – A questão impunha-se mas eu não a queria ouvir. Odeia-a por isso. A sua voz soou melodiosa, vinda de um ser antigo de experiência ancestral.

- Foi apenas um trabalho – a minha voz soa de forma inumana, consequência da minha chaga – Para mim vocês foram apenas dinheiro, nada mais!

- Mas como conseguiste? Assassinar-me a mim, uma velha alma que muito tinha visto da vida…isso consigo perceber – as lágrimas rolavam pela sua face que me parecia agora gentil, como pude eu fazer-lhe mal? – Mas magoar duas inocentes crianças, um bebé! – E eu senti-o, a cada palavra eu sentia uma dor profunda, dilacerante, como se milhares de mãos me espancassem; o bebé chorou e eu senti-me sufocado; o miúdo olhou-me, penetrando em mim e revolvendo todo o meu ser pelo caminho e eu senti a minha barriga esfaqueada. A velha olhou-me demoradamente, até se sentir satisfeita. Será que ela

percebeu o que ia na alma? Que pior que os estigmas que se abatiam sobre mim, as feridas eu causei e que me matavam lentamente, pior que isso era a dúvida que se abatia sobre mim, o que era eu? Porque matava? E que prazer sentia ao fazê-lo? E porquê? A gargalhada que se ouviu ecoou no meu ser, arrebatando-me de dor, fazendo-me tremer. Riam os três, riam de mim! Sinto o comboio parar mas não olho as portas, sabia que não iam abrir! Fecho os olhos por instantes reflectindo no que posso vir ainda a enfrentar. Estou fraco, uma enorme poça de sangue envolve os meus pés e sinto-me desmaiar…sinto o meu peso abater-se no lodo nojento do meu próprio sangue e perco os sentidos…

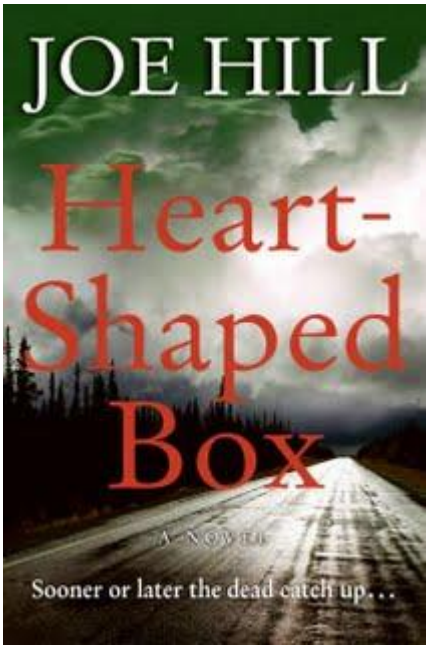
Acordo…o barulho é ensurdecedor, húmido e morno, uma muralha de treva onde ouço passos que viajam através do silêncio frio e obscuro da morte, beijando-me o coração. Os lugares estão repletos. Em todo o lado vejo os defuntos enfermos a quem arrebatei o sopro da vida. Levanto-me, caminho entre eles. Conheço todos os seus rostos, oh sim…conheço-os de todas as noites em que fecho os olhos. Que assombração divina, Eu, o Carrasco e eles, as minhas mortes! Percebo agora, percebo que morri a cada golpe, a cada divina vida que fiz sepultar. Matei demais, ou será que existe um limite? Parece-me agora que cruzei esse limite invisível logo no primeiro golpe. Olham-me e matam-me um pouco mais, enquanto recebo, agora de braços abertos, as suas dores, as suas chagas. *"Porquê", "Porquê eu?", "Porquê"* … Todos me perguntam e eu vou balbuciando as minhas respostas, mas que poderei eu responder? Se fui eu quem já deu a resposta, arrancando da minha alma toda a humanidade que nela deveria existir…ou será esta a natureza

do ser humano? Matar…ser mais forte, prevalecer! Procuro-a, quero vê-la, Eles levantam-se, escondem-na mas eu preciso dela, amor lançado ao vento. Corro e afasto-os, sinto-a, sinto a sua chaga embeber o meu corpo dilacerado. E ela aparece, o meu único amor, sonho bordado de incerteza, na sua face traços de piedade, ou será tristeza? Certamente beleza… Mas já não é a mesma, era outra luz, outro brilho superior à própria natureza. Quero abraça-la, num desfalecimento profundo, um abraço capaz de engolir o mundo. Um último suspiro de um moribundo! Envolvo-a nos meus braços: uma dor como nenhuma outra abate-se sobre todo o meu ser e vejo-os morrer, um a um, como num flash que consumia o tempo, e enquanto todos se riem de mim, deixo-me ir no vácuo eterno de silêncio glacial, e neste sonho doloroso levo as mãos ao peito, arranco o coração desfeito e, num último gemido, parto, simples espectro de um mundo defunto.

Roberto Mendes é o criador do blogue "Correio do Fantástico", um apaixonado pelas artes, em especial a literatura. Os seus géneros preferidos vão desde o policial ao existencialismo, com um interesse maior nos géneros do fantástico. Recentemente tem trabalhado em dois projectos na literatura fantástica, a antologia de contos "Vollüspa" e a presente "Dagon".

Crítica: Heart-Shaped Box

João Seixas



Jude Coyne, famosa estrela de ***heavy-metal*** e praticamente o único sobrevivente do grupo ***Jude's Hammer***, adquire um fantasma na ***Internet***. O que podia ser apenas uma brincadeira ou excentricidade, acaba por revelar-se um assunto bastante mais sério, uma vez que Jude foi escolhido, propositadamente, como alvo e recipiente daquele fantasma: o espírito de Craddock McDermott, um velho hipnotista e veterano do Vietnam, que faleceu pouco depois do suicídio da enteada, a última namorada de Jude. E, à medida que as aparições do fantasma se vão tornando mais e mais agressivas, Jude compreende que o seu único objectivo é a vingança. Mas a verdade é como as moedas, tem mais do que uma face, e quando Jude, Georgia (a sua actual namorada) e os dois fiéis pastores alemães partem rumo à Florida para por cobro àquela ameaça, o que descobrem é ainda mais sinistro e surpreendente do que à partida podiam contar.

O confronto do leitor moderno com uma história de fantasmas, quase um século depois de M.R. James ter (praticamente) esgotado as variações do género, obriga-o a formular, uma e outra vez, a velha questão que Lafcadio Hearn levantou no seu ***Nightmare-Touch*** (in ***Shadowings***, 1900):"***para aqueles que acreditam em fantasmas, qual é a razão do medo inspirado por eles?***" E a resposta aventada, a título especulativo, permite-nos tactear a real inquietação que escorre, quase física, das páginas desta primeira obra de fôlego de Joe Hill.
"***Qualquer medo que possa sentir-se, é sempre resultado da experiência – experiência do indivíduo ou da espécie – experiência da vida presente, ou de outras já esquecidas. O próprio medo do desconhecido não pode ter outra causa. E o medo de fantasmas, só pode ser resultado de uma dor já experimentada***".

O fantasma torna o passado táctil. Obriga ao reviver de uma dor pretérita. O fantasma é, afinal, a vingança da memória, o remorso corporizado. Quando conhecemos Jude Coyne, ele é o que esperaríamos que fosse uma velha estrela de ***Heavy Metal***, semi-retirada, depois do suicídio de um elemento da sua banda (disfarçado sob a capa de um acidente de automóvel) e da morte dolorosa (às mãos de um cancro incurável) de um outro: ou seja, tudo menos assolada por remorsos. A sua cama é frequentada por uma série sucessiva e ininterrupta de ***roadies***, ***groupies***, ou jovens góticas, pelo menos trinta anos mais novas que os seus cinquenta e seis, e a vida suficientemente abastada para que as possa tratar com o desprezo que as ***gothic chicks*** buscam nas divindades do ***hard rock***. Suficientemente abastada, mesmo, para se entregar a pequenas indulgências macabras, como seja coleccionar artigos do oculto e do extremo (desde a confissão de uma bruxa, assinada no século XVIII, até um filme ***snuff***). Por isso, Jude não hesita quando lhe surge a possibilidade de adquirir na Internet um fantasma verdadeiro, que acompanha um fato que lhe é entregue numa caixa negra, em forma de coração.

Verdade seja dita, Jude Coyne é-nos apresentado como sendo uma criatura verdadeiramente desprezível, não muito distante daquela faceta de si próprio, que Jerry Lewis nos mostrou no sublime *The King of Comedy* (Scorcese, 1982). Aliás, observe-se (como Georgia o faz também), que "Jude Coyne", é homófono de "Judas Coin", das moedas com que Judas vendeu Cristo. Sintomaticamente, dizem-nos as fontes bíblicas, Judas acabou por se suicidar, ele próprio, por remorsos…

A chegada do fantasma, porém, com o seu fato negro e olhar de sarrabisco, como se oculto sob os traços furiosos de uma caneta (um aspecto curioso, incomum mesmo, mas que evoca uma estética mais japonesa, da tradição dos ***kwaidan***, ou o hábito mediterrânico de cobrir os olhos dos cadáveres com moedas, para pagar a passagem a Caronte), vai forçar o leitor a alterar, progressiva e radicalmente, a forma como encara Jude Coyne; vai mostrar que por baixo da barba hirsuta do roqueiro, se encontra ainda (o fantasma?) de Justin Cowzynski, um rapaz pobre de uma família pobre do sul, vítima de maus-tratos familiares (da violência do pai e da cobardia da mãe), e que apenas queria tocar guitarra.

A narrativa, conforme sintetizada

acima, admite níveis de leitura diversificados, traduzindo o imperecível potencial do horror para minar o inconsciente colectivo das sociedades modernas; mas, sobretudo, explora de forma apaixonada os processos de formação/desintegração da personalidade individual, elaborando um jogo de espelhos e miragens entre as várias ***personae*** (no sentido de máscara social), representadas pela sua identidade pública, auto-imposta (Jude Coyne, que acoberta sob a sua persona violenta, fria e indiferente, a personalidade mais afável de Justin, ou daquilo que Justin poderia ter sido, tivesse crescido num outro ambiente) ou imposta por outrem (Marybeth, que primeiro tem a persona de Morphine, a ***stripper***, sob cuja máscara pretende ultrapassar – em excesso, assim redimindo – os pecados de ter sido uma prostituta aos treze anos; e depois a de Geórgia, que lhe é atribuída por Jude, que não quer saber do seu passado, até ambas serem quase submersas pela personalidade de Florida, a rapariga maníaco-depressiva cujo suicídio o fantasma do padrasto parece querer vingar). Mas o próprio fantasma, nas suas motivações, não passa de uma máscara.

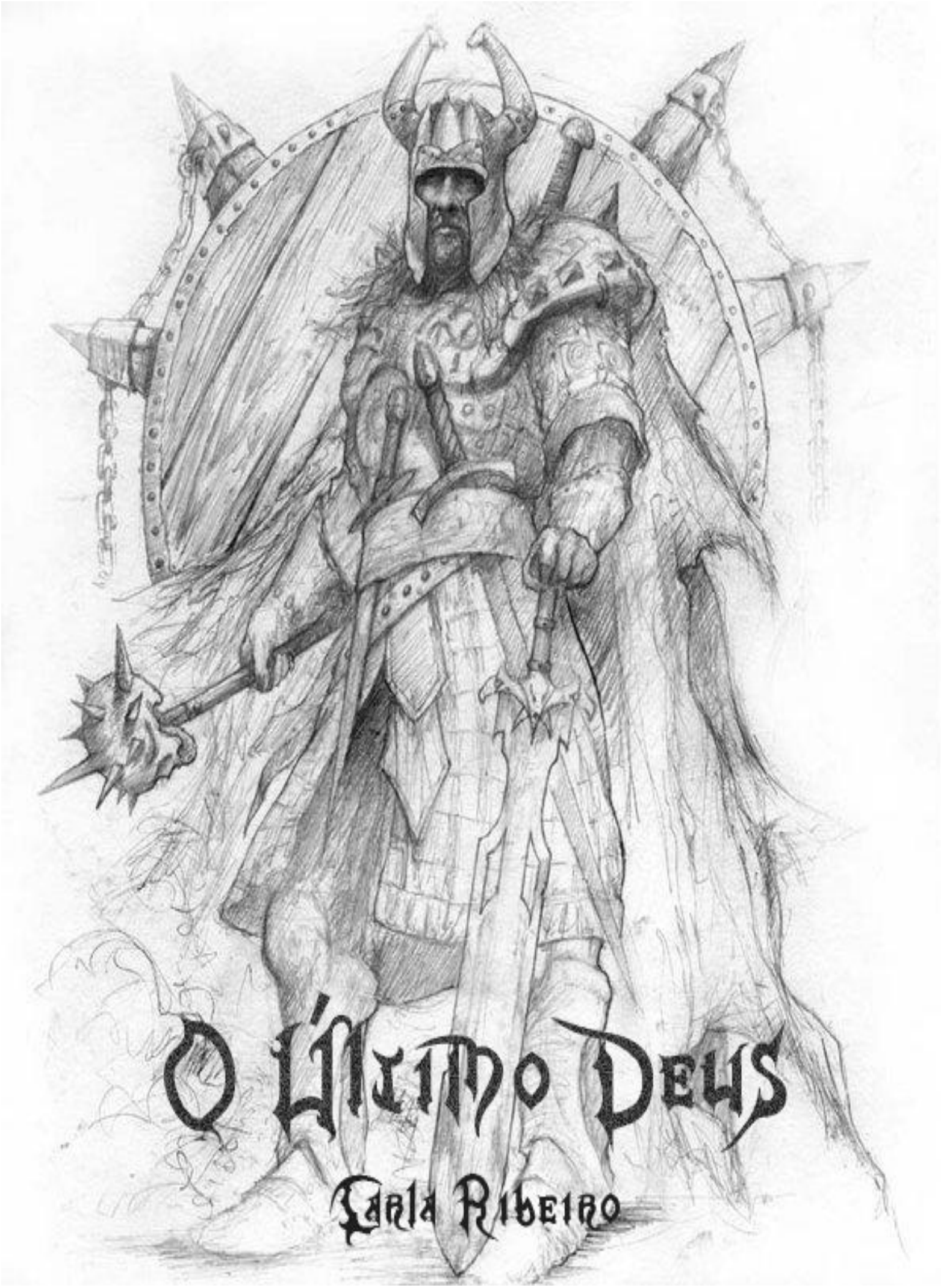
Joe Hill escreve de uma forma surpreendente; para aqueles que sabem ser filho de Stephen King, que praticamente criou o horror contemporâneo, será difícil resistir a fazer comparações com as obras do pai; os carros fantasma de *Christine* e *From a Buick 8* estão aqui presentes, tal como os cães sobrenaturais de *Cujo*; os dedos decepados e a porta riscada no solo de ***The Dark Tower***, o recurso aos brand names que polvilham os diálogos e as descrições [quando Jude diz a Geórgia que comprou o fato assombrado numa mera imitação do ***eBay***, ("***a third-rate clone***") e lhe explica que por um qualquer motivo era necessário que ele comprasse o fato, concluindo ter a certeza de que existe ali uma qualquer mensagem moral mais profunda, a resposta da companheira é simplesmente "***Yeah. Stick with eBay***"], e os diferentes tipos de fonte impressa para representar diferentes tipos de discurso, são tudo elementos característicos da obra de King (como antes de John dosPassos, John Sladeck ou John Brunner). Mas, por via da sua popularidade, espalharam-se rapidamente pela paisagem literária, encontrando-se, de uma forma ou outra, na obra de qualquer autor. Onde Hill segue as passadas de King é na soberba habilidade narrativa, na sobreposição da arte do ***storytelling*** à da mera escrita novelesca (experimente-se ler o texto em voz alta, para depressa notar o ritmo e a cadência quase

musical das frases). Tal como um bando de aves que nos prende o olhar para logo nos ludibriar com uma súbita e coordenada mudança de direcção, Hill agarra o volante da atenção do leitor e passa a conduzi-lo a seu bel-prazer, por cenários cada vez mais inesperadas.

O estilo de escrita consegue fazer o texto parecer mais sórdido do que realmente é (um feito, ele próprio, digno de nota); a imaginação visual e descritiva é (para recorrer a um cliché) verdadeiramente transbordante; e o ritmo é de montanha russa. A tal acresce a riqueza de caracterização das personagens, desde as principais, aos meros intervenientes secundários numa única cena (inesquecível o homem da laringe electrónica e a esposa gorda numa casa de ***fast-food***) que permitem uma identificação imediata por parte do leitor, a par de uma honestidade de autor surpreendente, que permite que as personagens se mantenham fiéis até aos aspectos negativos da sua personalidade. E, não menos relevante, é um dos raros livros de horror que é verdadeiramente implacável na criação de um ambiente credível e capaz de transcender os limites das próprias páginas.

Numa paisagem literária quase obnubilada pela predominância do estilo sobre o conteúdo, é com agrado que se vê um autor (quase) estreante adoptar a difícil arte do estilo invisível, onde a palavra escrita se transforma imediatamente em imagens e sensações no cérebro do leitor. Também o narrador é uma máscara, um fantasma, reproduzindo a nível estilístico o próprio tema da novela (chegados ao final, sentimos como perfeitamente justificadas as informações que o narrador nos vai dando nos primeiros capítulos, obrigando-nos a testemunhar a reacção das personagens àquilo que nós já conhecemos).

Heart-Shaped Box devolve-nos, sobretudo, o raro prazer de contar e ouvir contar uma história de fantasmas junto à lareira.



O Último Deus

Carla Ribeiro

Conto: O último Deus:

Carla Ribeiro

Acordou para uma escuridão sem som nem cor, mórbida no velho odor dos espectros que pareciam ter preenchido o espaço. Há muito tempo que a sua mente não despertava para a consciência da sua própria divindade, tanto que o lugar que sabia ser o seu espaço de repouso deixara de ser reconhecido pela percepção.

Sentiu a totalidade do silêncio em seu redor, o macabro vazio que parecia espelhar muito mais que um profundo sono e, lentamente, como se ainda entorpecido pelos séculos de ausência, sondou com o pensamento as trevas circundantes, à procura de um sinal que lhe indicasse a presença dos seus congéneres.

E então, subitamente, a verdade invadiu o recinto do seu conhecimento e, de uma forma inexplicável aos seus olhos cerrados, Orodun compreendeu que estava sozinho nos desertos do reinado divino. Que acontecera, pois, aos seus iguais? Ter-se-iam afastado de tal forma que já não os podia pressentir?

Não... Era impossível. Mesmo durante a mais prolongada das ausências, o sopro vital de um deus nunca deixava de ser perceptível naquele local. O fúnebre silêncio que ali reinava não podia ter, pois, senão um significado: todos os outros deuses haviam perecido.

Nesse momento, Orodun entendeu a ameaça que sobre ele se estendia, ainda que não a pudesse ver. Algo havia no mundo dos viventes que ameaçava erradicar da mente humana toda a fé que, sem que o

soubessem, continha a totalidade da existência divina. Mas, se ele ainda estava vivo, então ainda havia alguém... Um murmúrio de esperança entre os mortais.

A ordem brotou-lhe do espírito quase inconscientemente, mas, ainda assim, com a imperiosa intensidade do deus que era. E a sua voz percorreu o vácuo do tempo e do espaço como um grito no deserto.

- Encontra-me!

*

Não havia senão a etérea luminosidade do luar que atravessava a pequena janela com grades, uma frágil luz para atenuar a penumbra da gélida e silenciosa cela onde, quebrada pela dor e pelo medo do que viria depois, Ruana procurava, em vão, um vestígio de sono capaz de a afastar, ainda que apenas por momentos, dos seus pensamentos mórbidos.

Poucos meses antes, ela fora ainda a alta sacerdotisa do templo de Orodun, guia e intérprete da vontade do senhor do fogo. Haviam sido inúmeros os que acorriam em peregrinação ao santuário que vigiava, chegados tanto da mais poderosa das casas nobres como do mais pobre povoado. Todos eles tinham, contudo, algo em comum: os seus motivos. Vinham de todos os pontos do império, trazendo consigo o melhor que tivessem para oferece, em busca dos favores e da orientação do deus que representava e, sob a sábia orientação da serena Ruana, o templo prosperara em fama e em fortuna.

Depois, o imperador morrera e Coldanus, o seu tirânico filho, tomara para si a posse e o poder da coroa universal. Contrariamente ao

seu pai, que, apesar de um ente soturno, fora, ainda assim, um líder justo e um homem de princípios rectos, Coldanus era controlado pela ambição e cedo a sua fome de poder lhe ordenara que devorasse todos aqueles que com ele competiam pelas atenções do seu povo.

Iniciara-se então a violenta catástrofe que se abatera sobre as religiões do império. Sob o domínio do velho Iseren, haviam sido múltiplos os cultos a florescer sobre a bondosa protecção imperial. Com a ascensão de Coldanus, contudo, não tardara muito até que o fogo deflagrasse entre os templos e, em poucas semanas, as masmorras haviam passado a ser a mísera habitação de todos os sacerdotes.

Lentamente, Ruana deixou que

os seus olhos se fechassem, abrindo o coração ao lúgubre silêncio do espaço. Quando, entre gritos e maldições invocando a cólera de Orodun, a haviam arrastado até à cela que agora ocupava, o ar era constantemente preenchido por uma cacofonia de gritos, preces e lamentações. Agora, contudo, não podia ouvir mais que a sua própria respiração, debilitada pelo frio e atormentada por uma fúnebre certeza. Durante muitas das noites que ali passara ouvira os gritos e os gemidos da tortura e da morte e, ainda que por motivos que lhe eram desconhecidos, Coldanus lhe tivesse preservado a vida durante todo aquele tempo, não lhe restavam dúvidas de que em breve seria a sua vez.

Suspirou, procurando controlar as suas apreensões, enquanto, simultaneamente, tentava encontrar na escuridão a presença do deus a quem sempre servira com absoluta fidelidade. A sua consciência

dizia-lhe estar pronta para aceitar a morte, mas havia ainda algo dentro de si que se revoltava contra os factos e que implorava à eternidade pela misericórdia de Orodun.

E foi nesse momento de desespero que, como um grito no deserto, a sua mente foi preenchida pela voz do seu senhor. Em silêncio, Ruana prometeu obedecer à sua ordem e tudo fazer para o encontrar, preservando-o no seu pensamento mesmo perante a dor. Encontraria em si a fé em Orodun e, mesmo quando tudo parecesse perdido, o seu deus salvá-la-ia.

*

Despertou com a violenta sensação de um golpe sobre o seu corpo enroscado no chão e, por entre as sombras do sono e da dor, conseguiu distinguir as formas de dois homens que a olhavam com uma máscara de desprezo estampada nos rostos.

- De pé, sacerdotisa! – ordenou um deles, e o trovejar da sua voz feriu os seus ouvidos adaptados ao silêncio da iminente catástrofe.

Lentamente, controlando o medo que lhe entorpecia os movimentos e a fraqueza que o cárcere lhe infiltrara no corpo, Ruana obedeceu. O som das correntes que a manietavam agitou o ar, para depois silenciar quando a mulher se quedou, inerte, à espera do que viria a seguir.

Estremeceu, enquanto o soldado que lhe falara a contemplava com um olhar apreciador, como se avaliasse a qualidade de um animal que ponderava comprar. No silêncio dos seus pensamentos, o coração de Ruana erguia-se numa desesperada prece ao seu deus, implorando por uma

misericórdia que não sabia poder alcançar senão nas mãos das esferas superiores.

- O imperador quer ver-te. – declarou o soldado, pondo fim às suas meditações.

- Porquê? – inquiriu Ruana, sentindo que a palavra lhe voava, inconscientemente, dos lábios.

- Isso gostava eu de saber. – admitiu o homem – Por mim, bem que te podia ter deixado ao mesmo destino dos teus companheiros de bruxaria. Eu ia gostar... Mas – prosseguiu, recordando subitamente a sua posição – não me compete a mim questionar as decisões do imperador. Se ele te quer ver, ver-te-á.

Ruana assentiu, perguntando-se secretamente se poderia ser que a estranha decisão de Coldanus fosse já um sinal da acção dos poderes de Orodun sobre a terra. Nesse momento, contudo, as mãos dos soldados agarraram-na, surpreendendo-se ao ver como, sem resistência, a última sacerdotisa se deixava conduzir até aos níveis superiores do palácio.

*

Havia algo de sinistro no rosto de Coldanus, um laivo de sadismo que, apesar de ténue, parecia prolongar-se até ao infinito. E o esboço de sorriso, gélido e artificial, que lhe aflorou aos lábios quando a sacerdotisa foi conduzida à sua presença, era já, aos olhos da mulher, um prenúncio de iminente tragédia.

- Salve, sacerdotisa de Orodun! – cumprimentou o imperador, e cada palavra parecia ser uma troça velada.

- Salve, excelso imperador. – replicou Ruana, inabalável na sua aparente serenidade.

Coldanus sorriu ante o desafio implícito nas palavras da mulher.

- Sabes – disse – que não sou propriamente um adepto da vida religiosa. Creio, aliás, que apesar da tua reclusão, poderás imaginar o destino final que atribuí aos teus semelhantes.

- Tenho uma vaga ideia. – concordou Ruana, forçando-se a preservar, apesar das apreensões que se infiltravam no seu espírito, uma máscara de inabalável tranquilidade.

- Bem, deixa-me que te esclareça. – prosseguiu o imperador – Uma a uma, todas as almas ligadas à perpetuação da fé foram aprisionadas. Não houve um templo do qual restasse pedra sobre pedra. E, de entre todos os meus cativos, todos foram entregues, de uma ou outra forma, à dor e à morte. Alguns encontraram o seu fim perante a multidão, nas arenas de execução. Outros deixaram a vida na escuridão das masmorras. Nenhum deles passou diante dos meus olhos. Nenhum – acrescentou – excepto tu.

Mais uma vez, os pensamentos de Ruana voltaram-se para o deus. Teria sido a mão de Orodun a provocar aquela alteração? Seria aquela mudança de Coldanus a sua salvação, ou apenas um novo tormento na sua via dolorosa?

- Posso perguntar – inquiriu Ruana – quais os motivos de tal excepção?

Coldanus respondeu-lhe com um sorriso, enquanto, com um olhar onde o ódio e a luxúria pareciam fundir-se, percorria, de ponta a ponta, o corpo debilitado da sacerdotisa.

- Surpreender-te-ia – inquiriu o imperador – se te dissesse que me interessas? A forma como manténs essa máscara de

altivez, mesmo quando, na verdade, estás apavorada... Não finjas. – acrescentou, vendo um esgar de desprezo aflorar no rosto da prisioneira – Eu sei que é verdade e tu também o sabes. Essa tua duplicidade, aliada à beleza do teu corpo e ao fascínio da tua enigmática pessoa, podiam fazer de ti uma imperatriz.

Ruana estremeceu.

- O que quereis de mim? – perguntou.

- Não é óbvio? – replicou o imperador – Quero tudo. Para começar, - explicou, acariciando levemente o rosto da sacerdotisa – quero o teu corpo. Evidentemente que o terei, de qualquer das formas, mas podia poupar-te a muito sofrimento se te entregasses de livre vontade. Além disso, tu és a última mulher de fé do império. Se reconheceres perante as gentes o meu estatuto de divindade, o povo acreditará. E, em troca, dar-te-ei a tua vida, exaltada ao poder de imperatriz e à paixão de consorte do divino.

Inesperadamente, Ruana soltou uma gargalhada.

- E se eu recusar? – perguntou – Oh, podeis matar-me, claro. Mas quem falará ao povo da vossa divindade?

Coldanus esbofeteou-a com violência.

- Insolente! – exclamou – Quando morreres, não precisarei de ninguém que me aclame como deus, pois todos verão o que sucede àqueles que insistam em venerar outro deus que não o seu imperador! Pede ao teu deus que te salve, mulher, porque amanhã morrerás!

Por um momento, a cólera que o consumia impediu-o de continuar. Depois, forçando-se a retomar a sua gélida austeridade, ordenou, fitando os

soldados que seguravam, ainda, a altiva prisioneira:

- Preparai a cruz e o fogo na arena da execução. E convocai o povo para que venha assistir. É uma ordem imperial.

Depois, fitando Ruana com um sorriso lascivo, acrescentou:

- Mas antes levai a mulher aos meus aposentos.

*

Como uma erupção de fogo rasgando as trevas, a luz invadiu o etéreo espaço da divindade, inebriando Orodun com o florescer de uma nova força, à medida que, perante o desespero da dor e do medo, os pensamentos da sua sacerdotisa se voltavam para si, plenos de fé e ávidos de auxílio.

No silêncio do que era agora o seu território exclusivo, o último deus sentia como, em cada provação, a fé da mulher no seu poder superior devolvia à sua essência esse mesmo poder. E um sorriso indelével iluminava o seu rosto, enquanto, entregue à luxúria e ao sadismo do imperador, Ruana se forçava a manter a sua decisão, caminhando em direcção à morte sem mais que a fé no seu divino senhor.

E Orodun estava com ela, de facto, com a mulher que, através da sua crença inabalável, o tornaria todo-poderoso. Como um suspiro por entre marés de dor, a sua voz sussurrava ao ouvido da sacerdotisa, incitando-a a que permanecesse fiel e acreditasse, pois ele estava ao seu lado e não a abandonaria jamais, uma vez que a sua fé se manifestaria.

Faltava pouco... No dia seguinte, Ruana enfrentaria o seu derradeiro momento. E seria no limite do fim, quando todos os olhos se encontrassem presos à figura da supliciada, que a força de Orodun voltaria a ecoar

sobre o mundo dos vivos, de uma forma que mortal algum se atreveria a esquecer.

*

Quase suspirou de alívio quando a porta da cela se abriu e os soldados entraram, anunciando-lhe que chegara a sua hora e que seria conduzida à arena da execução. Não havia no seu corpo partícula alguma que não se contraísse de dor, depois dos tormentos a que o imperador a submetera. Primeiro fora a lascívia com que Coldanus profanara o seu corpo virgem, misturando violência e avidez em medidas devastadoras. Depois fora a tortura, a lâmina que lhe havia rasgado a carne e as mãos que lhe haviam sufocado o grito. Quando, finalmente, a haviam devolvido ao silêncio da cela, Ruana já não sabia se era pela morte ou pela vida que devia suplicar à misericórdia de Orodun.

Vacilante devido à dor, mas perseverante na sua decisão de colocar nas mãos do deus o seu destino, deixou que a conduzissem para o exterior das masmorras e, daí, através de uma pequena passagem, até à antecâmara dos condenados.

Foi desse local sombrio que ouviu o arauto do império anunciar à multidão as acusações que a condenavam a morrer. Subversão de mentes, encorajando o povo a venerar outro entre que não o seu imperador. Blasfémia contra a divindade imperial. Insolência. Rebelião. E tudo o que fizera, afinal, fora manter-se fiel à fé que a nomeara representante do seu deus na terra. Não deixava, contudo, de acreditar que, no momento certo, Orodun se manifestaria, libertando-a da vergonha e da morte a que a destinavam.

Como se alheada do tempo, voltou a sentir as mãos que a

agarravam, mas não reagiu de forma alguma, mesmo enquanto, perante as vaias da multidão, os soldados a erguiam na cruz e, com grossas cordas, a prendiam ao madeiro, para que, depois, um pequeno grupo de servos se ocupasse de empilhar, até lhe roçar os pés, a lenha que constituiria a sua pira.

E então os olhos de Ruana cruzaram-se com os do imperador, que, triunfante, entrava na arena, posicionando-se, acompanhado da sua guarda, no que dizia ser o melhor local para contemplar a fogueira da herege. Mas o fogo despoletou sem que Coldanus o ordenasse, nascido, para espanto da multidão, do próprio corpo da sacerdotisa, que parecia arder sem se consumir.

Não deixava, contudo, de ser uma agonia excruciante e a primeira reacção de Ruana foi um grito desesperado. Depois, a presença do deus invadiu o seu corpo, silenciando a voz da mulher para fazer com que, do iridescente ondular das chamas, brotassem, profundas e aterradoras, as suas próprias palavras:

- Vem, Coldanus!

O imperador tentou resistir, mas as suas pernas recusavam-se a obedecer-lhe. O deus tomara posse do seu corpo e, por mais que tentasse debater-se, os seus passos avançavam lentamente em direcção ao fogo, enquanto, irredutível, a estranha voz prosseguia:

- Eu sou Orodun, o senhor do fogo. Sou o último dos deuses que tentaste exterminar através dos seus representantes. Foste insensato, humano. Devias saber que eu sou mais forte que tu. Nunca poderás ser um deus. Vem, Coldanus. – ordenou – Abraça a tua extinção.

Petrificada pelas palavras que haviam ecoado no espaço, a multidão viu a figura do imperador avançar até à pira e, como se possuído por uma entidade desconhecida, entrar nas chamas, enrolando os braços sobre o corpo da sacerdotisa. Depois, os seus lábios abriram-se num grito e, como num sonho, ambos os corpos irromperam numa violenta explosão de chamas, gravando para sempre na memória do povo a supremacia de Orodun.

No silêncio do deserto dos deuses, Orodun sorriu, ao sentir a devastadora onda de fé que emanava da multidão. Na verdade, devia um agradecimento a Coldanus. Na sua ânsia de alcançar a divindade, fora ele quem o tornara, afinal, único e omnipotente.

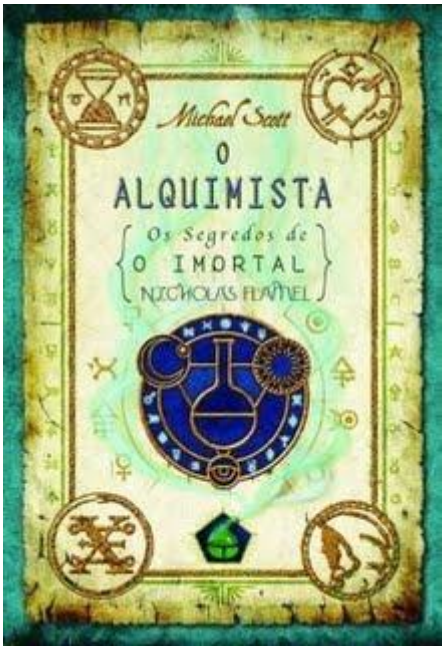
E Ruana... Que humana mais tonta... Fora o seu dever responder ao chamado do deus, claro, e, ao ouvir a sua voz, não poderia deixar de acreditar. Mas não conseguia evitar a surpresa perante a ingenuidade da mulher, que pensara que a sua ordem para que o encontrasse lhe salvaria a vida.

"Não.", pensou Orodun, sorrindo. "A minha ordem era para que me salvasses."

Carla Ribeiro, natural de S. Martinho de Mouros, nasceu a 20 de Julho de 1986. Começou a escrever por volta dos catorze anos, colaborando por várias vezes no jornal local "Ventos da Mogueira". **Em 2005, publica "Estrela sem Norte", o primeiro livro de poesia, pela Corpos Editora, na colecção Nus, a mesma colecção que, um ano depois, recebe o livro "Alma de Fogo", primeira incursão da autora pela literatura fantástica. Em 2007, na colecção O Espelho desta Hora, da mesma editora, publica "Canto de Eternidade", o segundo volume de poesia, bem como "Herdeiros de Arasen", vol. I e vol. II, correspondentes à continuação da saga iniciada com o livro publicado em 2006.** ***A 27 de Maio de 2008, lança o seu sexto livro, "O Deus Maldito", na colecção A Voz Dentro do Corpo, também da Corpos Editora. A 15 de Junho de 2008, o poema "Grita" é declamado por Dionísio Dinis no programa "Lusitânia Expresso" da rádio Algarve FM. Participa ainda na antologia "Nas Águas do Verso" com o soneto "Regressar".*** **Actualmente com vinte e um anos, frequenta o quinto ano do curso de Medicina Veterinária na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e tem já vários trabalhos prontos, bem como outros em progresso, tanto na poesia como em prosa.**

Crítica a: O Alquimista

Fábio Júnio



A verdade: Nicholas Flamel nasceu em Paris, em 28 de Setembro de 1330. Quase setecentos anos depois, é reconhecido como o maior Alquimista de todos os tempos. Diz-se que descobriu o segredo da vida eterna. Os registos certificam que morreu em 1418. Mas o seu túmulo está vazio.

A lenda: Nicholas Flamel está vivo, graças ao elixir da vida que produz há séculos. O segredo da vida eterna está escondido no livro que protege – o Livro de Abraão, o Mago, o livro mais poderoso de sempre. Se for parar às mãos erradas poderá ser o fim do Mundo.

Quando comecei a ler O Alquimista sabia apenas o que acima transcrevi e desconhecia totalmente que tipo de livro iria ler. O nome do autor, Michael Scott, também me era totalmente desconhecido. A surpresa foi grande, pois trata-se de um livro sem igual. A série tem por título Os Segredos de O Imortal Nicholas Flamel, mas mesmo este não permite antever do que trata a narrativa.

A história começa numa tarde de Verão como qualquer outra, na Califórnia actual. Josh, de 15 anos, trabalha na pequena livraria de Nick Fleming e da sua esposa, Perry. No bar da frente trabalha Sophie, a sua irmã gémea. Como, a certa altura, diz o autor, todas as mitologias têm alguma história sobre gémeos. Nesta obra, os dois irmãos farão também parte da mitologia e percebem-no quando Dr. John Dee, antigo alquimista e conselheiro da rainha Isabel I de Inglaterra, invade a livraria de Nick rodeado por monstros de barro, em busca do Livro de Abrão.

Josh e Sophie são, assim, transportados para uma

aventura impar que os fará estar frente a frente com antigos deuses egípcios, nórdicos ou celtas, com bruxos e homens imortais e com bestas e seres míticos. Os irmãos, até então jovens comuns agarrados ao computador e ao telemóvel, vê-se dentro de um universo novo, mitológico, do qual não mais conseguirão escapar. Os donos da livraria são afinal Nicholas e Perenelle Flamel, e o livro procurado pelo Dr. John Dee é, afinal, o Codex, um misterioso livro de alquimia e história que permite criar a Pedra Filosofal e o elixir da vida eterna e que descreve uma velha lenda segundo a qual surgirão dois gémeos com o poder de salvar o mundo... ou de o destruir

O autor usa uma linguagem simples e demonstra conhecer muito das principais mitologias do nosso mundo, tal é o número de referentes e personagens mitológicas e lendárias presentes na obra. A história é contada de um ponto de vista muito actual, criando um ambiente único no qual tecnologia e mitologia coexistem, havendo mesmo deuses com telemóveis e noções de genética.

Gostei bastante de ler este livro, interessante e surpreendente do início ao fim. Os protagonistas tentam, recorrentemente, negar a existência de tudo aquilo que vêem, por ser impossível haver misticismo no mundo moderno. Também eu o nego, mas é fascinante perceber que durante a leitura deste livro nada me parecia ilógico ou impossível. É essa a magia da fantasia...

A obra faz parte de uma série que conta já com dois livros publicados na versão original, The Alchemyst e The Magician, estando The Sorceress previsto para 2009 e mais três livros, The Necromancer, The Warlock e The Enchantress, previstos para os anos seguintes. Consta, também, que a adaptação cinematográfica está já em pré-produção.

Entretando já foi publicado O Mágico, que espero ler em breve, pois gostei da escrita de Michael Scott, apelidado de rei da fantasia na Bretanha, e porque estou bastante curioso quanto ao destino dos irmãos Josh e Sophie. Um livro a não perder.

Deste Lado de Cá

Luís F. Silva

Conto: Deste Lado de Cá;

Luís Filipe Silva

Esquecerás, Miguel. Mesmo que forces o contrário. Tudo a meu respeito. Tudo a nosso respeito. Apenas restará uma sensação vaga, e imagens que os sonhos vão confundir com a verdade. Mesmo as histórias do nosso passado irão desaparecer da tua memória. O tempo não vai ter piedade de ti só por teres escolhido continuar neste mundo.

E agora estás para lá do tempo, no reino da memória eterna? Se o tempo não existe para ti, como se transforma uma imagem em outra e as duas numa história? Se o tempo não existe, o que significa o passado, e como se honra a nostalgia? Como podes tu presumir que fizeste a melhor escolha? Como consegues dizer que continuas viva?

E ainda assim, ela cheia de razão. Ela feliz, encostada à janela, antevendo um caminho que não me iria revelar até ao fim. Ela, que observava todo o percurso, e eu perdido no vale, criança à espera de crescer. Ela conhecendo a dor que me iria causar, e ainda assim, determinada.

Mas se causares uma grande dor a quem amas, mesmo que te convenças que é por seu bem, a quem é que continuas a enganar?

São cinco da manhã e o escritório está ainda deserto. Gosto de entrar nesta metáfora de mim. Os corredores ocos mas cheios de eco. O som dos passos contra betão e o clique suave das luzes que notam a minha presença e se vão acendendo e apagando numa dança combinada. Nada mais que automatismos, apenas reflexos confortáveis. Mesmo a fechadura é três partes mecânica, uma parte digital. Tenho uma porta só para mim. Que não conhece o meu nome nem o meu rosto. Que não conhece mais do mundo que a chave que trago à cintura. Nem deve conhecer.

O silêncio dos papéis aguarda-me. Pouso a pasta,

dispo o sobretudo, retiro as canetas. Trinta centímetros de pastas e processos no depósito das «Entradas». Vai ser um dia atarefado. Apresso-me a colocar as luvas e a tapar a boca e cobrir o cabelo. Tantos cuidados porque sei que, para eles, basta uma gota de saliva ou uma partícula de pele que o olho não detecta.

A matriz de aprovações do dia encontra-se onde a deixei, na noite anterior. Familiarizo-me com os códigos e os critérios. Não variam muito de dia para dia. Abro o primeiro processo. Começo: a ler os critérios, a conferi-los contra a matriz. No final, tomo uma decisão automática e inscrevo uma marca numa das dez caixas de resultado final, para leitura óptica. Avanço para o próximo.

Totalmente rígido, totalmente mecânico, sem qualquer margem para erro, estupidamente repetitivo de dia para dia para dia. Algo tão distintamente impessoal que qualquer outra pessoa poderia estar no meu lugar.

Adoro o meu trabalho.

O dia no bairro amanhece cheio de decisões. Visto o nosso estatuto especial, não participamos remotamente, o que obriga à presença física. A minha primeira decisão é de ir – não quero chamar atenções depois de três ausências sucessivas, por muito que tenham sido justificadas por ligeiras doenças. A reunião é num pequeno centro (o bairro não é grande) de paredes brancas e muito vazias. Alguns olhares vêem-me chegar com fome manifesta. Mesmo entre os refugiados há aqueles que se refugiam ainda mais, e pertenço a essa classe. A fome que vejo é de saber. Estar longe de tudo o que seja comunicação electrónica não nega a vontade de saber. Todo o bom viciado que evita a tentação apenas quer submergir nela e não regressar, até atingir o êxtase eterno.

Mas não conheço ninguém e não deixo que me conheçam. Sento-me ao fundo e leio a ordem do dia deixada em formato papel na cadeira. Existe apenas um artigo, e enche-me os olhos. Ouço murmurios de preocupação e olhares trocados. Algumas defesas de privacidade

são quebradas entre vizinhos que se sentam em cadeiras contíguas. Os poucos pares do bairro que compareceram dão as mãos. O tema é suficientemente angustiante para que ninguém se sinta confiante.

«O tema de hoje», diz o presidente da comissão quando a sessão tem finalmente início, «tem a ver com a nova lei do estatuto dos protegidos, que se encontra em aprovação no Parlamento. Vamos passar em revista todos os pontos importantes e depois vamos ouvir as vossas opiniões. Este debate está a ser iniciado em todos os bairros de refugiados da Europa e é nossa opinião que devemos manifestar-nos. Em particular, porque se trata de um assunto que começa a preocupar a comunidade europeia e até a mundial.»

O assunto é simples: estamos a tornar-nos caros, e a nossa produtividade situa-se tão abaixo das normas – afinal, os nossos meios de produção têm séculos de idade, totalmente desajustados – que a comunidade começa a ficar farta de pagar as contas. Querem reduzir o nosso numero; para tal, pretendem rever a validade dos nossos estatutos especiais, caso a caso.

Após quinze minutos de discussão infrutifera, na qual se decidia já fazer manifestações e convocar a imprensa, num claro desrespeito ao que representávamos, começo a tossir fortemente e saio apressadamente da sala, acompanhado por olhares de suspeita. Eis uma desculpa que resulta sempre.

E como sempre penso: é tão fácil apanhar-me. A derme aqui não funciona, mas uma bactéria treinada para reagir aos meus genes... Que conseguisse passar pelas biodefesas quase militares, que agora já devem estar ultrapassadas. Algo deixado no papel, ou melhor ainda, transmitido no dinheiro. Com uma certeza eficiente de atingir o alvo, pois somos os maiores utilizadores dessa forma monetária arcaica. Mas cheguei ao refúgio mais protegido de todos, e não posso deixar-me intimidar mais.

Embora este assunto seja deveras preocupante. Será que Mr. M me pode ajudar? Terei de ter muito cuidado com a

abordagem. Anda muito estranho ultimamente.

Hoje o Mr. M trouxe visitas ao escritório. Quer vender as instalações.

Abriu a porta do meu gabinete a dois asiáticos baixinhos, de aspecto geriátrico (a mania daquelas gentes de confundir rugas com conhecimento), cobertos de detectores patogénicos, derme activa, leitores de informação de mercado, rede privada entre eles e com a família, várias camadas de *spyware* e *intelliware*, câmaras escondidas, *djinns* espirituais, *djinns* de raciocínio, impulsionadores de lealdade empresarial, avaliadores de comportamento público, restrictores financeiros, restrictores legais e alguns difusores de *spam* escondidos.

O impulso electromagnético de alta magnitude fritou num nanossegundo toda a parafernália. Enquanto recuperavam da tontura, ataquei-os com um aerossol de fabrico militar que lhes limpou a armadura biológica. Ficaram mais nus do que quando tinham vindo ao mundo.

Mr. M começou a barafustar, ao que apontei de imediato para o sinal na parede que anunciava em mais de cem línguas, incluindo mandarim:

ZONA DE TRABALHO *OFFLINE*. TECNOLOGIA DIGITAL E AFINS PROIBIDA POR LEI (D.L 30/12, 2035 - Lei da Diversidade Social). AUTORIZA-SE O USO DE MEDIDAS EXTREMAS NÃO-LETAIS PARA PREVENIR VIOLAÇÃO

Mr. M já me conhecia: engoliu a resposta. Abordou-me com a maior das calmas, embora ardesse por dentro. Os asiaticozinhos reclamavam em boa voz, entre si e com ele.

«São compradores potenciais», explicou entre-dentes. «Andam desesperados por um lugar a menos de 30km da Baixa. Temos aqui uma oportunidade...»

«Eu e os outros protegidos temos direito de recusar, M, se o

novo lugar não for suficientemente recluso.»

«Mas… novas instalações, melhor localização…»

Ele não agia como se conhecesse a discussão da nova lei.

«Esta é a unica bolha *offline* a menos de 100 km da Urbania. Ou pensas mandar-nos para a província?»

«Discutimos isso mais tarde! Agora não!»

«Informaste os teus caros visitantes das condições especiais da Lei dos Protegidos?»

«Parece-me que isso é competência da Câmara de Comércio…»

«E também a de qualquer cidadão», e apurando o meu mandarim, expliquei em breves mas claras palavras que a compra em espaços reservados para a protecção das pessoas especiais que não podiam, por motivos de saúde, viver no mundo moderno da informação implicava o acolhimento pessoal e profissional obrigatório das mesmas.

Os asiáticos tinham desaparecido ao fim de vinte segundos, não sem antes jurarem ao Mr. M que iriam encher a Internet de comentários apropriados à sua conduta.

Encarou-me com olhar assassino.

«Um destes dias, Miguel…»

«… farás o quê?», perguntei, levantando-me. Ele dava-me pelo peito, um hispânico magro, moreno e por vezes seboso (a derme andava sempre sobreactiva de tantos negócios paralelos em todo o mundo) contra um emigrante nórdico cujo avô tinha sido campeão de pesos pesados. A genética mantém precedência sobre a cultura.

Suspiro de derrota.

«Não compreendes, Miguel, o dinheiro que estou a perder aqui…»

Sabia. Não devia impor-me. Impedi-lo de continuar a vida só porque alguns anos antes tomou a decisão, então necessária, de instalar negócio numa zona protegida e receber o devido apoio do Estado.

Que se lixe o dever! No fim de tudo, o que conta é continuar vivo. Não tenho de pedir desculpas por nada.

Sabes, há noites em que ainda sinto a tua falta na cama.

Mr. M apareceu a meio da manhã a querer saber como me andava a sentir no trabalho, o que significava que me ia pedir um favor. Chegou ao assunto um demorado quarto de hora depois.

«No outro dia estive a ouvir as notícias… a lei dos protegidos vai a aprovação esta semana.»

Fiquei logo alerta. Então agora já sabia.

«Pois, pensei que devia dizer-te… uma vez que não estás online… querem encurtar o período de revisão… fazer mais análises… há uma grande petição contra vocês… custos elevados… dizem que estão a comer às custas da comunidade…»

Dizia-se comunidade para referir o que um dia se chamou Estado. É que comunidade confere uma ilusão de pertença e que se interessam com a tua opinião.

«Se for avante, todos os estatutos serão prontamente reavaliados… vou ser obrigado a comunicar a identidade de quem trabalha comigo…»

Suores frios. Se fosse verdade, o cabrão tinha-me na mão.

«Não que me agrade perder-vos… mas se forem restringir os estatutos… se atribuírem menos licenças, como querem… se forem mais duros na avaliação… bem, talvez até tenha de fechar… sabes como dependo dos subsídios…»

Abriu gavetas de arquivo cheias de papel. Tirou e abriu pastas. Não estava, obviamente, a ler. Estava a passar uma mensagem muito clara.

«Irei ter saudades… é como se fossem da minha família…»

Conferiu despachos. Pela primeira vez desde que eu tinha começado a trabalhar.

«Que é tu que queres?», fiz a pergunta que ele aguardava.

«Eu? Nada...», respondeu com ar ausente. «A propósito, na próxima semana hão-de aparecer umas pessoas interessadas no local. Espero a máxima cortesia da vossa parte.»

«Se vierem como os outros, cheios de infobôs numa zona restrita e protegida, terão a mesma recepção.»

«Sim, compreendo... bem, não terás de te preocupar com isso. Tens trabalhado de mais e mereces uma folga. Porque não ficas uns dias em casa? Que tal... na próxima semana?»

«Não precisas de mim para fazer as honras da casa?» e com isto não consegui evitar um sorriso cínico.

Ele não levantou a cabeça. Percebi que tremia.

«Miguel, vais ficar em casa.»

«Ora bolas, o que tu queres...»

«Ficas em casa, Miguel, e não me atrapalhas a vida.»

«Não faças isso, porra. Tanto que...»

«Dei-te apoio quando a tua mulher...»

«Também ficaste a ganhar com isso!»

«E então?! E então?! Podia ter escolhido a merda dum emigrante que não me importasse despedir passado um ano! Escolhi-te a ti. E tens continuado aqui, ao contrário dos outros!»

Não tive resposta. Parecia que o dia temido tinha chegado.

«Vais ficar em casa e não me atrapalhas mais.»

Caminho de cabeça baixa de regresso a casa, chapéu largo na cabeça, principalmente se o tempo estiver bom, para limitar a vigilância dos satélites: nunca se sabe se a lei está a ser cumprida à risca ou não. Não olho para os vizinhos e eles não olham para mim. Não nos conhecemos, e vai continuar assim. Há sem dúvida muitos refugiados nesta bolha. Mas enquanto aqui estivermos, e se não houver contacto com o exterior, não virão buscar-nos, em situações normais.

É surpreendente o quanto a minha situação, embora já não sendo nova, continua a estar presente, de tal forma que raciocino sobre ela e justifico-a constantemente. É talvez a isto que designam estado de permanente consciência. A minha relação com o mundo tornou-se física, quase um casamento a que é preciso dar atenção total. Há que aprender novas formas de estar. A fazer concessões. A oferecer elogios e carícias. A ouvir. Não se está só. Não há tempo para isso.

Mesmo em casa a comida não se cozinha sozinha, não se encomenda sozinha à loja, é preciso pensar no que se precisa, ir buscá-la, ter o cuidado de pagar com dinheiro para não deixar traços e padrões de consumo. É preciso ter o cuidado de medir os gastos com energia regularmente e saldar a conta no centro comunitário. É preciso saber poupar e fazer trocos com os dedos e a memória. É preciso escovar, pois não há acumuladores de pó que leiam o ar e saibam quando é necessário proceder a limpezas. É preciso ter algum sentido de estética, pois as mobílias não conhecem o espaço, não se reconhecem entre elas e não sugerem arrumações novas.

Sem tudo isto, poderia sentir-me bastante sozinho. Mas não há mesmo tempo para isso.

Estar distraído é bastante terapêutico. Desde que o problema se resolva, entretanto, sem o nosso conhecimento, e não aguarde o nosso regresso.

Há noites em que sinto mesmo a tua falta na cama. Mas de dia sei que não quero que voltes. Estás morta.

Quando regresso, Mr. M acolhe-me com um sorriso satisfeito. O negócio deve ter corrido bem. Não o culpo, este ninho de ratos deve dar mais preocupações que lucro. Existe, afinal, com o verdadeiro propósito de empregar falhados do mundo moderno. Situa-se naquele espaço fictício das noções de justiça e comiseração que tornam a civilização bastante satisfeita consigo mesma. E ele está só a proteger o investimento. Por isso não falamos. Não é pessoal. Sento-me à mesa, começo a classificar

documentos. Ele é quem acaba por quebrar o silêncio.

«Isto satisfaz-te? Passar os dias a olhar para relatórios?»

«É um desafio intelectual tentar perceber o que dizem…»

«Pois, imagino.»

«Estou a falar a sério.» Mostrei o documento que classificava. «Por exemplo, eis uma acta de reunião para decidir se o novo padrão de diâmetro de gargalos para garrafas de refrigerantes é 35 milímetros ou 38. Houve uma clara divisão de opiniões, e a decisão acabou por ser adiada, após três horas de discussão. Isto não te faz pensar em teorias de conspiração e histórias escondidas?»

«Não brinques… É isto que queres da vida? Perder os próximos trinta anos numa rotina apagada?»

«Tu conheces o meu estado de saúde. Que queres que faça?»

«Sei lá. Um país menos exigente? Comunidades agrárias? Os novos hippies? Em algum lugar deve ser possível teres uma vida mais… motivante. Passas o tempo todo comigo. Isso não pode ser bom!» Sorria. Não procurava confronto.

Olhei-o agressivamente.

«Ouve lá, se tens algo a dizer, desembucha. Não tentes suavizar as coisas fazendo parecer que é pelo meu bem.»

Mr M suspira de desconsolo. Levanta-se, passeia pelo escritório. Olha para os avisos em diversas línguas. Teriam estado lá durante a visita dos compradores?

«Eras um gajo porreiro. Inteligente, ambicioso. Classe C, a avançar para a B. Tinha-te como exemplo, sabes? Ainda hoje penso, quando tomo decisões, se era isso que tu terias feito… antigamente.»

«Lamento ter-te desiludido.»

«Pois…» Mr M mastiga o pensamento, indeciso se vai dizê-lo. Percebo a sua decisão ainda antes dele. «Espero que ela tenha valido a pena.»

«Vai-te embora antes que te parta os cornos.»

Ele nunca mais a mencionou.

Viver no presente significa estarmos todos ligados. Não podes fugir, a não ser que lutes. Jamais sozinhos, jamais isolados. O que não significa companhia. Mas existes como um ponto na georeferência, como uma presença no comércio, como uma força na tendência de mercado. Influencias na tua pequenez. O que não significa companhia. Se olharem individualmente para ti, é pela negativa, pela vigilância. A não ser que reclames o teu lugar num oásis de paz, controlado e rodeado pela selva. Sem puderes fugir, mas ao menos com algumas possibilidades de respirar. Apenas mais um de entre tantos que escolheram o refúgio. O que não significa companhia.

Estar morto é estar no inferno. Estar vivo é estar no céu. Tenho de repetir, pois às vezes confundo.

Hoje o negro do fundo do corredor, que costumava chegar após de mim mas sair antes, não apareceu pelo terceiro dia consecutivo. M fez um único reparo.

«Foi à entrevista anteontem. Não lhe renovaram o estatuto.»

Tinha-o encontrado um dia na casa-de-banho a olhar estupefacto para as entranhas de um autoclismo avariado. Consertei o mecanismo em dez segundos. Olhou-me como se me tivesse visto a tirar um elefante do bolso. Quanto tempo é que iria durar lá fora?

Do alto do sotão que me acolhe enquanto casa, observo a selva. Distante, cerca-me. Eu vim da selva, sou filho, mas não posso voltar. Tal como o vizinho que fala com as plantas. Tal como aqueles que enchem o bairro. Desta selva, ou de outras iguais. Todos eles refugiados, hipersensíveis, angustiados perante a vertigem do mundo todo ele feito de plástico. Um mundo que fez da corrida e do excesso a crença de viver.

E a derme invade a selva, alimenta a selva. Os geodomos, com as famílias de patriarcas imortais que saltam de corpo em

corpo com transplantes de cérebro, seguindo no comboio da imortalidade. Os bairros dos jogos, territórios onde jogadores e peões se encontram na mais estranha simbiose do século. A comunidade ecológica, perseguindo a pureza com as suas casas de celulose e seiva, que crescem e se reproduzem, casas que os alimentam e vestem e educam. Os marginais integrados, na verdade nómadas que habitam temporariamente a cidade, parasitando a assistência social. E os clássicos, a cultura que me deu à luz, integrados na velha tradição de querer, planear, executar. Vivendo lado a lado, o conceito de conglomerado ou colmeia, mais volátil que um bairro mas mais fiel que uma nação.

Nas minhas noites de insónia ela chama-me. Arrisco aproximar-me da janela. Algures, ao longe, na cidade, dezenas de câmaras com infravermelhos podem estar a descobrir-me as feições. A mapear o meu rosto, que não quis mudar. A dizer-lhe onde estou. Que choro.

M tem razão. Não quero esta vida. Anseio pelo ritmo que apercebo ao longe. As luzes denunciam histórias. Alguém que consegue, alguém que desiste. Afastados de mim: a barriga deitada do domo. Afastados: os prédios convolutos que serpenteiam entre colinas. A zona rica e vibrante da plataforma que uniu as margens e cobriu o leito do Tejo. Nos montes do outro lado, os bairros dos independentes ostentam manifestos luminosos. Feixes de luz dirigidos ao céu iluminam os aviões que se aproximam. Transportes passam velozmente nas condutas elevadas. As sete pontes até perder de vista. Ondas fluorescentes rebentam à distância no lado do oceano. Até os Territórios, para lá da vista mas presentes na vida do cidadão comum, estão afastados de mim.

Isto não é vida, a minha. Fiquei para trás. Quem existe não fica para trás. Avança. Um dia vou dar-te razão. Existir é estar morto.

O rapaz das entregas – suponho que seja jovem, pois apenas lhe ouço a voz pela conduta – presenteia-me com uma segunda caixa a meio do dia.

«Isto hoje está concorrido!»

«Somos cada vez menos», comento, pensando que teria de fazer horas extraordinárias pois ainda não terminei o lote do dia.

«Isso ajuda mas não foi só isso. Todos receberam a dobrar.»

«Esperemos que não se mantenha».

Devolvo-lhe o impresso assinado, despeço-me e fecho a portinhola. A caixa vem selada dos gabinetes oficiais, como é hábito. Abro com um estilete de plástico, que não tem consistência suficiente para nos suicidarmos. Como de todas as vezes, o coração bate-me depressa e despacho-me. Se tiver de ser, que seja depressa. Mas, mais uma vez, nada explode, nada esguicha contra a minha cara, nada me pica os dedos. Retiro os papéis e coloco-os na bandeia de ENTRADA. Fazem um monte considerável, muitas horas de leitura e trabalho.

Há vários dias que M não surge e hoje não é excepção. As horas passam sem que as note. Memorandos voam pelas minhas mãos. Quantidades produzidas em excesso de lacticíneos, resultados detalhados da colheita experimental do novo milho, instruções para a combinação possível de cores nas indumentárias do Departamento de Sócio-Biométrica, promoções, despedimentos, datas para lançamentos de estirpes de nanobôs, atribuição de responsabilidades. O mundo – ou melhor, uma parte muito específica, mas muito movimentada e cheia de vida do mundo – passa-me pelas mãos. Conheço os nomes e as formas de escrever daquelas pessoas, e embora me cheguem anónimos, atribuo-lhes identidades, como o Major ou a Directora Empertigada ou a Secretária Divorciada, e alguns são constantes, facilmente reconhecíveis.

E depois chega a vez deste documento.

Despacho 34.5533.45, Gabinete de Segurança Interna. Processos de investigação criminal activos pendentes de prescrição por carência de desenvolvimentos. Processo 4533.45. Descrição abreviada: falecimento de Investigadora Especial Silvana

Faria Mendes no cumprimento do dever. Parecer: por se aproximar a data prevista pela lei actual de prescrição de processos de investigação criminal, venho por este meio, após análise cuidada do historial do processo e dada a ausência de desenvolvimentos adicionais por parte da equipa de investigação assignada, recomendar que o presente processo seja doravante classificado como suspenso, até serem apresentados factos que, pela sua relevância, conduzam, mediante avaliação apropriada pelo oficial coordenador, a uma eventual re-activação ou anulação. Assinado: director-coordenador do Gabinete de Segurança Interna (assinatura-padrão, grau de confiança 90%).

Encosto-me à cadeira. As mãos tremem-me. Há muito que não via o teu nome.

Não vou conseguir atingir os objectivos do dia. Estas lágrimas não vão parar tão depressa.

Morto? Não há nada de belo nisso. O céu não existe, nem o inferno, apenas uma ilusão eterna, que poderia ser a da vida se não estivesse ao nosso controlo. São assim os mortos: estagnados, solitários, fingindo que vivem, com amigos imaginários em lugares imaginários. Nada entra, nada sai. Não admira que sejam como animais. A memória apagada, resta a fome. A razão inibida, resta a necessidade de reencontrar companhia. Prisioneiros de si mesmos são os mortos. Não mudam mais. O dia é eterno. O tempo parou. As rugas imutáveis.

Não me falem da beleza da imortalidade. Nós, os vivos, é que estamos no céu. Quando se morre, vai-se para o inferno.

A condenação chegou vestida de papel. Apenas dizia «apresente-se no Gabinete de Avaliação do Estatuto Especial.»

«Isto fica no meio da urbania. Eles não podem fazer isto.»

«Não podem? São eles que montaram esta bolha!», diz M.

«O que faço agora? Estou tramado.»

«Calma, também não será assim tão complicado. Olha, como teu chefe de longa data preciso de ir contigo. Alugo um carro especial onde a derme não entra. Saimos na garagem deles, que também deve estar limpa. Eles não seriam tão desconsiderados assim.»

«Ela vai saber...», pois é a única conclusão inevitável.

«Perdão?»

«Aluga o carro mas não uses o teu nome. Nem o meu», digo-lhe com autoridade, pensando depressa. «Outros da secção devem ter sido convidados, vou na vez de outro. Ouviste? Vais procurar quem mais é que tem de apresentar-se e vais marcar um veículo por outra pessoa, sem dizer nada a ninguém, nem ao Gabinete. Quando lá chegarmos, dizemos que houve uma confusão ou o outro estava doente, e que não houve tempo de avisar.»

«Estás paranóico?» M olha-me com um misto de espanto e receio.

«Promete-me, Manel!» Ainda me lembro do seu nome antigo, que ele detestava. «Tenho as minhas razões. Conheces-me há anos, conheceste a Silvana.»

«Corres o risco de antagonizares o Gabinete...»

«Tenho de correr esse risco. Há piores.»

M suspira.

«Vou ver o que posso fazer.»

Saio e volto a entrar. Uma entrevista rápida, uma manifestação genuína de asco perante a tecnologia. Deixar o medo tomar conta de mim. Não me será tão util noutra ocasião. Rápido como um foguete. Não: como uma mensagem de e-mail e o retorno.

A cidade mudou. Ou pelo menos, as zonas que separam o bairro da Baixa. As roupas são diferentes. As lojas iluminam-se quando alguém se aproxima, captando a identidade do interessado e mostrando no vidro o seu reflexo envergando o produto que vendem (embora

tenha notado, enquanto aguardava os semáforos libertarem a via, que quando o potencial cliente tinha um aspecto mais redondinho, a figura no espelho reflectia traços mais delgados. O eterno truque do comércio está em nunca lembrar ao comprador a pessoa que este realmente é). O trânsito flui mais rapidamente – nota-se que está a ser controlado e vigiado minuto a minuto.

«Aposto que sentes saudades», diz M, que conduz. O painel é mais moderno do que pensei, cheio de indicadores de tráfego e a condição do veículo. Informação a mais, penso, e que distrai da estrada. Com sorte, não existe aqui uma câmara. Ou um microfone.

«Estás muito enganado. Confusão, multidões, progresso, mudança constante. Deixa-me cansado só de pensar.» E não era totalmente mentira. Senti que M engolia uma resposta – não havia maneira de me entender.

Parámos em mais um semáforo.

«É longe», comentei distraidamente. Olhei para fora. Um homem vestido com um fato que dizia O CANAL DO HOMEM SÓ envergava um arnês onde se montavam três câmaras, duas pequenas e uma com lente de grande angular. Falava animadamente e esbracejava para a câmara apontada para ele, enquanto fazia rodar a outra pequena. A grande angular olhava para mim.

Não conseguia respirar.

«M, quando o semáforo abrir, volta para trás. Volta para o bairro!»

«Estás maluco?»

«Tens de fazer isso! Ou morremos os dois.»

O semáforo abriu. O da rua contígua não se tinha fechado.

«Volta para trás!»

M avançou calmamente.

«Ouve, Miguel. Acalma-te. Não há razões para medos…»

«Há, sim, meu idiota! Porque é que pensas que estou refugiado naquele antro de leprosos? Porque gosto? Querem-me matar!»

«Que dizes?»

«Silvana! Ela quer-me matar.»

«Mas ela não morreu?»

«Foi o que disseram, Manel. O corpo nunca apareceu. Ela trabalhava numa agência do governo. Os gajos eram espiões.» Falava muito depressa. «Desaparecia durante meses sem dizer nada. Espionagem tecnológica ou coisa assim. Ela percebia de redes neurais. Meses depois do funeral, recebo uma mensagem. Era ela. Estava viva. Mas estava morta.»

«Explica-te.»

Olhei para o trânsito. Devia haver câmaras nos postes, nos semáforos? Estaria a ver-me?

«Criou uma personalidade artificial que anda à solta na net. Falou comigo dessa vez. Disse que me queria ao pé dela. Quando recusei, começou a tentar-me matar. Tive de fugir ali para dentro.»

M piscou os olhos, estava a ser difícil lidar com aquilo.

«Volta para trás, falamos melhor lá dentro. Ela pode ligar-se ao Olho Público. Vê tudo e sabe tudo. Voltamos outro dia. Vá, é mais seguro.»

M suspirou finalmente, e limpou o suor da testa. Debruçando-se, indicou outro destino ao carro.

«Obrigado, M, obrigado.»

«Olha, Miguel, sabes o que penso?»

Mas nunca viria a saber. Um camião cortou-lhe o pensamento.

Acordo numa sequência de *fade in*, como nos filmes, e antes que os contornos fiquem nítidos penso «Porra, estou morto», mas afinal paramédicos envergando chapéus de análise e gravação olham-me de forma clínica. O céu é o cenário por detrás deles.

«Recuperou a consciência.»

«Ainda bem, ao menos não perdemos todos.»

«Não consigo encontrar a identidade deste gajo!»

«Eles vinham da zona protegida…»

«Ainda temos chatices por causa disso…»

«Tento no que dizes. Não vos quero ver no Olho Público.»

«Senhor, consegue ouvir-me? Consegue ouvir-me? Pisque os olhos se consegue.»

«Cuidado! Está em convulsões!»

«Não são convulsões… está a rir!»

«Traumatismo?»

«Pela tomografia, não.»

E rio. Cada convulsão do riso, mesmo limitada pelo arnês que me tinham colocado, desperta marés de dor que embatem em todos os contornos do meu corpo.

«Era capaz de jurar… o gajo está feliz!»

«Senhor, consegue falar? Qual é a graça?»

Também te amo!; quero gritar às câmaras que me rodeiam. Mas não consigo.

Luís Filipe Silva foi galardoado em 1991 com o prémio Caminho de Ficção Científica pela colectânea O Futuro à Janela. É autor do Ciclo da GalxMente, composto à data pelos romances Cidade de Carne e Vinganças, e colaborou com João Barreiros no "Terrarium" - Um Romance em Mosaicos.

Tem contos publicados em diversas revistas e jornais nacionais, bem como em Espanha, Brasil e Sérvia, e na antologia luso-americana «Breaking Windows». Colaborou na área do Fantástico como crítico literário no Diário de Notícias, como editor de romances na Devir e como organizador nos Encontros de FC&F da Associação Simetria.

É também organizador de uma tertúlia de leitura de textos literários. Nos últimos anos tem mantido uma presença assídua na internet, onde publicou uma revista por email («Eventos») que se transformou no actual site TecnoFantasia.com.

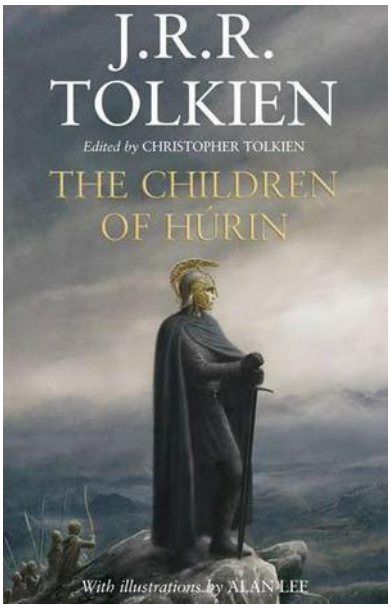
Literatura Fantástica: breve História e desmistificação

Fábio Júnio

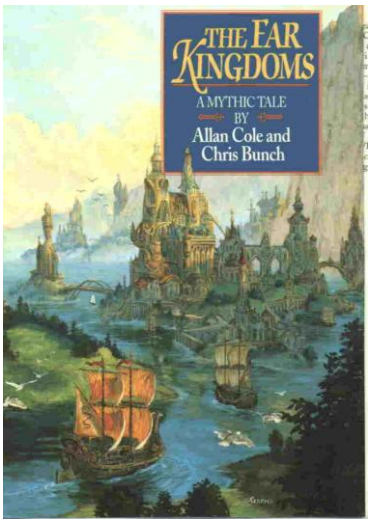
Quando lemos uma obra como *O Senhor dos Anéis* sabemos que estamos perante ficção fantasiosa, composta por situações e acontecimentos irreais. E não é necessário que o autor o verbalize explicitamente para termos a certeza disso. Apenas pelos elementos que nos são apresentados nós, leitores, temos a noção que histórias como aquela passam-se num universo inexistente. Quando assim é, estamos perante Literatura Fantástica, uma literatura que se debruça sobre o irreal e sobre a fantasia, que leva a imaginação ao limite mas que é também, a meu ver, aquela que nos leva a reflectir mais profundamente sobre a realidade, já que nos possibilita uma visão simultaneamente externa e inovadora acerca dela.

Ora, livros como aquele, com componente irracional, já

existem, literalmente, há séculos. Desde a *Odisseia*, de Homero, passando pelos romances medievais, pelas aventuras fantásticas de cavaleiros e princesas, monstros e locais secretos, que estas obras são publicadas e agradam ao público.



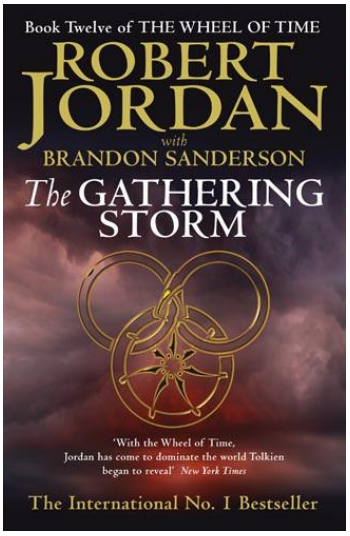
Contudo, só a partir dos finais do século XVIII é que se pode falar do fantástico enquanto género literário autónomo. Até aí, o que hoje consideramos mera ficção era vivido com naturalidade e fé. O surreal e a magia faziam parte da cosmovisão do homem ocidental, do seu dia-a-dia. Basta pensarmos, por exemplo, nas civilizações clássicas e nos vikings, com as suas complexas mitologias e crenças, ou na época dos descobrimentos, com o gigante Adamastor e outras criaturas monstruosas, para percebermos como a sociedade vivia o sobrenatural. Porém, a civilização ocidental evoluiu no sentido da defesa do racionalismo e da necessidade de nos concentrarmos no real.



Foi então que escritores românticos, desse século, propuseram a recuperação do "equilíbrio perdido", recusando a racionalização e o desencanto da vida moderna e reintroduzindo a magia e o surreal nas suas obras. A Literatura Fantástica surgiu, portanto, como a busca do que era sentido "como

ausente e perdido", ou seja, a componente sobrenatural e onírica da vida humana. Desde aí, diversos autores incluíram o fantástico nos seus romances, alguns dos quais ainda hoje são lidos. Júlio Verne e Edgar Alan Poe são dois dos autores que se destacam, sendo, ainda hoje, admirados por leitores com as mais diversas preferências.

No entanto, o interesse pela literatura fantástica, em termos teóricos e práticos, surgiu apenas na década de 70 do séc. XX. A partir daí a popularidade deste género ficcional continuou a aumentar e hoje o seu sucesso é notório, não fossem títulos como *Harry Potter*, *Eragon*, *Crepúsculo* e *O Senhor dos Anéis* conhecidos por toda a gente.



Hoje em dia, podemos dividir o género em vários subgéneros, embora tal divisão seja sempre subjectiva e provisória. O Terror, a Ficção Científica e a Fantasia são, claramente, os subgéneros dominantes mas, na verdade, cada um deles possa ser dividido em dezenas de outros subgéneros. O primeiro pretende provocar a sensação de medo, como é óbvio, e, para isso, os autores recorrem ao mórbido, repelente e ameaçador. Já o segundo lida com a influência da ciência e da tecnologia, reais ou não, na sociedade, sendo, provavelmente, aquele que mais propicia a sua análise. Já o último subgénero concentra a magia, o sobrenatural e o surreal em geral para transportar o leitor para mundos fantásticos ou situações imaginárias. Este é, claramente, o subgénero dominante.

Apesar da diversidade, une-os o mesmo objectivo: debruçar-se sobre o impossível, colocando-o no centro da narrativa. A história até pode desenvolve-se num ambiente real, mas há sempre um elemento fantasioso a impulsionar a acção.

Em cada obra, seja qual for o subgénero, encontramos mundos que o leitor reconhece como simultaneamente familiares e estranhos, reais e impossíveis, e aos quais reage de forma emocional e intuitiva, seja por via da identificação com os heróis, humanos ou não, ou pela sugestibilidade das suas peripécias. Ao virar de cada página, o leitor passa a conhecer aqueles mundos que, apesar de inexistentes, funcionam segundo regras e leis, tal como sucede no mundo real.

Acima de tudo, é essa relação com o mundo real que torna a Literatura Fantástica tão fascinante. É essencial que o leitor se reconheça nas personagens e considere a narrativa fidedigna pois, caso isso não aconteça, não sentirá o choque que a intromissão do fantástico na sua vida provoca, choque esse que é o objectivo final deste género literário. Afinal, a Literatura Fantástica é uma reacção a determinados comportamentos sociais e culturais, desvendando o que não é dito ou observado na sociedade, o que foi silenciado ou escondido. Assim, fica claro que as raízes do mundo fantástico têm de estar, inevitavelmente, enterradas no mundo real.

Neste sentido, é importante reter que, ao contrário do que ainda se pensa, neste género não existem apenas mundos desordenados, de sonhos e de devaneios, mas universos criados, metódicos, com regras próprias e longamente trabalhados, quer ao nível do estilo, quer ao nível do conteúdo.

Tendo isso em mente, ao leitor de Literatura Fantástica resta acreditar ou, por momentos, fingir que acredita em todos os elementos irracionais das histórias, sejam eles zombies, extraterrestres ou dragões.

A complexidão deste mapa da Terra-Média, cenário de O Senhor dos Anéis, demonstra o quão complexos os trabalhados podem ser nos universos criados na Literatura fantástica.

Felizmente, há muito por onde escolher. Quando originais e bem estruturadas, as obras de Literatura Fantástica tornam-se clássicos. *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, e o ciclo *Terramar*, de Ursula K. Le Guin, são apenas dois exemplos claros da originalidade, da complexidade e da riqueza simbólica que a literatura fantástica pode possuir, constituindo, por isso, leitura obrigatória.

Resta-me dizer que me parece necessário desmistificar este género pois, ainda hoje, é considerado marginal, mesmo com a importância editorial que tem vindo a assumir e de tudo aquilo que nos pode ensinar. No fundo, pretendo apenas fazer ver que a Literatura Fantástica pode ser encarada como qualquer outro género literário, pois tem fundamentos e boas obras. Para além disso, toda a ficção é irreal e o irreal em que acreditamos diz tanto de nós como o real que nos rodeia.

O VIAJANTE NO TEMPO

JORGE CANDEIAS

Conto: O Viajante no tempo!

Jorge Candeias

— Man, esta cena não vai resultar!...

— Tás-te a passar, chavalo? Essa cena tem que resultar, man! O man é bué da cota, se a cena não resulta o tipo ainda bate a bota, e isso era bué fatela, man!...

— Iá, man, mas, sei lá, há aqui uma cena qualquer que me diz que esta cena não vai resultar, tás a ver? Assim uma cena tipo, sei lá, mística, ou o quê...

— Ouve, tu não deixes que o cota te ouça, man! O cota que não te ouça, man!...

— O que é que o "cota" não pode ouvir, meus meninos?

— Aaaah...

— Eeeeh...

— Desculpe, dr. Penedo, estávamos aqui a... aaaah... conversar sobre... aaaah... o programa de ontem à noite.

— Sim? E foi interessante, o programa de ontem à noite?

— Sim, sim, dr. Penedo, de facto muito interessante. O João dormiu com a...

— Não interessa. Quero é saber dos progressos no projecto. Como vai o projecto?

— O p... eeeeh... o projecto vai decorrendo conforme o planeamento, dr. Penedo.

— Sim, contamos ter tudo operacional dentro de um mês, sem falta.

— O tanque criogénico já está pronto?

— Está quase, dr. Penedo. Estamos a instalar a unidade energética de emergência e depois disso só faltará pôr no lugar o écran solar e fazer as ligações.

— O computador?...

— O computador está já em testes, dr. Penedo. Estamos a fazer os últimos ajustes no cronómetro, e os circuitos linguísticos também já só precisam de uns ajustes.

— Espero que não tenham metido no computador *nenhuma* dessas palavras *bárbaras* que vocês têm a mania de usar hoje em dia! Eu *odeio* esse linguajar de docas!

— Não, com certeza que não, dr. Penedo! Só palavras que constam do dicionário!...

— Bom. Vão lá trabalhar, então. E ai de vocês se eu ouvir algum dia o computador a sair-se com um... com um... *bué*.

— Esteja descansado, dr. Penedo. Isso não acontecerá.

***

— Xi! Que cena, man!

— Iá, o cota é cheio de cenas com a linguagenzinha dele...

— Não é isso, dude. Quase que nos apanhava a falar mal desta cena, tás a ver? Ouve: era bué da marado, se o gajo nos ouve a dizer que a cena não vai resultar!...

— Iá. Mas a gente safou-se altamente...

— Iá. Podes crer...

— Mas olha lá, tens a certeza que o compas não se põe a falar assim com o cota?

— Man, eu pus-lhe restrições. Espero que elas aguentem. Sei lá o que é que os chavalos de 3034 vão fazer à maquineta?

— Iá, é foleiro. Mas o cota meteu na cabeça que havia de viajar pró futuro, ainda bem — pelo menos temos trabalho...

— Ouve lá, não digas essa cena, man. Isto é trabalho de responsabilidade tás a ver?

— Então cala-te e trabalha...

— Olha-me este, armado em dred!...

— Iá...

***

— Dr. Penedo, temos o projecto quase pronto, mas demos aqui com este componente que tá foleiro...

— *O quê*?! O componente está *o quê*?!?!

— Aaaah... perdão, dr. Penedo é o comp...

— *Foleiro*?!?! O componente está *foleiro*?!?! Que quer dizer foleiro, não me explica, jovem? É algum termo técnico? É alguma palavra do jargão dos engenheiros?

— Perdão, dr. Penedo. Foi um laps...

— Um lapso?! Que esses lapsos não voltem a ocorrer nunca, na minha presença, ouviste garoto? Caso contrário, o olho da rua está à tua espera, e sabes que fazem na rua a rapazes bem apessoados como tu, não sabes?

— S... sim... com certeza, dr. Penedo. N... não voltará a acontecer.

— Bom. Substitui o componente e põe-me a máquina a funcionar.

— Com certeza. Com licença.

***

— Man, ganda flash!

— Ouve, o velho passa-se com estas cenas. É que nem te passa! Mudou de cor! Tás a ver a

cor habitual do chavalo? Aquele amarelado? Man, ficou quase roxo, só vendo.

— Iá. Mas ficou tudo bacano, não?

— Iá, ficou-se bem. Mas, ouve, caiu-me tudo quando o cota falou em rua, man. Passei-me de todo. É que nem te passa!...

— Iá, já percebi. Bute mas é bulir, caga nisso, que não adianta ficar à toa por causa dessas cenas...

— Iá. Tens razão. Bute lá.

***

— Dr. Penedo, o projecto está pronto.

— Excelente, rapazes, excelente. Quando poderei por-me a caminho?

— Quando quiser, dr. O cronómetro já está marcado para 3034, a carga nas baterias de emergência está completa, e tudo a funcionar. Se quiser ir já, é só entrar na máquina.

— Relembrem-me o procedimento de saída.

— É tudo automático até o dr. acordar e sair da máquina. Depois, quando encontrar os... bem... indígenas, é só carregar neste botão aqui, e o computador encarregar-se-á de ensinar-lhes a nossa língua para comunicação. O botão está do lado de fora para que os próprios indígenas se encarreguem de aprender a língua eles próprios, se quiserem.

— Como assim?

— Bem, uma vez que a máquina está programada para se abrir dentro de mil anos exactos, nós colocámos este painel aqui, um pouco escondido, a explicar tudo. Pode acontecer que os indígenas compreendam e resolvam... aaaah... adiantar serviço.

— Ah! Óptimo, óptimo. Está tudo funcional, então?

— Com certeza, dr. Penedo. Testámos tudo até aos mais pequenos pomenores.

— Parto amanhã, então. Tenham tudo preparado às 10 da manhã.

— Com certeza dr. Penedo.

***

— Lá se foi o cota, man.

— Iá. Ouve lá, ainda achas que esta cena não vai resultar, man?

— Sei lá. Mas bem que gostava de saber, chavalo. Bem que gostava de saber...

***

— Olá! Bem vindo a 3034!

— Olá, olá!... Então consegui? Estou no futuro? E vocês falam a minha língua?

— Iá, man, bué da bem, tás a ver? O comp é brilhante nesta cena! Ensinou-nos tudo em bué da pouco tempo, e eu e os chavalos sentimo-nos altamente a praticar esta língua, que é uma curte. Ouve, o teu nome é Cota, não é? Sou o Maanee, mas, ouve, pra que a tua chegada aqui seja bué da curtida, podes chamar-me Joca, tás a ver? E ali a malta...

— Ouve, que há com o Cota?

— Sei lá, man. Ficou azul de repente...

Jorge Candeias foi Editor do E-nigma, revista electrónica de ficção científica e fantástico, responsável pela divulgação de ficção portuguesa e brasileira durante vários anos e organização da antologia *O Planeta das Traseiras*, de contos sobre Marte, com prefácio de João Barreiros e que também conta com a presença do britânico Keith Brooke . João Barreiros. Publicou, em conjunto com Luís Filipe Silva, "Por Universos Nunca dantes Navegados".Publicou em Portugal, Argentina, Brasil e Reino Unido, destacando-se *Sally* (edição da Colibri juntamente com a Câmara Municipal de Portimão que foi Menção Honrosa no Prémio Teixeira Gomes) e o conto curto *The Place Where Lost Things Go*, publicado na revista britânica Nemonymous.Além da actividade como tradutor, criou uma Bibliowiki que pretende reunir obras de todas as vertentes do fantástico publicadas em Portugal. Assina ainda um blogue, *A Lâmpada Mágica*.

Entrevista:

Luís Filipe Silva

Com que idade começou o seu interesse pelo fantástico? Bem sei que é uma pergunta difícil mas... sabe porque começou este interesse?

O despertar terá ocorrido algures nos primórdios da leitura, quando tudo o que existia era a banda desenhada e as séries televisivas. Era impossível afastar-me do ecrã quando começava um Espaço: 1999, uma Galactica, um Twilight Zone, um Conan - O Rapaz do Futuro... (por sinal, já então o Star Trek não despertava grande interesse). Lembro-me distintamente de desenhar álbuns inteiros de odisseias espaciais com personagens inspiradas na Disney (queria então que o meu futuro fosse participar na criação de longas metragens de animação).
Ou seja, algures a partir dos 8, 10 anos comecei vincadamente a gostar de Ficção Científica, e o salto para a leitura em prosa foi mínimo.

Quanto ao motivo do interesse, sem dúvida o sentido do maravilhoso e o deslumbramento da ciência. Não seria um pensamento consciente, mas por base estaria a admiração profunda por o universo não só ser mais complexo e admirável do que éramos capazes de conceber na nossa imaginação como ser passível de entendimento. Quantos livros de física e astronomia devorei na adolescência...

Que livros o despertaram para a literatura Fantástica?

TEMPESTADE NO TEMPO de Gordon R Dickson foi sem dúvida o que me impeliu a escrever a sério, aos 12 anos. Até então tudo o que conseguia encontrar a nível da colecção de bolso da Europa-América foi imprescindível para o meu amadurecimento progressivo e a percepção que a FC era muito mais do que

viagens e aventuras no espaço. Não há como
fugir ao encontro com NO BLADE OF GRASS e UBIK e AVATAR, e outros, que
me fizeram expandir, em poucos meses, a minha ideia do que a literatura - em particular a fantástica - era capaz de alcançar.
Nesses tempos, até as novelizações de séries e filmes eram
inteligentes, e em particular, o trabalho de Robert Thurston com os
primeiros quatro livros da série Galáctica são bons exemplos de como
se pode enriquecer o material de base em termos de profundidade temática e complexidade dos personagens (que decididamente a série
televisiva não tinha).

Depois estaria atento aos autores do género, e isso levar-me-ia
rapidamente a descobrir um Heinlein em capa cinzenta pequena, e por
este saber que existia algo chamado Argonauta. O resto, como dizem, é
enredo...

Quais são os autores que mais o influenciaram?

Penso que esta é uma simpática pergunta de algibeira... Isto porque na verdade serão multiplas e variadas as fontes de influência de quem procura escrever, e não se limitam necessariamente a autores ou obras - por vezes, no meio do filme mais disparatado, surge uma fala ou um truque de enredo que brilha como um diamante deitado para o lixo. É uma questão de estar atento, de ter um problema ou uma interrogação em mente ("como é que tiro o herói deste enrascanço", "como é que a aldeia vai reagir à confissão do miudo", "que tempo narrativo usar para uma história de saltos no tempo"). E nem sempre o que influenciará uma história servirá para outra. Lembro-me que um conto em particular, já lá vai o tempo, a "Série Convergente", que recorre a uma forma entrecortada a nível temporal para apresentar um enredo simples resultou da influência mista de várias bandas desenhadas, dois filmes e um conto, cada qual contribuindo com uma sugestão distinta para o resultado final. Efectivamente não há nada debaixo do sol, excepto as sombras que traça na paisagem, e estas contam muitas histórias.

A nível global, os críticos ajudaram-me tanto quanto os autores. Os bons críticos explicam o que funciona e o que está desenquadrado, apontam para exageros ou faltas de ambição. Tudo o que se escreve

resulta de opções, e por vezes é preciso alguém que está atento entender que rumo o autor pretendia seguir e porque não conseguiu lá chegar. Como em tudo, Portugal tem também falta de bons críticos, embora tenhamos alguns excepcionais, momento em que gostava de destacar o bom trabalho do João Seixas nesta área.

Não quero com isto afirmar que não tenho os meus autores preferidos, e que eles não me influenciaram. Em diversos graus de importância, o meu modo de pensar e escrever seria bastante diferente se não tivessem existido Ursula LeGuin, Theodore Sturgeon, Bruce Sterling, William Gibson, Lucius Shepard, João de Melo, Sartre, Ellery Queen, Ruth Rendell, Frank Herbert, James Tiptree Jr, Frank Miller, só para retirar alguns da tômbola.

Acha que os escritores portugueses podem rivalizar em qualidade com os escritores estrangeiros?

Perfeitamente. Todas as línguas têm os seus escritores de destaque, e a nossa tem uma forte tradição a nível literário, além de ter uma riqueza suficiente para permitir a qualquer autor exprimir-se no limite da sua capacidade.

Claro que para isto acontecer é preciso que se criem as condições necessárias para o autor poder crescer e aprender. Não é à toa que equacionamos os escritores estrangeiros com qualidade.

E não se trata propriamente da questão estatística dos números - a quantidade ajuda, obviamente, mas se têm muitos bons escritores, têm escritores maus e horríveis em maior número... O que está em causa é que os melhores de entre eles estão acima dos melhores de entre nós - é isso que deve ser comparado.

Aqui entra a questão das condições - condições de mercado que permitam a um autor profissionalizar-se, ou seja, viver da escrita e da profissão de autor (incluindo palestras, entrevistas televisivas, etc, que são pagas no estrangeiro mas aqui não); ao viver da escrita, ser-lhe-à possível dedicar-se à literatura a tempo inteiro, e logo escrever mais ou trabalhar melhor o que escreve.

As condições não são só financeiras, mas de discurso literário. Quando muitos autores, leitores e críticos se juntam nasce um movimento. Um movimento é o que resulta de uma prática que se vai melhorando. Os críticos constroem um padrão e estabelecem normas, os autores

quebram as normas e enriquecem o conjunto, os leitores divertem-se no processo e incentivam à continuação. Este tipo de discurso tem possibilitado à FC no estrangeiro evoluir de meros contos pulp de máquinas, monstros e enredos imberbes para uma especulação efectiva sobre o futuro e o movimento das civilizações e o significado do ser humano quando confrontado com o Outro.

A nós falta-nos esse discurso, e se aprendemos com a manifestação alheia, e por ela conseguimos avaliar a nossa escrita e utilizar algumas das lições ditadas pelos outros, a verdade é que não é um processo que consiga desenvolver-se com alguma autonomia - os nossos críticos regem-se pelos ditames alheios, os leitores em grande medida desconhecem a história nacional do género, e os autores, por falta de tempo, jeito ou vontade, não tentam sequer entender que não podem começar do zero e que há que passar a um nível de sofisticação elevado por estarem numa competição internacional que dura há décadas... Não digo que se deva virar as costas ao que se faz lá fora nem isso seja minimamente benéfico, mas a condição permanente de estarmos constantemente a espreitar a festa pela janela e a tentar imitá-la no meio da rua torna difícil, ou mesmo impossível, o surgimento de uma abordagem nacional, de uma literatura fantástica de cariz lusitano.

O mundo não precisa de FC americana escrita em português (já existem afinal tantos americanos a fazê-lo) mas sim de autores que consigam aproveitar a distância cultural e, livres dos vícios históricos e conjunturais dos seus colegas além-mar, reinterpretem o género, renovem as fundações em que assenta e o transportem, no seio da própria língua, para o século XXI. Dessa forma conseguiremos ter autonomia e legitimidade para contribuir para o panorama mundial do fantástico, com autores que assumam orgulhosamente que pertencem ao género.

Como vive o actual "boom" de literatura fantástica em Portugal? Ou será este "boom" uma ilusão?

O boom é um facto: a literatura fantástica impôs-se como mercado e preenche uma boa percentagem das prateleiras disponíveis. Existem secções dedicadas ao género nas principais livrarias e tem-se assistido a uma agradável disputa entre as editoras para conquistar leitores pela introdução rápida das mais

recentes obras internacionais, algo que até há poucos anos acontecia por acaso. Ora, edição (permanente e crescente) não existe sem interesse, e interesse implica leitores. Pelo que se pode afirmar que o boom da edição é na verdade um boom da leitura, o que só pode ser positivo. Por arrastamento, vem a contribuição dos autores portugueses, pois as editoras começam a procurar a prata da casa para complementar o catálogo...

O boom é uma ilusão: quantidade não implica variedade, e nunca representou necessariamente qualidade. Não existe um boom de literatura fantástica, mas um crescimento de alguns temas dentro do vasto universo da literatura fantástica. Abundam os livros de vampiros, goblins, jovens mágicos a quem é prometido o universo sem ainda terem tido oportunidade de demonstrar o seu valor. Ficam no caminho os romances, outrora preferidos, de exploração espacial, contacto com alienígenas, sociedades futuras, hiper-tecnologia. Ficam esquecidas as temáticas surrealistas, o terror, o sobrenatural não urbano. É dado destaque desmesurado a jovens autores que ainda agora começaram a escrever, que não apresentam ideias novas e originais sobre os temas que abordam - como dita a regra do bom senso, para um punhado de bons haverá muitos que não mereciam igual atenção. E para o lado foram afastados autores de outras gerações, ou que não abordam exactamente o assunto do momento, mas que teriam mais para dizer (e fascinar).

Colocando-lhe uma questão semelhante à colocada ao Jorge Candeias, acha que os blogues sobre literatura fantástica apresentam qualidade suficiente para conquistar novos públicos?

Depende. Há vários tipos de blogues - alguns mais pessoais e de ocasião, outros com aspirações de maior formalismo. Entre a opinião e a crítica experiente e fundamentada existe um espectro de variações. Creio que o grande ponto a favor é que, mais importante que o factor de qualidade é a mera diversidade, que por um lado demonstra o tal interesse atrás referido e por outro possibilita que cada gosto particular encontre o que procura.

O que me parece que falte serão blogues interessados no passado da literatura fantástica, em particular o passado nacional. A história é a grande lacuna da internet - quem entrasse no nosso mundo e se limitasse a analisar esta biblioteca virtual ficaria com a ideia que a

sociedade humana teria nascido há poucas décadas, tal é o interesse (relativo) que se confere aos acontecimentos do dia a dia. A memória é importante para cada ser, para cada cultura. Depois de nós virá quem nos tenha esquecido. Se nos cumpre manter o registo de quem somos e o que fizemos, também nos cumpre lembrar quem nos antecedeu. De destacar o excelente trabalho que João Seixas fez no seu blogue Blade Runner em Novembro passado, durante o qual foi buscar às prateleiras edições de antanho e as apresentou, ao ritmo de uma por dia, aos leitores.

E que blogues portugueses destaca neste momento?

Sigo com muito interesse os blogues de quem mais de perto contribui para a literatura fantástica - entre autores, críticos e editores. Sem prejuízo dos restantes, faço notar os blogues do David Soares, da Safaa Dib, do João Seixas, da Cristina Alves, do Nuno Fonseca. O Rui Pedro Baptista tem, recentemente, apresentado resenções a um ritmo invejável, que espero possa manter. Blogues colectivos como o Correio do Fantástico são imprescindíveis mas têm uma semi-vida curta (sendo a «Trilha de Moebius» talvez o caso mais flagrante). Existem outros que entretanto se afastaram um pouco do tema, mas cujos autores vão mantendo presença assídua em fóruns de discussão. E outros ainda que gostaria que iniciassem ou regressassem a uma presença bloguistica.

A nível dos "portugueses" de além-mar, que segundo uma notícia do Google, são o segundo país que mais contribui para o fenómeno bloguista, refiro, de entre as dezenas de sítios interessantes, o Universo Fantástico, a Cristina Lasaitis, o Fábio Fernandes, Hugo Vera, Bráulio Tavares, Ana Cristina Rodrigues, Tibor Moricz, Fernando Trevisan, a Maria Helena Bandeira, o Octavio Aragão, e tantos outros.

E será que a literatura fantástica tem hoje maior incidência nos leitores através da internet ou continua a mensagem a passar através dos livros? Ou seja, será que o "Boom" foi criado pela internet?

Bem, só uma análise estatística poderia responder com legitimidade à pergunta. Mas a internet sem dúvida que contribuiu, pela facilidade de comunicação e divulgação de qualquer tema. E contribuiu em grande medida a nível do fantástico português, permitindo que se concretizassem projectos que de outra forma seriam quase

impossíveis de chegar ao fim (veja-se, a título de exemplo, o exercício que tentei construir à volta da elaboração anternativa da antologia "Por Universos Nunca Dantes Navegados" num universo sem internet publicado na Bang! 4).

Estará o futuro do fantástico nas artes em Portugal assegurado,
contando com valores tão importantes como o próprio Luis Filipe Silva,
como o David Soares ou o Jorge Candeias, entre outros?

O futuro do fantástico nas artes em Portugal estará assegurado desde que se consiga garantir o sagrado triângulo da criação: aquele que tem por cantos o autor, o leitor e o crítico, cada qual a contribuir com a sua função, de forma equiparada e em dinâmico equilíbrio.

Artigo de Opinião: Que Fazer com estes clichés?

Jorge Candeias

Durante os últimos dois anos e picos tenho estado, por obrigação da profissão de tradutor, mergulhado a fundo no mundo da fantasia épica. E não há grandes sinais disso poder vir a mudar em breve, pois o género está em pleno *boom* comercial, ainda que venha contando nos últimos anos com a concorrência cada vez mais forte dum certo tipo de fantasia urbana razoavelmente vampírica e muito dirigida a raparigas bastante jovens. Nem um nem outro são géneros que eu aprecie particularmente, apesar de reconhecer a excelência de alguns trabalhos, em especial a

série das Crónicas do Gelo e Fogo em que tenho tido a sorte de trabalhar: sou mais homem da ficção científica, da *weird fiction*, de coisas a atirar para o surrealista, etc. Principalmente da ficção científica. E são os olhos do fã de ficção científica que, ao olharem para o material com que tenho trabalhado, me têm levado a reflectir sobre as características que explicam o seu sucesso actual, por contraponto à obscuridade por que passa a literatura que prefiro. Quando me convidaram para escrever algo para a Dagon, achei que aí estava um tema que podia ser interessante, ainda que deva alertar quem estiver a ler estas linhas para que não espere obter daqui algo que tenha mais semelhanças com um resultado sólido e firme do que a pura coincidência de todos os alertas deste género. A reflexão foi iniciada, mas não concluída, e, embora me pareça que já consegui chegar a algumas conclusões razoavelmente sólidas, continua a haver pontas soltas e perguntas sem resposta.

Mas comecemos.

O mundo dos clichés

É reconhecido por praticamente toda a gente, incluindo muitos dos seus fãs, que a fantasia épica é, em grande medida, um mundo de clichés. Pega-se num livro do género e há imediatamente características que saltam à vista e que o identificam como pertencente ao género. O ambiente medieval, a organização feudal das sociedades, as espadas e os cavaleiros que as manejam são um substrato relativamente realista (ainda que muitas vezes idealizado) que vai buscar inspiração aos romances de cavalaria medievais. Bruxos e feiticeiros, que também já marcavam presença nessas obras medievais, fornecem-lhe a fantasia, acompanhados por objectos mágicos (armas, jóias e livros, basicamente) e animais legendários, com grande preponderância de dragões, ou animais comuns na fauna europeia mas dotados de ligações especiais com as personagens, seja como amigos dos heróis, seja como agentes das forças que se lhes opõem. A própria existência de heróis é também característica quase

universal do género, bem como quase universal é que esses heróis representem um bem maniqueísta em confronto aparentemente desigual com um mal absoluto. Tudo isto é de tal modo usado e repetido que ultrapassa a condição de meros traços identificativos de um género para se transformar em clichés. A esmagadora maioria da fantasia épica, da pior à melhor, apoia-se pesadamente em quase todos ao mesmo tempo.

Poder-se-ia pensar que quem gosta de ler acabasse mais tarde ou mais cedo por se fartar de ler histórias que, nos seus pressupostos básicos, são todas mais ou menos iguais umas às outras. No entanto, não é isso que acontece. Oh, é verdade que alguns se cansam e vão em busca de outras coisas. Tenho ouvido (ou lido) com alguma frequência fãs de fantasia épica a dizer que estão cansados do género, que o acham todo igual e sem novidade, etc. Mas, como as vendas comprovam, a maioria dos leitores mantém-se fiel e consome quase religiosamente saga atrás de saga. É um pouco o que acontece com outros tipos de literatura, nos quais o cliché marca presença forte, da literatura romântica à policial. Têm uma base de leitores fiel, a qual, longe de se sentir incomodada com os clichés, os usa como forma de reconhecimento e de conforto. Quando abrem um livro do seu género favorito, sabem à partida com o que podem contar, e num mundo real muitas vezes imprevisível e desconcertante, ter livros que funcionam como um refúgio de ordem e previsibilidade é muito importante para muita gente.

Leitores: todos diferentes, todos... diferentes

É uma questão de personalidade. Esta influencia, e em grande medida determina, aquilo que cada um de nós, leitores, procura no que lê. Dito de outra forma, a leitura responde a diferentes tipos de necessidade nos leitores. Pode ser conforto, pode ser escapismo, pode ser divertimento puro e simples, pode ser conhecimento, pode ser medo ou adrenalina ou ginástica intelectual, pode ser qualquer combinação destas coisas e de mais algumas.

Leitores mais conservadores têm tendência para procurar a realidade em detrimento de obras mais imaginativas, e/ou ambientes do passado por contraponto ao presente ou ao futuro. Leitores mais aventureiros preferem a acção de livros de aventuras (seja qual for o género; há livros de aventuras em quase todos) à contemplação da perícia estilística do autor A ou B. Uns leitores preocupam-se sobremaneira com o texto propriamente dito, chegando até, por vezes, ao ponto de nem repararem quando não existe nada por trás do texto, quando ele não passa de artifício estilístico completamente oco. E se reparassem provavelmente não se incomodavam. Outros ficam tão mais satisfeitos quanto mais retorcido e amigo de reviravoltas é o enredo; outros querem é ideias mirabolantes; outros só se interessam pela vida interior das personagens e pelas suas motivações; outros estão-se nas tintas para tudo o que não seja a ascensão e queda de civilizações e espécies inteiras.

O mais curioso é que tenho reparado que, dependendo daquilo que preferem encontrar no que lêem, os vários tipos de leitores fecham alegremente os olhos a conjuntos diferentes de clichés. Não foi uma nem duas as vezes que me aconteceu ler opiniões sobre livros em que se elogiava a sua originalidade, e depois, ao lê-los, encontrar clichés espalhados por todo o lado. Como? Engano deliberado do pobre leitor indefeso? Geralmente não. O que acontece é que os clichés que há nesses livros são aqueles em que o autor da opinião nem repara porque estão naquilo que não lhe interessa ou interessa menos. Alguns tecem loas de originalidade a livros "literários", escritos com toda a atenção ao detalhe linguístico do texto, mas com uns enredos do mais banal que se possa crer, outros a livros cheios de ideias mirabolantes, mas com personagens de cartão iguais a milhares de outras personagens de cartão inventadas por séculos de literatura, etc., etc. Foi tal a frequência com que me deparei com este tipo de opinião que hoje, assim que vejo alguém a tecer grandes encómios à originalidade duma obra, fico imediatamente de pé atrás com o opinador. O mais certo é ele tê-la olhado sob o estreito prisma dos seus próprios gostos e

motivações e não ter reparado em todas as fraquezas e características repetitivas que saltariam à vista de quem a olhasse desde outro ponto de vista. E isto refere-se tanto ao leitor comum, aquele que não tem nenhum objectivo além de transmitir, com toda a singeleza, a sua opinião a quem a queira ouvir ou ler, como a gente que escreve críticas em jornais, revistas e blogues. Ninguém parece estar imune a esta percepção selectiva de clichés, o que talvez aconselhasse alguma humildade a muitos de nós (sim, que eu também vou debitando opiniões por aí; esta crítica também me é dirigida).

E no entanto há clichés e há clichés

E no entanto, há obras que são consideradas por praticamente toda a gente remastigações de temas e obras anteriores, e outras que a grande maioria vê como interessantes, de boa qualidade e originais. Porquê? E em que é que isso afecta o modo como cada tipo de leitor as encara, e consequentemente o sucesso comercial que elas poderão vir a ter?

A questão, parece-me, tem mais a ver com a inteligência e subtileza com que se tratam os clichés do que propriamente com a sua presença ou ausência. O principal problema da fantasia épica que é vista como repetitiva é o facto da maioria dos autores mostrar muito reduzida quantidade duma e doutra coisa. Em alguns casos é de propósito: há autores que remastigam conscientemente obras anteriores, muito em especial o avô de quase todos, J. R. R. Tolkien. Fazem-no por um misto de instinto comercial, de vontade de vender algo que sabem que está a render no negócio dos livros, algo que está na moda, com a tendência para imitar aqueles que são vistos como mestres de que toda a gente sofre ao começar a escrever. Esses autores talvez até tenham capacidade para lidar com os clichés com inteligência e subtileza mas preferem não o fazer, escolhendo a segurança de voltar a trilhar caminhos já muito percorridos em detrimento do risco que existe sempre que se tenta chegar ao mesmo destino e passar pelos mesmos

lugares, mas a corta-mato, fora do caminho bem trilhado. Quem gosta de se ver como leitor sofisticado ou quem o é de facto torce o nariz a este tipo de obra, e não é raro que lhe sejam colados rótulos, muitas vezes mais ou menos merecidos, de sucedâneos puramente comerciais da verdadeira literatura de género.

Mas nestas coisas tudo é um contínuo sem fronteiras rígidas, e, partindo dessas obras derivativas, pode chegar-se a livros e séries inteiras que são quase unanimemente elogiadas, embora aquilo que realmente se elogia possa variar bastante entre os vários leitores.

Mas vamos a um exemplo que conheço bem para tentar explicar isto melhor:

As Crónicas do Gelo e Fogo estão cheias de clichés. Lá está escarrapachado o típico ambiente medieval de matriz europeia, lá estão os dragões, lá estão os animais com ligações especiais aos protagonistas, lá está o perigo de cariz mágico que há que vencer para conquistar a sobrevivência, etc., etc., etc. No entanto, quase todos elogiam profusamente a série como um todo, ou pelo menos alguns dos livros que a compõem. Porquê?

Porque Martin trata os clichés com uma mestria e uma elegância que são raras na fantasia épica. As personagens, ainda que muitas se encaixem melhor ou pior em estereótipos, estão caracterizadas com uma solidez que as eleva da bidimensionalidade em que, de outra forma, poderiam ter caído. Os dragões são ainda, a meio da série, criaturas possuidoras de um carácter mal definido, contraditório, e por isso mesmo interessante. O mal que há que vencer não é necessariamente o típico mal maniqueísta de outras histórias e mantém-se em aberto a possibilidade de não haver na verdade mal algum, mas apenas criaturas forçadas pelas circunstâncias a entrar em choque com o mundo dos homens. Os reis, cavaleiros e princesas pouco ou nada têm a ver com as criaturas idealizadas, possuidoras ou de todas as virtudes ou de todos os defeitos, dos contos de fadas e da fantasia épica mais simplista: são pessoas de carne e osso com características próprias, fortemente influenciadas pela cultura e ambiente do mundo em

que vivem. Ou seja: os clichés estão todos lá, mas é quase como se não estivessem porque a maneira como Martin os trata anula o aborrecimento do "já vi isto em qualquer lado".

Depois há o enredo, no qual se entrelaça uma quantidade apreciável de tropos já conhecidos (a difícil relação inter-geracional da família Lannister, a típica demanda da fantasia, presente quer em Bran, quer em Dany, quer em Brienne, as questões de honra que se vêem nesta e também em Jaime e Catelyn, etc. e muitos etcs.), mas com uma qualidade tal que muitas vezes nem nos damos conta de estarmos a reler algo que muitos outros autores já antes nos contaram. Tudo parece fazer sentido, tudo parece estar no seu devido lugar, tudo tem uma solidez quase palpável, independentemente dos clichés.

Esta série de GRRM não é única, claro; outras há que, melhor ou pior, conseguem atingir uma qualidade que talvez não se esperasse do material que têm por base. Se resumirmos estas histórias a uma página, ficamos geralmente com aquilo que aparenta não passar duma simples sucessão de clichés atrás de clichés, um simples conjunto de ideias já lisas de tão gastas. São os pormenores que as transformam em algo mais. É a execução que as torna únicas. É a espécie de vida que o autor nelas consegue insuflar que as destaca da mediocridade em que de outro modo poderiam ter caído.

Mas *não é* a presença ou ausência de clichés.

Que tem isto a ver com FC?

Boa pergunta. Mas é precisamente respondendo-lhe que se conseguirá, talvez, encontrar pistas para a outra pergunta que esbocei no início deste texto, sobre os porquês de haver actualmente um desequilíbrio tão grande entre o público disposto a ler fantasia e aquele que não torce o nariz a um bom livro de ficção científica.

Parte dessa resposta é óbvia. Se leitores mais conservadores preferem ambientes históricos em detrimento de outros mais contemporâneos ou com os olhos postos no futuro, é natural que leitores mais conservadores

prefiram a fantasia de carácter medieval à ficção científica, a qual tipicamente (mas nem sempre) se debruça sobre o que talvez possa ainda vir a acontecer. Se houver mais leitores conservadores do que progressistas, parte do desequilíbrio explica-se por si. Mas não sei se há ou não, e parece-me no mínimo arriscado fazer o exercício oposto, isto é, dizer que o facto de haver mais leitores de fantasia do que de FC significa que há mais leitores conservadores do que progressistas. É uma explicação fácil, mas, como acontece quase sempre com as explicações fáceis, ou está errada ou não explica mais do que parte dos factos. E limitarmo-nos a ela pode levar-nos a fechar os olhos a outras características ou tendências que possam ter uma influência mais decisiva. Ora, andar por aí de olhos fechados é o caminho mais seguro para dar grandes trambolhões.

De modo que prefiro deixar por agora de lado essa explicação e tentar encontrar outras.

A FC não está imune a clichés, naturalmente. Aliás, basta fazer na net uma busca por algo como "The Grand List of Overused Science Fiction Clichés" para se descobrir uma página que os lista às dezenas, ainda que tenha um pendor mais audiovisual do que propriamente literário. Existem outras, que demonstram que a ficção científica nada no vasto mar de clichés que constitui boa parte da base de toda a literatura e do cinema como baleia num mar de krill.

O que é curioso é que quem tenha algumas bases sobre a história da ficção científica vai descobrir nestas listas uma percentagem significativa que tem origem na chamada *golden age*. Para os outros, segue-se um breve parêntesis explicativo.

Golden quê?

Golden age. Idade dourada. Uns dizem que é aos 14 anos (brincadeira interna, não liguem), outros explicam que se trata de um termo americocêntrico que designa um período entre 1938 e 1946, durante o qual John W. Campbell reuniu nas páginas da revista *Astounding Science Fiction*, antepassada da actual

Analog, um conjunto de jovens escritores que vieram a constituir boa parte dos monstros sagrados da FC de meados do século XX em diante (muitos deles tiveram carreiras longas, que se estenderam pela segunda metade do século XX e, em alguns casos, continuam ainda hoje), ao mesmo tempo que, para o melhor e para o pior, impunha a sua peculiar visão do que o género era e devia ser. Outros estendem o termo um pouco mais, por forma a incluir também outros nomes grandes que começaram as respectivas carreiras um pouco mais tarde, em finais dos anos 40 e inícios dos 50.

Seja como for, uma coisa é certa: a FC Campbeliana, embora nunca tenha sido a única forma de encarar a ficção científica, acabou por dominar a FC mundial, e mais ainda a ocidental, e acima de tudo a anglófona, durante muitos anos. E gerou uma série de ondas de choque que ainda hoje se fazem sentir. Com ela veio uma atitude de predomínio da "ideia" sobre tudo o mais, qualidade de texto incluída, e, paradoxalmente q.b., a verdadeira catadupa de clichés que se podem apreciar em toda a sua pujança nas listas de que falo acima.

Mas também é certo que, apesar disso, raramente a FC foi mais popular do que durante a *golden age*. E só escrevo aqui "raramente" e não "nunca" porque existem países aos quais a ficção científica americana pouco chegou e que mantiveram uma saudável independência relativamente ao "padrão" Campbeliano que se estava a desenvolver, ao mesmo tempo que os autores locais gozavam de uma popularidade e prestígio que nem os americanos alguma vez alcançaram no seu país: a União Soviética acima de tudo, mas também outros países do Leste europeu e, até certo ponto e durante algum tempo, a França.

Dito de outra forma: houve uma época em que a ficção científica esteve mais ou menos no lugar onde hoje está a fantasia. Uma época em que Tolkien não passava dum senhor inglês algo excêntrico, idolatrado por um número reduzido de adolescentes bizarros que preferiam passar o seu tempo a jogar uma coisa nova, um tal de RPG, ou *Dungeons and Dragons*, ou lá como se chamava a

bizarria, em vez de se porem ao volante dos seus *power cars* e irem engatar miúdas ao som do *twist*. Enquanto isso, os outros sonhavam com máquinas e planetas, carros *high-tech*, robots, computadores e naves espaciais.

E também então, tal como hoje, se vendiam como ginjas as histórias carregadinhas de clichés. As histórias de cowboys no espaço. As histórias de batalhas navais no espaço. As histórias tantas vezes mal escritas, tantas vezes literariamente indigentes, mas que davam ao seu público a imagem de futuro que ele procurava, uma imagem que, por baixo do verniz superficial de futuro e exotismo, nunca deixou de ser inteiramente americana, e contemporânea a cada momento em concreto.

E também então, tal como hoje, histórias e autores houve que foram capazes de pegar nos clichés e fazer com eles algo mais.

Neste vasto universo tudo envelhece...

Parece o estado em que está hoje a fantasia, não parece? E no entanto, isso é estranho. Afinal, a FC, diz-se, tem no seu fulcro a ideologia da ideia *über alles*. Como é que uma literatura que teoricamente se baseia na ideia ganha uma quantidade tão grande de clichés?

Por duas vias. Uma são os tais clichés secundários que permeiam tudo simplesmente porque não são encarados como suficientemente importantes para que se tente evitá-los. Escritores e leitores que procuram no que escrevem e lêem novidade nas tecnologias, nos métodos de propulsão, nas raças alienígenas, em armas, artefactos e ambientes, não se incomodam quando as personagens não têm consistência, quando as histórias repetem fielmente enredos anteriores, usados dentro ou fora do género, quando não existe a mínima novidade no tratamento da língua (além da profusão de neologismos, que é um traço distintivo e inevitável da ficção científica), etc. Então, como agora, desde que os escritores logrem transmitir o que pretendem transmitir e aos

leitores seja entregue aquilo que procuram, tudo o resto é irrelevante e pode aparecer ajoujado sob o peso de centenas de clichés, que não tem nenhuma importância. Às vezes, nem reparam neles.

Outra, é o envelhecimento. Todos os clichés são sintomas de envelhecimento, por definição. São ideias e técnicas já utilizadas antes, e (muito) mais que uma vez, e que portanto se tornam gastas e repetitivas. E a FC não está imune ao envelhecimento, muito pelo contrário.

Na verdade, o modo como ideias e histórias envelhecem é um dos factores que mais distingue a ficção científica da fantasia e, na verdade, de todos os outros géneros.

... mas nem tudo envelhece da mesma forma

Campbell, ao reduzir a "sua" ficção científica à ideia, conseguiu duas coisas.

Uma delas é uma popularidade muito grande no curto prazo que gerou a médio e longo prazo um formato de que a ficção científica tem tido enorme dificuldade em libertar-se. Esta é, talvez, a parte boa, pois é possível que a FC não se tivesse conseguido impor nos Estados Unidos (e consequentemente no cinema e na TV, e, a partir daí, no mundo inteiro) sem ela. Embora outras formas de encarar a FC tivessem até obtido um sucesso maior noutros países, os povos e as suas histórias e culturas são diferentes, e é muito provável que a FC à Campbell fosse a única capaz de se impor nos EUA da Segunda Guerra Mundial e do Pós-Guerra. Nuns Estados Unidos militarizadíssimos, e em pleno *boom* tecnológico e industrial, nos quais a atitude predominante era "só o essencial importa", despir a FC de tudo o que não fosse a ideia, ou seja, o essencial, é bem capaz de ter sido o segredo do seu sucesso na época.

A outra coisa que Campbell conseguiu, no entanto, foi catastrófica, e estamos hoje a sofrer-lhe as consequências. Deixem-me dar um passo atrás para explicar melhor.

Tudo no universo envelhece, e a literatura, que apesar de abrir outros universos aos leitores, continua a fazer parte deste, também envelhece. Envelhecem os temas, envelhecem os estilos, envelhecem as ideias, toda ela envelhece, ganha rugas, amarelece. Mas nem tudo no universo envelhece da mesma forma ou ao mesmo ritmo. Uma mosca envelhece e morre no decurso de um verão; um fotão é capaz de passar milhões de milhões de anos quase sem sofrer alterações. Também na literatura isto é verdade.

Pouco importa se uma história de fantasia medieval ou um romance histórico é escrito hoje ou há 100 anos; o seu tema está suficientemente afastado de nós, no passado, para que não faça grande diferença ler uma obra ou a outra. Há diferenças, desde que os autores estejam em sintonia com as tendências literárias da respectiva época, há também algumas diferenças de linguagem, mas nada que possa pô-las em causa. Isto tem como consequência que o leitor moderno que se queira informar sobre as origens do género, que queira ir ler os clássicos, não vai encontrar nenhuma grande barreira a erguer-se entre presente e passado, e vai conseguir lê-los mais ou menos como os leria um contemporâneo.

Para a ficção científica, pelo contrário, importa, e muito. Ao basear-se primordialmente no futuro ou em ideias científicas e tecnológicas de ponta, a FC corre o risco constante de se ver ultrapassada bem depressa por novos desenvolvimentos científicos e tecnológicos, embora também possa acontecer que as suas especulações acabem mais ou menos confirmadas na prática, pelo menos durante algum tempo. O problema é que a maior parte das ideias não têm futuro, e é impossível saber de antemão quais as que o têm e quais as que não têm. Ora, o que julgam vocês que acontece a uma obra literária reduzida quase por completo a uma ideia quando essa ideia morre?

Pois.

A opção de Campbell teve esta devastadora consequência. Extirpando da sua noção de FC tudo o que não fosse a ideia, Campbell condenou uma proporção enorme da FC do seu

tempo não só ao envelhecimento rápido mas à morte prematura. Ler hoje a maior parte do que se publicou nessa época causa uma bizarra sensação de estar a desenterrar cadáveres. A suspensão da descrença não funciona. Os clichés saltam à vista como gafanhotos. As ideias parecem ingénuas, estúpidas ou tratadas de forma deficiente. E não existe literatura que consiga compensar a morte das ideias, porque um texto cuidado e uma elaboração das histórias era a última das coisas que Campbell queria a meter-se no caminho da sua sacrossanta essência. Aquilo que poderia hoje salvar a FC do tempo não a salva porque não existe, nunca existiu, e deliberadamente. É por isso que é mais agradável ler hoje as histórias de Júlio Verne, H. G. Wells, Conan Doyle e outros bons escritores da "pré-FC" do século XIX e princípio do XX do que a esmagadora maioria das histórias Campbelianas, apesar destas estarem mais próximas de nós no tempo.

Poderão perguntar: "E daí? Que é que isso interessa?"

Interessa, porque é aí que se encontra parte dos clássicos da FC. É aí que está a base de muito do que se faz hoje. É aí que se vai encontrar uma percentagem significativa da matriz. Da raiz.

E quando a raiz morre, o que acontece à planta?

Pois.

A FC morreu, vai morrer, não morre nunca

"Oh, não", pensarão alguns, "lá vem também este com a velha conversa de chacha sobre a morte da FC!" Oh, não, respondo eu. A mim não me apanham a disseminar esse cliché; poucos há que sejam mais aborrecidos e menos dignos de resgate.

Mas é inegável que um género sem raízes é um género com dificuldades em impor-se e desenvolver-se. Ter contacto com os clássicos é fundamental para se conseguir realmente compreender o que se tem entre mãos. Sem esse contacto, ainda que parcial, ainda que coado por terceiros, há sempre algo que não parece completo.

No *mainstream*, e, dentro deste, na literatura portuguesa,

o contacto com os clássicos é feito na escola e a partir de tenra idade. Nem sempre da melhor forma, é certo, mas ele existe. Quem passa pela disciplina de português fica com uma noção, mesmo que muito rudimentar, de como foi que a literatura portuguesa chegou àquilo que é hoje, e conhece, ainda que vagamente, alguns dos seus nodos principais. Duma forma mais autónoma mas não menos eficaz, o contacto com os clássicos também acontece noutros géneros. É quase impensável que um fã de fantasia não tenha lido Tolkien, tal como é impensável a um fã de horror não ler Lovecraft ou parte da miríade de escritores do fantástico vitoriano e gótico.

Mas um fã de FC dificilmente conseguirá ler alguma da FC da época dourada, e se a ler provavelmente não ficará lá muito bem impressionado. Se for português, então, pior um pouco, pois essa FC está publicada por cá duma forma pouco criteriosa, não raro extremamente mal traduzida, e em edições de há 20, 30 anos ou mais, que se vão tornando cada vez mais difíceis de encontrar, mesmo em alfarrabistas. Os fãs de FC são, pois, leitores em boa medida desenraizados do género que preferem, e só não o são por completo porque continuam a reeditar-se os clássicos da pré-FC, os grandes romances de Verne, Wells, Doyle e o *Frankenstein* de Shelley. Um punhado de autores cuja ficção científica, tão irremediavelmente datada como a Campbeliana, consegue todavia sobreviver porque *não* se resume à ideia. O mesmo se poderá dizer de alguns livros de Bradbury, e de outros autores pós-campbelianos. Trata-se de livros completos, que não têm medo de se assumir como "literatura propriamente dita", e envolvem a ideia em algo mais, algo capaz de manter interessado o público de um tempo que não é o seu.

O problema é que a proto-FC e um punhado de outras coisas não são suficientes. E com a FC Campbeliana a encaminhar-se a passos largos para se tornar completamente ilegível, corre-se o risco de ver parte importante dos ancestrais da FC moderna a transformar-se num buraco negro que tudo consome e do qual nada sai. A menos que se faça o que fizeram os

dinamizadores da nova *space opera*.

OK, confesso: não gosto de *space opera*. Nunca gostei, nem da original, nem da nova. Mas tenho de dar a mão à palmatória: o caminho seguido por quem gosta é muito provavelmente o único caminho capaz de reavivar a ficção científica.

A *space opera* foi, apesar dos estrondosos êxitos que conheceu no cinema (ou talvez por causa deles) a primeira parte da FC Campbeliana a entrar num colapso quase completo. Acusada, muitas vezes justamente, de pateta, infantil e ninho de clichés, foi activamente rejeitada a partir do surgimento da *new wave*, nos anos 60. Não que tenha propriamente desaparecido. Mas foi relegada para novelizações baratas e geralmente de muito má qualidade dos êxitos audiovisuais, para dois ou três autores persistentes, que nunca deixaram de produzir novas histórias pertencentes às suas longas séries *space operáticas*, e para um grupo razoavelmente reduzido de fãs nostálgicos das glórias do passado. Houve quem afirmasse a pés juntos que a *space opera* estava morta. Mas como geralmente acontece com estas coisas, ela recusou-se a deixar-se enterrar. E lá pelos anos 80 houve quem tivesse pegado nos seus clichés e começado a mexer-lhes e remexer-lhes, acrescentando-lhes novos ingredientes, mais capazes de produzir literatura válida (cuidado com o texto, personagens mais desenvolvidas, esse tipo de coisas que muito teriam irritado Campbell), acabando assim por dar origem à chamada "nova *space opera*". Os velhos clichés do subgénero continuam em grande medida presentes na sua nova encarnação, mas, tal como acontece com os da fantasia, quando são manuseados por mãos competentes transformam-se e quase se eclipsam. Funcionam como âncoras, fios condutores usados para recuperar de um passado moribundo aquilo que ainda é recuperável e fornecer às gerações contemporâneas um certo sentido das origens.

Provavelmente será isso que teremos de fazer com quase toda a FC anti-literária que foi sendo produzida ao longo das décadas. Pegar nas suas ideias, nos seus clichés, até nos seus enredos, e

modernizá-los, trazê-los para a contemporaneidade e tentar, pelo menos tentar, fornecer-lhes suficientes motivos de interesse para que não se percam de novo no tempo quando a ciência e a tecnologia voltarem a ficar obsoletas. Porque *isso*, que a ciência e a tecnologia ficarão obsoletas, é o que temos de realmente garantido em tudo isto.

Se resulta com Shakespeare, cujas peças foram sofrendo ao longo dos séculos inumeráveis versões e reinterpretações, não vejo por que não possa resultar com a FC. Se resulta no cinema, que sempre que adapta uma obra da FC de há 50 anos a moderniza, e por vezes até o faz bem, não vejo por que não possa resultar na literatura. Desde que se abandone de vez a daninha ficção de que a FC é a "literatura das ideias". Como se não houvesse ideias nas outras literaturas. Como se a FC não precisasse de mais nada. Como se vivêssemos nos Estados Unidos do tempo de Campbell.

Enfim...

Então era mais ou menos isto o que eu tinha para vos dizer. Parabéns a quem chegou até aqui. Não planeei este artigo assim tão longo, mas ele aconteceu desta maneira. Coisas complicadas como estas não se explicam em duas linhas, e quando apanham reflexões em curso pior se torna. Confesso que este artigo foi difícil de escrever, não só por causa da complexidade do tema e da minha própria falta de certezas, não só pela quantidade de vias travessas que tive de tomar para chegar até aqui, mas também porque me esforcei para não o deixar cair na chatice. Ser chato é, decididamente, chato. Se tive ou não sucesso, cabe-vos a vós dizer.

Goor II

"Este romance de aventuras épicas "adocicado com o toque mágico da fantasia" merece, sem dúvida, a nossa atenção. Valores como a amizade e a liberdade, tão essenciais à nossa condição humana, estão aqui sempre presentes."
in Montijo Agenda

"Regresso a Goor, mundo fantástico capaz de fazer corar o Senhor dos Anéis!"
in Correio da Manhã

Pedro Ventura

Lisboa Triunfante

O romance definitivo sobre uma Lisboa mágica, simultaneamente um tesouro literário e um triunfo da imaginação

"Lisboa Triunfante é um romance épico sobre a rivalidade entre duas figuras misteriosas, cuja contenda milenária se cruza com a história da capital portuguesa. Desde as origens pré-históricas de Lisboa até aos anos turbulentos que antecederam a implantação da República, passando pela elevação da cidade a capital do Reino por Afonso III e pela construção enigmática do Mosteiro dos Jerónimos, a galeria de personagens que dão vida a Lisboa Triunfante contém figuras como Frei Gil de Santarém, D. João V e Aquilino Ribeiro. Reunindo elementos de romance histórico e fantástico, este é o livro definitivo sobre uma Lisboa mágica, que possui tanto de reconhecível quanto de maravilhoso. Lisboa Triunfante é um triunfo da imaginação."

David Soares

Batalhas Interiores

Francisco Norega

Conto:

Batalhas Interiores

Francisco Norega

Para a Catarina,
para o Zé, para o Ricardo e para a Carina.

Parte I – Emoshi

Sorri, tomado por uma nova esperança.

No horizonte apareciam estandartes verde lima com um punho de indicador esticado. O indicador que os *poushi* espetavam aos mais próximos em jeito de cumprimento, assim como os ocidentais outrora apertavam as mãos, era o seu símbolo.

«*Poushi*!!!», gritou um dos meus companheiros, erguendo a espada e fazendo todos estacar. Os *emoshi*, Guerreiros do Ódio, olharam-no surpresos, para depois seguirem o nosso olhar até às colinas, a leste. Pouco a pouco, uma força de quinhentos cavaleiros revelou-se, enquanto o campo de batalha parecia ter congelado no tempo.

Desviei os olhos do horizonte, crispando a mão direita sobre o punho da minha espada. Toquei levemente os meus quatro companheiros, e formámos de novo um círculo, virados de costas para o centro. Pus a espada em riste e brandi-a, grunhindo ao *emoshi* mais próximo, que me olhou com um brilho de dúvida nos olhos.

Longe, ouviram-se os ruídos da debandada geral, quando os cavaleiros atingiram o campo de batalha, a galope e de lança em riste. Os cavaleiros *poushi* eram conhecidos por serem implacáveis em combate, mas só matavam se estritamente necessário, e os guerreiros nas armaduras negras sabiam-no. Era pouco provável que algum morresse naquele dia, às mãos dos Cavaleiros, se fugissem.

As duas dezenas de guerreiros que nos rodeavam estremeceram quando um grupo de cavaleiros galopou na nossa direcção; entreolharam-se durante alguns momentos, e correram com tanta velocidade quanto as armaduras negras lhes permitiam.

Os Cavaleiros, nas suas ofuscantes túnicas verde-lima, tiraram os elmos de prata,

enquanto os cavalos passavam de galope a trote, revelando longos cabelos castanhos e pretos. A rapariga que encabeçava o grupo dirigiu-se a mim, sem abrandar a velocidade do cavalo, estendendo-me a mão. Agarrei-a, sem pensar, e fui puxado para cima do garanhão, sujando o seu imaculado pelo branco com o sangue que saía do coto em que terminava o meu braço esquerdo.

«Procurem os feridos e garantam que nenhum *emoshi*», cuspiu a palavra, «ceifa mais nenhuma vida hoje!», gritou, enquanto o cavalo dava meia volta, sempre a trote. «Vou para Castro Índigo. Todos os feridos graves que encontrarem deverão ser transportados para lá o mais rapidamente possível!», terminou, pondo o cavalo a galope.

A última coisa que senti foi uma dor latejante no meu braço, enquanto a imagem de uma planície onde os restos da nossa hoste eram rodeados pelos nossos salvadores se esbatia na minha mente.

Parte II – Castro Índigo

«Onde…», comecei a perguntar, esforçando-me por abrir os olhos.

«Castro Índigo, estamos em Castro Índigo.», respondeu uma voz masculina, que me era levemente familiar. Tentei soerguer-me, apoiado nos cotovelos. «E não penses em levantar-te, perdeste demasiado sangue.» Não liguei, até o meu braço latejar. Gritei, deixando-me cair na cama, inundado pela dor. Água caiu sobre os meus lábios, e engoli-a avidamente. «Já devias ter aprendido a seguir os conselhos do teu irmão. Estás a melhorar surpreendentemente rápido, mas vais ter de ficar em repouso durante alguns dias.»

Abri os olhos, finalmente, para contemplar a cara do meu irmão, assombrada por umas enormes olheiras. Uma das caras que mais familiar me era em todos os vales *idishi* – não era meu irmão de sangue, mas fora uma das poucas pessoas que me acolhera ali, esquecendo todo o meu negro passado.

Esforcei-me por emitir algum som. «Quanto… ah… tempo…?» Pelo estado miserável da minha garganta, devia ter sido muito.

«Alguns dias.»

Levantei-me abruptamente, ignorando a dor. A minha mão direita procurou rapidamente uma arma, infrutiferamente. Senti a ligadura que tapava o fim do meu braço empapar-se em sangue, e gritei.

O tecido que tapava a abertura da divisão foi levantado, para deixar passar uma rapariga de estatura média, os seus cabelos castanhos e encaracolados caindo sobre uma túnica verde lima.

«Está quieto, idiota.», disse, aproximando-se da cama com passadas rápidas. «Hmph.» A sua mão suave mas forte empurrou-me novamente para a cama e espetou-me um dedo na barriga. «Não arrisquei os meus Cavaleiros e cavalguei um dia e uma noite sem parar para te esvaíres em sangue a primeira vez que abres os olhos.»

Olhei-a, espantado, enquanto relembrava os últimos acontecimentos da batalha. Os cavaleiros *poushi*. O exército *emoshi* debandando. A rapariga.

Envergonhado, soltei um «Ahhh» rouco. Aquela rapariga arriscara imenso por mim, e eu nem sequer a conhecia. E a primeira vez que me levantava punha em risco todos os seus esforços.

Tentei organizar os meus pensamentos, ao mesmo tempo que me esforçava por retirar a expressão de espanto da minha cara. «Como… está… o nosso… exército?»

«Está… ahhh… a salvo», começou ela, insegura. «O que restou, pelo menos.»

Não podia continuar deitado. Não podia deixar o meu povo indefeso, não podia. «Está quieto», disse o meu irmão, assim que comecei a levantar-me. «Nesse estado, ainda que fosse preciso, não irias ajudar ninguém. Tenta é deixar-te de parvoíces dessas, e restabelecer-te rapidamente.»

«Ele tem razão», concordou ela. «Quanto mais rápido melhorares, melhor. Sobraram menos de mil de vocês. Apesar de tudo, quando chegámos, já só restava um cento de vós no campo de batalha. Os outros oito centos são os que conseguiram fugir, e as reservas que tinham ficado nos castros.»

Mil homens, ainda que ajudados por outras tantas centenas de Cavaleiros, não eram suficientes para proteger as duas dezenas de castros e aldeias espalhados pelos vales *idishi*. Estávamos perdidos, às mãos do instável ódio *emoshi*.

«Não é tão mau assim, descansa.» Tomou a minha mão entre as suas, suaves. «Os *emoshi* fugiram como baratas, quando nós aparecemos. A Senhora dos Corvos e os seus guerreiros dizimaram os que fugiram para oeste, nos Desfiladeiros. E muitos dos que entraram nas florestas *cakeshi* também de lá não saíram.» Pousou-a de novo no colchão. «Devem ter chegado às Cidades do Sul menos de um quarto dos que de lá partiram, mas mesmo assim poderemos vir a precisar do maior número possível de mãos que possam empunhar uma espada. Descansa, e melhora rápido. Tenta não fazer nenhuma loucura.»

٦

Na primeira noite, e durante todo o segundo dia, recebi inúmeras visitas, como receberam todos os que haviam batalhado e sobrevivido para contá-lo. Inúmeras pessoas de Castro Índigo, das mais variadas idades e profissões, trouxeram-me presentes e honraram-me com a sua companhia, agradecendo-me por ter sido tão bravo em batalha, e por ter lutado por eles, até ao fim. Senti-me culpado – perdera a esperança muito antes do fim, e considerara fugir. Não merecia nada do que o meu povo me estava a dar. Traíra-o, ainda que apenas em pensamento.

Ainda assim, nada disse. Desiludira-me a mim mesmo, não iria desiludir o meu povo. Depositavam toda a esperança nos seus guerreiros, *em nós,* e não seria eu a retirar-lha. Por isso, fingi-me confiante e extremamente agradecido, escondendo a culpa.

Em relação ao cansaço, no entanto, não tinha de fingir. Mal o sol se escondeu atrás dos edifícios de mármore, a rapariga e o meu irmão não deixaram entrar mais ninguém no quarto. Agradecido, deixei-me acolher pelo calor dos lençóis. Somente o acto de falar cansava-me, e já me havia levantado duas ou três vezes. Estava exausto. Adormeci rapidamente, ao som calmo do esmorecer da actividade de Castro Índigo.

A alvorada do terceiro dia, no entanto, nasceu com os ruídos do Castro em frenesim. Gritos ansiosos acordaram-me,

misturando-se com os sons de cascos a bater na pedra e de aço a bater em aço. Uma malga jazia em cima da mesa, vibrando com a agitação do Castro, mas, aparte isso, o quarto estava vazio.

Uma pequena indecisão passou-me pela mente, mas rapidamente a bani dos meus pensamentos. Não importava se me tinham dito para repousar, acontecesse o que acontecesse. Tinha de ajudar. Se Castro Índigo caísse, não me valeria de nada ter ficado ali, com medo de uma reprimenda.

Ao tentar levantar-me, apoiado nos cotovelos, senti os músculos fracos. Já não devia comer há mais de meio dia. Cambaleei até à mesa de madeira, sorvendo sofregamente a sopa. Senti o espesso líquido a aquecer-me as entranhas, a dar-me forças, ao mesmo tempo que a adrenalina me corria no sangue. O forte não era muito longe dali e, por isso, deveria conseguir arranjar rapidamente uma arma.

Dei um passo para a saída do quarto, determinado, ao mesmo tempo que uma sombra crescia, projectada no pano da entrada. Parei, assustado, procurando com a mão direita a única coisa que me poderia servir de arma – a malga.

O meu irmão entrou no quarto, num passo irritado, falando desenfreadamente. Eu, pelo contrário, ficara mudo de susto e espanto.

«Larga isso», disse. «Deita-te, ainda não estás em condições de andar por aí levantado. E deves ter fome, vou-te buscar mais uma sop…»

«Eh», consegui interromper, a custo, «calma, calma. E Castro Índigo?»

«Castro Índigo o quê? E porque raio é que estás a olhar para mim com essa cara? Larga a malga.»

Larguei a malga, mas não consegui afastar o espanto da minha expressão. O que raio estava a acontecer? «Ahh, não estamos a ser atacados?»

«Não, rapaz. Uma aldeiazita a uma dezena de vales daqui é que está. E queriam levar o Castro em força para auxiliá-los. São loucos. Deixar isto desprotegido. E deita-te, por amor de Deus!», concluiu, agarrando em mim como se de um bebé me tratasse, e depositando-me na cama.

«Por amor de Deus, digo eu. Podia ser a nossa aldeia. Eles precisam da nossa ajuda. É o nosso povo!»

«E deixar aqui todos estes feridos, sem uma guarnição? Loucos!», quase gritou, indignado.
«Aqui estamos protegidos por uma muralha que vale por duas centenas de homens. Com cinquenta camponeses nas muralhas, o Castro pode aguentar vários dias. E, de qualquer maneira, se os *emoshi* triunfarem lá, seremos um potencial alvo. Devias ir, para cortarem o mal pela raiz.»
«Não», respondeu, inflexível. «Vou ficar aqui. Ponto final. E vou buscar mais alguma coisa para tu comeres. E ai de ti que te levantes.»

۶

Os montes erguiam-se uns acima dos outros, para leste, tornando-se cada vez mais íngremes e altos. No horizonte distante, os montes de cume arredondado davam lugar às escarpadas montanhas dos clãs da Senhora dos Corvos.
Apoiei-me numa ameia, para descansar um pouco.
Estava tudo demasiado calmo – do exterior, nenhum som ou movimento chegava, enquanto que, da povoação, não se ouviam as habituais actividades matinais levadas a cabo com entusiasmo e alegria. Naquele dia, no entanto, o torpor e o medo haviam tomado conta da população – da aldeia que fora atacada na alvorada do dia anterior não havia notícias. Um caçador do Castro voluntariara-se para ir à aldeia que fora atacada ver o que tinha acontecido, e partira ao anoitecer do dia anterior, mas ainda não voltara. E o sol já se erguia forte acima do horizonte.
Naquele momento, as minhas pernas fraquejaram e uma dor lancinante preencheu-me o peito.
Apoiei-me pesadamente na muralha, perscrutando os vales na direcção da aldeia que fora atacada. Também eu sentia um forte temor. Só tinha visto aquela rapariga uma dúzia de vezes, a primeira das quais há menos de duas semanas, mas um novo e forte sentimento nascera dentro de mim. Durante aqueles três dias, habituara-me à sua presença, e aos indicadores sempre prontos a espetarem-se na minha barriga. Tornara-se

uma das pessoas mais importantes para mim. *E agora, sem mais nem menos, não sei se voltarei a vê-la.*

Senti as lágrimas a correrem-me pela face, mas não as tentei reter.

Para que destino cavalgara ela? Batalhar numa batalha que não era a sua. Lutar por um povo que não era o seu. *Por mim.* Não o merecia. *E agora, sem mais nem menos, não sei se voltarei a vê-la*, soou novamente, na minha mente.

Subitamente, um movimento quebrou a sinistra quietude que inundava os vales. Uma forma humana deslocava-se numa colina do outro lado do vale, descendo a encosta suave com enorme rapidez, mas com movimentos calmos e fluidos. Movimentava-se como se fizesse parte da própria natureza, de tal modo que quase passava despercebido sob o meu olhar.

À medida que se aproximou, as minhas suspeitas confirmaram-se – aquele não era o caçador que tinha partido para a aldeia no dia anterior. Nem ele nem qualquer habitante dos vales, pelas suas vestes. Aliás, as vestes que ele envergava não eram características de povo ou região alguma que eu conhecesse – e não eram poucas. Preparei-me para me voltar e começar a correr para dar o alerta, quando a minha mente se iluminou. Mais tarde, admirei-me por não ter reconhecido antes aquele tão característico andar, ligeiro, rápido e seguro, e indumentária, que haviam estado presentes na minha vida desde que tinha memórias. No entanto, naquele momento apenas consegui descer a muralha apressadamente, prostrando-me no largo portão principal, pelo qual podiam passar três cavalos lado-a-lado, a galope. Passei o peso do corpo de um pé para o outro, ansiando por rever aquela cara amiga mas, principalmente, por notícias do exterior, enquanto uma pontada de esperança se esforçava por aparecer, entre a culpa e a angústia de poder não mais ver a rapariga.

«Boas!», disse jovialmente, quando chegou. «Soube que estavas mal. Já andas de pé?»

«Já, estou a melhorar depressa», respondi, com a voz trémula. «Que novas há, lá de fora?»

«Não pareces bem. Acho que é melhor voltares para o teu quarto. Partilho as novidades lá» Baixou os olhos.

۶

O dia passou, abafado.
Assim que haviamos chegado ao quarto, ele pusera-nos, apreensivamente, a par do que acontecia lá fora. Ao que parecia, toda a civilização idishi estava prestes a colapsar, sob os ataques *emoshi*.
Contrariamente ao que seria de esperar, os *emoshi* haviam-se dividido em inúmeros pequenos grupos e preparavam-se para atacar as aldeias e os castros mais pequenos em simultâneo, aniquilando de uma só vez todas as pequenas guarnições que se haviam deixado espalhadas pelos vales.
«Parece que eles se preparam para atacar quando o sol atingir o zénite, amanhã», dissera ele. *Menos de um dia.*
«Eu sabia!», praguejara o meu irmão. «Elas nunca deviam ter saído daqui! Eram a nossa única esperança. Agora estamos perdidos.» A sua voz declinava, em desespero.
«Têm de ter esperança.» Mas nem ele parecia convencido do que dizia. »Ontem alguns *emoshi* adiantaram-se, numa aldeia perto daqui, e foram completamente chacinados pelos cavaleiros *poushi*. Não pouparam nenhum quando, ao chegarem, os viram a queimar e a matar tudo o que lhes aparecia à frente.»
A surpresa apoderara-se imediatamente de mim. A coisa que os poushi mais prezavam era a vida e, para eles, os sentimentos eram sagrados. Para aquele povo matar era preciso muito.
Agora que os *emoshi* haviam levado a guerra ao povo inocente, a sua tolerância para com eles devia ter acabado.

O lanche trazido ao meu quarto foi farto, mas nenhum de nós lhe tocou, assim como nenhum de nós manteve uma conversa coerente a tarde inteira.
Já não voltaria a ver a rapariga, e provavelmente o Castro nem mais uma semana sobreviveria. A minha visão turvou-se, com as lágrimas. Tentei controlá-las, infrutiferamente, mas eles fingiram não reparar. *Fraco*, soou uma voz, desdenhosa, na minha mente, *és um fraco*.

O meu irmão saiu, para procurar novas do exterior, mas essas não existiam. O meu mais antigo amigo tamborilava nervosamente com os dedos na mesa, e há muito tempo que era o único som no quarto. A certa altura, levantou-se e saiu, para informar quem estava encarregue do Castro da situação no exterior.

Pouco depois, o dia deu lugar à noite, e a pouca actividade do Castro esmoreceu. Tentei dormir, mas não consegui. Mudei de posição, chorei, mas não consegui adormecer. Quando o fiz já a lua ia bem alta no céu sem nuvens, iluminando o Castro com a sua luz leitosa.

٦

O sol descia sobre o horizonte pela quinta vez desde que acordara pela primeira vez após a batalha, mas parecia já ter passado uma eternidade. Nesse curto espaço de tempo, conhecera a rapariga, ela tornara-se inexplicavelmente uma das pessoas que mais me importavam no mundo, perdera-a, provavelmente, e reencontrara o meu mais antigo amigo.

Estava na muralha, sob um sol escaldante do Sul, um sol que já não experimentava havia anos, que me fazia recordar tempos passados, que me envergonhavam. O fio de pensamentos perdeu-se, felizmente, tão rápido como aparecera, quando uma mão se pousou nas minhas costas.

«Vamos embora, precisas de descansar», disse o meu irmão, preocupado. As pernas começavam a fraquejar-me, e a dor no braço esquerdo estava a aumentar.

«Sim, talvez seja melhor.» Comecei a virar-me, para principiar a subida em direcção à parte alta do Castro, onde dormia, mas algo me prendeu a atenção. Naquele momento, algo quebrou a sinistra calma em que tudo estava emergido havia vários dias. «Espera.»

Durante longos segundos de expectativa, nada se mexeu. E então, quando o Sol tocava o topo da colina, um cavaleiro apareceu, a cavalgar em direcção ao Castro. A mão amiga que se tinha pousada no meu ombro havia momentos tornou-se tensa, subitamente, ao mesmo tempo que descia para desembainhar a espada.

«Não vais precisar de lutar, irmão, não agora», tranquilizei-o.

Ela voltara.

Parte III – Inconformados

Ainda antes de ela descer do cavalo, atirei-me na sua direcção, enrolando os meus braços à sua volta. Por momentos, esqueci a mão que não tinha, e apertei contra mim, com todas as forças que tinha, a rapariga que pensei que não mais iria ver. Não a tinha perdido. Graças aos céus, ela estava viva.

«O que aconteceu?», perguntou o meu irmão, após longos momentos, referindo-se à situação em que todo o nosso povo se encontrava.

Ela afastou-se um pouco de mim, encarando o meu irmão com uma expressão cansada, mas que deixava transparecer a vitória. «Acho que conseguimos livrar-vos da praga *emoshi*. Alguns de nós, e de vós, morreram, mas todas as aldeias estão, agora livres de perigo. E não creio que tenham de se preocupar com aqueles asquerosos nos próximos tempos.»

Atrás de mim, ouvi um suspiro de alívio mesclado com um grito de alegria. Sorri – estávamos salvos.

«Obrigado. Muito obrigado, por tudo», agradeci, espetando-lhe um dedo na barriga. «Deves querer comer e descansar, certo?»

«Sim, não me importava nada.» Sorriu. «Nunca cavalguei tanto num só dia. E este meu amigo», disse, acariciando a crina do cavalo, «também merece uma recompensa.»

«Eu trato dele», ofereceu-se o meu amigo, saindo da sombra.

۶

Gritos de terror entraram pelo meu quarto a dentro. Primeiro poucos e distantes até, progressivamente, todo o Castro gritar desordenadamente. Gritos aflitos de mulheres e crianças irrompiam pela abertura do meu quarto, misturando-se com ordens gritadas pelos homens

que tentavam organizar o pequeno exército que se encontrava em Castro Índigo. Pessoas corriam de um lado para o outro, desorientadas, pela rua para a qual dava o meu quarto, sem destino nenhum.

O que estaria a acontecer? Todos os emoshi haviam sido repelidos para fora dos vales, pelo que a rapariga dissera na noite anterior, e finalmente a calma sinistra dos vales fora substituída por uma calma genuína. Se tudo se tinha resolvido, o que poderia estar a acontecer?

Saltei da cama e vesti-me desajeitadamente, tão rápido quanto o meu braço me permitia. Saí do quarto, quase a correr, enquanto tentava perceber o que estava a acontecer. Olhei o céu, procurando fumo que indicasse um incêndio, esperançoso. Mas o sol brilhava, forte, num céu azul imaculado – e o meu maior receio confirmou-se. Só podiamos estar sob ataque. Mas um ataque de quem?

Subi em direcção ao forte, erigido no topo da colina, correndo, enquanto tentava confirmar a minha suspeita. No entanto, assim que interpelei uma mulher que corria na mesma direcção que eu, ela olhou-me com um lampejo de reconhecimento, aterrorizada, e fugiu de mim, tão rápido quanto pôde. Depois de isto se repetir pela terceira vez, com diferentes pessoas, desisti, confuso (*Seria pelo coto? Não, certamente que não.*), e tentei passar despercebido, até avistar o forte, por cima dos telhados baixos das casas *idishi*.

Parei à frente da maciça porta, a única entrada conhecida para o forte, observando a torrente de guerreiros que de lá saía – três dezenas de homens dos clãs da Senhora dos Corvos, a pé e montados em pequenos e robustos cavalos-das-montanhas, que haviam chegado na noite anterior, três centenas de cavaleiros *poushi* e uma centena e meia de guerreiros *idishi*, a pé.

Ao passarem por mim, todos pareciam saber quem eu era. Os guerreiros *idishi* viravam-me a cara, depois de me dirigirem um olhar de desdém e repulsa, enquanto as cavaleiras *poushi* me transmitiam calor e confiança com o olhar. Todos pareciam saber quem eu era, como se eu fosse importante, mas a razão para isso ultrapassava-me.

Quando todos os guerreiros saíram do forte, entrei, procurando alguém que me pudesse fornecer uma explicação para o que se estava a passar. Encontrei um dos principais homens do castro, que comandava permanentemente a guarnição que se encontrava em Castro Índigo. Conhecia-o há algum tempo.
«O que se está a passar?»
O homem levantou os olhos do que estava a fazer e olhou-me, espantado por ter entrado alguém. Quando se apercebeu de quem eu era, hesitou, e desdenhoso, cuspiu-me nos pés.
«Inconformados.»

٦

Um edifício branco erguia-se no extremo norte da cidade. De um lado, uma enorme cidade, a mais setentrional do Império, estendia-se até ao horizonte; do outro, uma vastidão interminável de areia.
Haviam-me aqui colocado quando eu fora encontrado, em bebé. Na zona da ralé, dos menos importantes entre os menos importantes.
E durante doze longos Verões ali vivi, nunca suficientemente perfeito *para ascender a um anel mais interior da cidade. Sob o sol escaldante do Sul, observei o eterno ciclo da cidade, desde que me lembro. Colheitas, Acasalamento, Cultivo, Partos. Num ritmo mecânico, totalmente desprovido de sentimento, de emoções, no qual nunca me consegui imiscuir. Um ritmo com um único objectivo – manter aquela Utopia.*
Aquele não era o meu lugar, e a cada curto Inverno que passava mais crescia esse sentimento. Precisava de uma vida com sentido.
E no início do décimo terceiro Inverno, parti.

As recordações corriam, à frente dos meus olhos, sem as conseguir controlar.

Durante quatro dias e quatro noites, andei, rumando a Norte, fugindo daquela civilização sem sentido. Procurando algo que não sabia muito bem o que era.
Durante quatro dias e quatro noites, a paisagem manteve-se inalterável. De noite, tiritava de frio; de dia, o calor abatia-se

sobre mim como nunca antes havia feito, em todos os doze Verões que eu vivera. Em quatro dias e quatro noites, quatro novas sensações conheci – o frio, o calor extremo, a fome e a eminência da morte.
Não me arrependera, não. Tudo era melhor que uma vida no Império. Mesmo a morte.

Durante anos, guardara estas recordações nos mais recônditos lugares da minha mente, e nunca mais havia remexido naquele meu longínquo Passado.

Quanto tempo passara, nunca soube.
Quando acordei estava numa cama tão confortável como nunca antes experimentara. Um cobertor cobria-me e a sala estava quente, com um calor acolhedor, totalmente diferente do calor do Sul.
Ignorando os protestos do meu fragilizado organismo, levantei-me, percorrendo aquela divisão de madeira com o olhar. Era maravilhoso! Emoções e sentimentos estavam presentes em cada disposição, objecto, decoração, ao contrário da fria organização das casas que eu sempre conhecera. Andei maravilhado por toda a casa, até dar de caras com uma imponente porta de madeira. Abri-a, hesitante, e saí.
Fui imediatamente encharcado por uma torrente de água, que provinha não sabia muito bem de onde. De cima, sim, era de onde vinha a água. Que coisa estranha. Não havia nada daquilo no meu Mundo.
Ao fim de algum tempo, depois de afastar o espanto da minha mente, descobri que gostava daquilo.
Que sítio maraviloso era aquele?

Lágrimas correram-me pelos olhos, recordando o que acontecera a seguir.

Um barulho fez-me voltar, encarando uma deslumbrante rapariga. Os seus cabelos castanhos, molhados, balouçavam com o trote do cavalo. Ela saltou, ágil, e caiu à minha frente, a túnica verde-lima confundindo-se com a erva.

A rapariga. Fora ela que me salvara.

Não aguentei mais, e os meus joelhos cederam. Cobri a cara com as mãos, e chorei.
Como não me lembrara antes?

۶

Deixei o forte para trás, correndo desvairadamente em direcção às muralhas.
O que teria trazido os Inconformados até tão longe? Eu, certamente. Tudo se tornou claro, subitamente. Queriam-me de volta, onde não pudesse revelar os seus segredos. Segredos que nunca revelei, nem pretendia revelar. Mas quem iria convencê-los disso?
Cheguei às ameias, e observei as colinas cobertas de Inconformados. Milhares e milhares. Que destruiriam tudo aquilo se não obtivessem o que queriam.
Não conduziria o meu povo até à destruição. Não condenaria à morte o meu irmão, que me acolhera neste *Admirável Mundo Novo*. Não condenaria à morte quem há mais tempo me acompanhava nesta longa batalha que é a vida, o meu mais antigo amigo. Não condenaria à morte a pessoa que mais importava para mim, a rapariga que me salvara quando estava moribundo no meio do deserto, que me conduzira até estes fantásticos vales e que me salvara no meio duma sangrenta batalha contra os *emoshi*. Só tinha uma hipótese – entregar-me.
Voltei a descer as escadas que me haviam conduzido, momentos atrás, às ameias, e dirigi-me calmamente para o portão principal. O céu começava a ficar escuro, prestes a chorar por mim. Choraria por mim, mas não pelo meu povo e pelos meus amigos. Não o permitiria.
Um cavalo desceu a galope as escadas atrás de mim.
«Não o farás.» Soube que a rapariga ficaria ao meu lado até ao fim. Mas tinha de me entregar, ou condenaria o meu povo à morte. Ela só o tornaria mais difícil.
Esforcei-me por pôr um sorriso na cara, e voltei-me, espetando o meu indicador na macia barriga dela. «Obrigado por tudo. Eu adoro-te,» era completamente sincero, «e tu sabe-lo. A ti e a tudo isto.» Fiz um gesto que abrangia todo o Castro, todos os

vales *idishi*. «Não posso permitir que tudo isto desapareça por minha causa.»
«Nós temos gente suficiente para aguentar durante imensos dias, talvez uma estação inteira. Muitos dos aldeões sabem disparar um arco. Por cada um de nós que morrer, dezenas de Inconformados morrerão.»
Lágrimas escorriam-lhe pela face.
«Sabes que não é verdade.»
Abracei-a, puxando-a para o chão.
«Não podes!», gritou, batendo-me. Agarrou-se a mim com tal força que eu não conseguia mexer-me.
E o céu chorou, encharcando-nos. Chorou como se todos os Deuses chorassem em simultâneo, e rapidamente a água chegou aos nossos tornozelos.
Afastei a rapariga e tomei-a pela mão, ao ouvir sons desorganizados do outro lado do portão. Voltámos a subir até às ameias, para observarmos uma cena surreal.
Nada poderia quebrar as fileiras de um exército de Inconformados. Nada senão o desconhecido. Por entre a água que descia em torrentes as vertentes das colinas, os guerreiros fugiam, aterrorizados.
E chorei, mais uma vez. Lágrimas de alegria.

Francisco Norega é a primeira aposta da Dagon no que diz respeito aos jovens autores. Tem apenas 15 anos, é natural de Coimbra, frequenta o10º ano em Ciências e, como o próprio diz, um apaixonado por literatura fantástica. É o autor do Blogue "Anagrama Anárquico" e o criador do forúm "O Cantinho dos Livros".

Entrevista: Pedro Ventura

Como surgiu em ti o interesse pela literatura fantástica?
Do mesmo modo que me interessei por muitas outras coisas... O Fantástico encaixa perfeitamente no leque de temáticas que me cativam. Mas nunca foi um interesse predominante. A opção pelo Épico Fantástico foi quase inconsciente. Mas estou muito satisfeito com essa minha escolha.

Uma das questões mais

interessantes que se pode fazer a um escritor é, precisamente, qual a razão que o leva a escrever; Qual é a tua razão para seres um artesão na arte da escrita?

No início escrevia por impulso - uma fase que quase todos os jovens atravessam a dada altura. Depois tornou-se quase vício. Hoje em dia sinto uma enorme necessidade de escrever. Porém, devido às circunstâncias do quotidiano, nem sempre posso satisfazer essa vontade. Essa negação é angustiante! Para mim, escrever é estar a ser realmente eu próprio, algo que, infelizmente, não posso ser no meu dia-a-dia. E depois a minha escrita tem um ritmo próprio e incerto. Perder esse ritmo é algo que me preocupa por demais. Mas não desisto!

Quais são as tuas influências literárias? Serão as influências imprescindíveis na vida de um autor?

As minhas influências literárias foram variadas e continuam a ser. Os últimos três livros que li eram de Gerald S. Snyder, Carla Ribeiro e Gastão Sousa Dias. Padrão? Não existe... Leio por prazer e apenas quando tenho vontade ou curiosidade para o fazer. A influência literária é obviamente basilar para quem escreve (e não só!), mas há outras de idêntica importância e que se interligam para formar um todo. É curioso que o menos me influenciou foi o percurso escolar. Nunca gostei de ler por imposição, nem do pensamento uniformizado que por vezes domina o nosso Ensino. Enquanto alguns miúdos liam os "livros de programa" e faziam o hediondo TPC, eu era daqueles (na altura até éramos muitos!) que lia Júlio Verne, pasmava com o que via nos "livros de capa preta" lá de casa ou ia simplesmente para a rua pilotar o Viper do Starbuck, que estava sempre estacionado no quintal de um dos meus colegas. Um bom começo, sem dúvida! Acho que se juntaram os "ingredientes" certos, no momento certo, para criar mais um "fantasiador".

Goor é formado por dois volumes brilhantes, onde o ritmo frenético e as cenas cinematográficas se multiplicam, levando o leitor a uma viagem que nunca irá esquecer; como nasceu Goor?

Goor nasceu por acaso, como tantas outras estórias que acabaram por não ter continuidade. O parágrafo escrito algures numa aula da Faculdade acabou por ser excepção, depois de passar alguns meses esquecido num caderno. O ritmo e esse cariz cinematográfico de Goor acabam por brotar

naturalmente, pois foi assim que visualizei os acontecimentos na minha mente, apesar de nem sempre ser fácil captá-los e transpô-los para o papel. Mas esforço-me por fazê-lo pois esse é o género de escrita que me dá prazer. Eu fiz essa viagem juntamente com as personagens e pretendo que o leitor também a faça com essa mesma intensidade e emoção. Quando um leitor me transmite a sua apreciação da obra e refere determinados aspectos, então eu sei que ele também fez essa "viagem" e essa é a melhor recompensa que posso ter como escritor -- a partilha e o tal "click" que prova que tocámos alguém.

Foi Goor influenciado por alguma mitologia, como aconteceu por exemplo com a obra de Tolkien?

Sempre me interessei pela mitologia/religião. Não esqueçamos que qualquer crença religiosa tem por fundamento eventos fantásticos, nos quais podemos ou não acreditar. Mas esse interesse não se reflecte propriamente em Goor, onde apenas existe um sistema de crenças muito simples e uma profunda incredulidade (quase aversão) relativamente a tudo aquilo que ultrapasse essa simplicidade. Sim, existem os Holkan no enredo, os tais "divinos", mas o que eram eles afinal? Ainda ficou muito por contar em Goor I e II...

Goor II beneficia de um maior amadurecimento literário, pois o primeiro volume foi ainda escrito em tempo de faculdade. Existindo um salto evolutivo tão grande de um volume para o outro o que poderemos agora esperar de Goor III? Ou seja, é o Pedro Ventura hoje um escritor diferente daquele que projectou e compôs os dois primeiros volumes?

O próximo livro (que espero ter pronto até ao final do ano) não será propriamente uma continuação de Goor, apesar de recuperar o mesmo espaço físico, algum do enredo (num sentido lato) e uma ou outra personagem. Neste novo livro pretendo destapar um pouco o véu sobre certas coisas que As Crónicas de Feaglar não explicaram (baralhando um pouco mais o género daquilo que escrevo) e corrigir algo que sempre me incomodou, desde que terminei essas obras.

As expectativas que tenho são grandes... Mas é verdade que depois de um interregno na produção de obras extensas, também eu me interrogo sobre como será a minha escrita. Veremos...

Um dos pontes mais fortes das tuas histórias são, sem dúvida, as personagens; As personagens que usas, como Feaglar, Caledra, Gar-Dena, sempre existiram no teu imaginário ou foram frutos de momentos de inspiração? Essas personagens surgiam e moldavam-se à medida que a estória se desenvolvia. Isso da inspiração... O que será? O que recordo são as noites em branco, muita música e demasiados cigarros...

A forma como exploras as personagens, filosofando sobre a condição do ser humano, mostrando os seus lados solares mas também os lunares, tem resultados magníficos... Como constróis as evoluções das personagens? Delineias tudo ao pormenor ou vais deixando as personagens crescerem à medida que também tu cresces com elas?

Não acredito que não haja ninguém que, em dado momento, não se questione sobre si próprio, sobre o sentido da vida ou sobre aquilo que o rodeia. Também não acredito na perfeição, naquela utópica e intocável aura de bondade e virtude que caracteriza as personagens consideradas "heróis", apesar de isso não deslustrar os seu feitos, pelo contrário. Todos nós temos defeitos e virtudes e essa é uma realidade incontornável que nem o mais fantasioso dos mundos pode olvidar. Quanto ao Bem e ao Mal, propriamente ditos, julgo que estes dois conceitos não são estanques, apesar de saber que todos nós tomamos decisões que se revelam certas ou erradas à luz de determinados conceitos morais. Isto acontece diariamente na realidade e também em Goor. Julgo ser esta humanização o que torna as personagens tão apelativas. E depois não são personalidades que estejam num pedestal que as torne inalcançáveis. Não... São personagens com quem qualquer pessoa se pode realmente identificar pois, no fundo, são como qualquer um de nós. Mas não existiu qualquer planeamento nessa faceta. As personagens saíram assim e pronto... O que aprendi desse "convívio" com Feaglar e companhia? Muita coisa! Sim, tornei-me um pouco dhorian...

Podemos, através de um conto publicado por esta revista, tomar contacto com os mundos de Goor; Teremos também a oportunidade de ler um conto teu, de diferente estilo (na onda de Twilight Zone) na Vollüspa; Podemos contar ainda com mais incursões tuas noutros géneros literários?

O conto que escrevi para a Vollüspa foi uma modesta homenagem a essa série de culto ainda a preto e

branco, que foi uma das tais influências marcantes na minha maneira de conceber o Fantástico e, porque não, a própria realidade. Não me importava de voltar a escrever algo dentro desse género no futuro, caso este meu pequeno conto "experimental" tenha um feedback positivo.

Que importância teve para a tua obra as críticas do correio da manha, bem como a entrada de goor nas recomendações do Professor Marcelo Rebelo de Sousa?

Esse tipo de divulgação foi obviamente muito importante e deu maior visibilidade a Goor. Pessoalmente, os momentos mais marcantes foram a primeira crítica "pública", vinda (curiosamente...) da Galiza e a minha ida à RTP como convidado do programa Entre Nós. Foi uma estreia algo nervosa e desajeitada, mas foi um baptismo de fogo, num mundo que eu só conhecia "do outro lado".

Mudando de assunto, tenho acompanhado a revolta conjunta dos autores que publicavam na papiro editora, pois a editora não respeitou o trabalho e os sonhos dos autores. Como imaginas que a situação se resolverá?

É uma situação lamentável mas, de momento, não vou tecer qualquer comentário sobre o assunto. Espero que esteja para breve o fim deste conflito.

Para finalizar, achas que o mundo da literatura fantástica portuguesa conta com valores suficientes para elevar o nome deste género literário? Destacas alguém que tenha desenvolvido um bom trabalho no universo do fantástico português?

Ao contrário do que alguns querem fazer crer, não acredito que haja uma deficiência cultural ou genética nos portugueses que os impossibilite de escrever obras de Fantástico ao mesmo nível dos autores estrangeiros. Isso é ridículo. O preconceito contra os escritores nacionais emana de certos interesses particulares e de uma sociedade que sempre sacralizou doentiamente tudo aquilo que vem de fora. Mas parece-me que estamos a vencer lentamente esta batalha. Nomes como Filipe Faria ou Sandra Carvalho, para citar apenas alguns, vão-se impondo. Mas ainda há um longo caminho a percorrer, muitas batalhas a travar e muitas vezes vamos para essas batalhas com uma mão atada atrás das costas... Mas parece-me que, tal como as nossas personagens, já aprendemos a lidar com a adversidade.

Entrevista com:
Ian R. MacLeod

Entrevista: Ian R. Macleod

Vencedor do Prémio Arthur C. Clarke de 2009;
Vencedor do Prémio Campbell de 2009;

Roberto Mendes

Como e quando surgiu a sua paixão pela literatura, especialmente pelo género da ficção científica?
Como a maioria das pessoas, essa paixão começou quando eu era ainda miúdo. Comecei por ler John Wyndham e Asimov, e depois as leituras começaram a seguir outros caminhos. Era uma época interessante para a Ficção Cientifica, com o trabalho dos Clássico como Clarke e Heinlein a serem desafiados pelos escritores da New Wave.

Quais são as suas influências?
Dentro do género, terei de falar de Robert Silverberg, Keith Roberts e, especialmente, em J G Ballard. Mas também li uma grande variedade de Clássicos, e tenho a maior das admirações por autores como D H Lawrence, Thomas Hardy e F Scott Fitzgerald. Mas não tenho apenas influencias de escritores. Passei uma enorme quantidade de tempo a ouvir música, gosto especialmente dos compositores românticos como Mahler e Strauss, e os músicos dos anos 70, especialmente Robert Fripp e King Crimson. Também adoro o trabalho de Joni Mitchel e Richard Thompson. E depois temos o cinema, especialmete o trabalho de Nick Roeg e Kubrick. E tenho ainda descoberto novas coisas, especialmente aquelas que desafiam preconceitos.

Sendo um dos melhores escritores de ficção cientifica, o que pensa do presente do género e da literatura fantástica em geral? E o que podemos esperar no futuro?
Bem, em primeiro lugar obrigado pelo elogio! Para ser honesto, terei de dizer que o género está numa espécie de depressão moral. Terás de perguntar às pessoas se por acaso lêem ficção cientifica, se forem da minha idade as pessoas devem responder que costumavam ler, mas que não lêem mais. Se forem mais novas que eu, muitos não conseguirão sequer perceber o género, à excepção de casos contextualizados em jogos de computador, em filmes ou em banda desenhada. Existe também a questão de as pessoas preferirem não pensar no futuro, pois acham a ideia aterradora, ao invés de excitante. Estas pessoas são ainda afastadas do género pelas trilogias dos dragões e também de naves espaciais que surgem no mercado sem qualquer cuidado

editorial, desvirtuando o género, afastando possíveis leitores. Mas acredito que o género apenas poderá ir numa direcção: para cima. Não poderá descer mais. Mas para que tal aconteça temos de reflectir sobre o que significa ficção científica e o que significa fantasia. O presente apresenta demasiadas obras "coladas" ao sonho do voou no espaço dos anos cinquenta e à fantasia de Tolkien.

Sendo um escritor que está habituado a ser nomeado e a ganhar prémios, qual é a importância para si de ter sido considerado o vencedor do prémio Arthur C. Clarke?

Bem, este prémio deu-me a mim e à minha obra uma maior publicidade, o que é sempre bom para um escritor. E também te faz pensar que deves estar a fazer algo de certo com o teu trabalho.

Considera "The Song Of Time" a sua obra-prima?

Não! Tal como em tudo o que faço, considero este livro simplesmente a minha melhor tentativa naquilo que me propus alcançar.

Como descreve "The Song of Time"? Foi um livro difícil de escrever?

É uma história sobre uma mulher que viveu a sua vida neste século, olhando sempre para o seu passado, e que considera agora o "salto" para uma espécie de máquina que permite uma existência artificial, podendo ou não dar-lhe a imortalidade. É uma história sobre o futuro, sobre a música, o amor e a vida. Sim, foi bastante difícil de escrever, não tanto pela história em si, mas pelo facto de ser difícil encontrar um público alvo para vender o livro.

Que outros géneros para além da ficção científica o fascinam?

Terei de responder todos os géneros e até não-géneros. De facto, é curioso mas não leio assim tanta ficção científica. Penso que se não escrevesse no Âmbito desse género leria muito mais.

Que está a ler neste momento?

Estou a ler "The Suspicious Mr Whicher", uma obra de não ficção sobre um assassínio que ocorreu em 1960.

Acredita que os jovens escritores têm o potencial necessário para assegurar um futuro brilhante ao género da Ficção Científica?

Sim e não. Gostaria de pensar que os jovens não irão apenas garantir o futuro do género mas também fazer-nos a nós, a velha guarda, pensar sobre o género e as suas evoluções. Contudo não me parece que se possa pensar num futuro assegurado, apesar

de existir bastante potencial nos jovens autores.

Que tipo de escritor é: a) Um trabalhador metódico, que trabalha com um horário apertado, sem lugar para desvios ou b) Um autor que apenas escreve quando se sente inspirado?
Sou os dois! É sempre necessário tentar coisas novas, que podem ou não resultar, mas é também imprescindível que o autor seja disciplinado, pelo menos se espera escrever durante tantos anos como e o tenho feito.

Que conselhos pode dar aos autores amadores?
That, and follow your heart.
Têm de ler, ler e ler um pouco mais. É essencial.

O que podemos esperar si num futuro próximo? Regressará à ficção curta?

Tenho uma nova colecção de contos que sairá pela Subterranean Press este ano. Para além disso estou a terminar um romance chamado "Wake Up and Dream". A história passa-se numa versão alternativa da "Golden Age Hollywood".

Considera os romances mais importantes que a ficção curta, ou serão os contos a melhor expressão da literatura fantástica?

Eu sinto, verdadeiramente, que a expressão mais pura da literatura fantástica é conseguida através da ficção curta, especialmente agora que os romances tendem, a ser demasiado grandes. Mas podes fazer muito mais coisas com um romance, os cotos são sobre as ideias enquanto a ficção longa permite desenvolver os personagens e explorar temas que cheguem a um mercado alvo consideravelmente superior.

Poesia

Carla Ribeiro

Épica

Como um estrondear por dentro de um gemido no vento,

O grito de uma trompa de batalha

E o esvoaçar de estandartes sobre o cinzento dos céus,

Como bandeiras de linhagens ancestrais.

Sinfonia de aurora exaltada em compassos de tambor

No bailado dos exércitos em marcha

E na fantasia escarlate de um trono que se derruba

Sobre as cinzas do que foi o limite da pedra

Mas que cintila na poeira de um sudário.

Súbito, um fulgor solar

Resplandecendo como uma vaga de espelho entre as espadas

Da profecia que brota

Como um clamor renascido na fusão de mil gargantas

No apelo das esferas celestes

Em representação dos olhos que se cruzam em perpendicular

E concretizam na carne a abstracta fusão do divino.

Silêncio sobre a mistificação das eras…

Jaz por terra o corvo que cantava no estandarte do martírio

E a cruz fez-se de sangue

Na página derradeira de uma epopeia incompleta,

De uma lenda desfalecida.

Como um fogo disperso no crepúsculo do tempo,

O som de passos em fuga

Sem mais que um vago olhar em traços de elegia

Amortalhando o cadáver dos derrotados.

Mágica

E se eu encontrasse os teus olhos nas brumas da profecia?

Cartas de mistério nos silêncios da inquietude,

Silentes braços de morte envolvendo o rei de espadas

Como um profetizar de miragens em olhos de oráculo.

Uma mente que divaga

Por entre os fumos do incenso que prenuncia o ritual,

Dedos de bruma bailando nas linhas do pentagrama,

Algures entre o fogo e a cruz

De Lilith adormecida sob a árvore do bem e do mal.

E as minhas mãos estendidas até ti,

Como num infinito portal de espelhos adormecidos,

Um presságio de milagre

Concretizado em pele e fogo e sangue e terra e morte

E fundido no crepúsculo das tempestades

Onde o raio cruza o ar até à água

Para incendiar nos momentos a sombra da perfeição.

Teço-te em mil sentidos na teia de cada memória

E repito-te dentro de mim

Como uma corda enrolada nas veias dos meus feitiços

Para te enlaçar por entre poções multicores…

Vermelho como o sangue que te inflama nos meus olhos,

Violeta como a sombra que me contempla na tua voz

E negro como os céus que recebem em mãos de berço

As invocações que prendi por entre entes e divindades

Para guiar os teus passos até ao meu lugar.

Mas e se o meu mundo não te encontrar?

Gótica

Fugi da luz

Para dentro de um cântico pintado com a noite e o fogo

Entre traços de pele e pinceladas de sangue

Divagando sobre o tremor da carne que embala os séculos

Sobre o berço de ninguém.

Sob um céu de espelhos abertos no céu primordial,

Fiz-me face predadora

Num véu de origens dispersas sussurrando o meu nome

De imortal.

E os céus tremeram

Sob o ascendente crepúsculo da minha divindade

De entidade tenebrosa,

Soltando o grito da presa na mensagem dos incêndios,

Escarlate fulgor derramado entre braços que se debatem.

E um sorriso cruzou os laivos iridescentes do olhar

Como um sudário plantado no corpo da quimera

Perante os vultos que se afastam.

Caí dos céus

Como um fantasma adormecido na mordaça da aurora

E espalhei-me nas cinzas do universo

Para morrer num olhar imortal.

O Original, ou Sua Ausência, na FC Portuguesa, Face a Outros Países

Malabarismos Fora da Tenda do Circo

Luís Filipe Silva

O autor comenta: «Há cerca de um ano fui entrevistado por uma jornalista francesa, que me colocou uma série de perguntas por email sobre o estado da FC portuguesa. O objectivo era fazer o proverbial artigo, cujo destino final não me foi relevado, ou sequer se teve progresso. Ficou um conjunto de respostas longas, que aqui principiarei a reproduzir para vosso conhecimento. Avisa-se que é em tom conversacional, e não académico, não vá algum leitor sofrer de vertigens.»

A diferença na FC [Ficção Científica] portuguesa contemporânea não deverá ser medida tanto face à FC que se publica fora de Portugal (e aqui afirmo Portugal em desfavor de "língua portuguesa", porque, mau-grado a existência de um movimento literário de FC no Brasil, com o qual tem havido algum intercâmbio, nomeadamente através do Prémio Caminho, do *Atlântico Tem Duas Margens*, e da publicação de autores portugueses nas fanzines brasileiras, não há na verdade uma FC em língua portuguesa, se bem que possa haver uma FC portuguesa e uma brasileira. A falta de intercâmbio não é necessariamente problema da FC, se não um problema que de facto existe na literatura dos dois países, a todos os níveis) - deverá ser medida, dizia eu, contra si mesma, face a uma evolução no tempo, lenta mas marcante.

Segundo a *Enciclopédie de l'Utopie et de la Science Fiction*, de Pierre Versins, a necessidade de escrever FC em português nasce nos anos 40/50, talvez impulsionada pelas transformações vindas de fora, pelas descobertas científicas, e sem dúvida pelo surgimento de uma colecção regular, a Argonauta, precisamente em 1957. Se quiser compreender o caminho da mentalidade da FC portuguesa, deverá conhecer a evolução das obras disponíveis ao público na mesma língua. É de facto com esta colecção, com o ritmo de publicação regular, de 1 livro por mês, que se vai ganhar um mercado, abrir o horizonte a leitores que nem tinham acesso às obras estrangeiras nem saberiam lê-las nas referidas línguas.

Mesmo assim, nos anos 40, é publicada em Angola uma obra (cujo autor e título não retenho na memória) que apresenta um mundo em que os países europeus são matriarcados, e Portugal é, por sinal, um patriarcado. Em que as maravilhas tecnológicas e arquitecturais de Lisboa se

misturam com um presente saudosista e poético. A fantasia dá lugar ao sonho, a um nacionalismo exacerbado, e não é por acaso que os dirigentes de Portugal se casam com as líderes de França ou Inglaterra, e o livro acaba com uma ou duas mensagens humanistas, enquanto se contempla o horizonte do mar...

Vamos voltar a encontrar este nacionalismo romântico em tempos recentes, *O Enigma de Titã*, de António Bettencourt Viana, Editora Nova Arrancada, Lisboa, 1999. Neste livro, o autor leva-nos a bordo de uma nave com destino a Saturno, em missão exploratória, e com uma equipa mista de cientistas portugueses e espanhóis. Depois de muitas aventuras, a maioria das quais de natureza inter-pessoal, o livro acaba em matrimónio para os principais personagens.

De facto, se há um factor demarcante na FC portuguesa, é a sua utilização como veículo de questionar, satirizar, ou enaltecer, a posição do nosso país no mundo. Recordo-me da *Euronovela*, do Vale de Almeida; recordo-me de *A Cidade da Luz*, do José Murta Lourenço; recordo-me até certa medida, de *Medo Em Seis Andamentos*, de Valério Romão; recordo-me essencialmente do recente *Quatro Andamentos*, do Luís Sequeira. Em quase todas estas obras, em particular naquelas que são nitidamente primeiras obras ou de escritores ainda pouco maduros na escrita, o peso da História acaba por esmagar o da Estória, como se as alterações do território nacional, a sua nova geografia de gentes e lugares tivesse necessariamente predomínio sobre o território interior, ou não conseguisse viver com ele de forma harmoniosa.

A maior parte destes livros encontram-se em edições de autor ou de editoras de pequena dimensão - são extremamente difíceis de encontrar. O que nos leva a outro factor determinante na evolução da FC portuguesa: o do espaço de publicação.

Autores de mainstream sempre cometeram o pecado de entrar um ou dois pés nas águas do fantástico: Romeu de Melo, Natália Correia, José Saramago. Não assumidamente como tal (com excepção do Romeu), e quase sempre no início das respectivas carreiras literárias. As editoras não contribuiram para o crescimento deste espaço: a própria edição de FC traduzida, àparte o fenómeno extraordinário da Argonauta (e mesmo esta tem sofrido abalos de qualidade bastante graves, em particular nos últimos 15 anos), foi sempre errática, e apesar de colecções que ainda duraram algum tempo, como a DH Ciência e a Panorama, foi só nos anos 80, com o surgimento de outra colecção regular, da Europa-América, com traduções mais bem cuidadas (nesses tempos, uma vez que rapidamente a qualidade começou a decrescer), que algumas obras que se iam lançando lá fora foram surgindo por cá. Essas obras eram mais modernas, mais recentes, mais ao ritmo dos tempos. O

mercado devia prometer, pois entre 1985 e 1987 nasceram e morreram várias colecções, em particular a colecção Contacto, da Gradiva, liderada pelo João Barreiros.

O surgimento da FC portuguesa, moderna e actual, com maior qualidade e assumida como tal (nem que fosse pelo facto de ser publicada sob a égide de uma colecção de ficção científica) terá lugar na Editorial Caminho, que, ao abrir um prémio, em 1985, assumidamente de fantástico, permitiu o reconhecimento do género. O lançamento de *Os Caminhos Nunca Acabam*, do João Aniceto, e *A Vocação do Círculo*, do Daniel Tércio, inauguram, de certa forma, o outro lado da FC portuguesa, aquele que não se preocupa com questões de nacionalismo. Se de facto há portugueses nas histórias destes autores, e nas dos que se lhes seguiram, não são como representantes de uma nação, mas como indivíduos, participantes de Estórias.

O prémio daria origem a uma colecção, a colecção à participação (errática) de um conjunto de nomes que por ali foram surgindo (eu inclusivé). O apogeu aconteceu em 1993: todo o ano editorial da colecção da Caminho - 6 volumes - publicaria apenas ficção científica portuguesa, feita por portugueses. Foi notícia de jornal, foi acontecimento na Feira do Livro de Lisboa, foi objecto de reportagem e análise em alguns periódicos nacionais.

Que coesão posso encontrar nas obras apresentadas? Por sinal, as que são mais fáceis de classificar são aquelas nas quais Portugal é o protagonista - são demarcadamente de análise histórica, enaltecentes ou românticas. Recentemente, têm surgido algumas mais cínicas e frias, feitas por autores jovens cujas influências são diferentes da geração anterior (o que se percebe pela capacidade de enquadrar Portugal numa perspectiva mais internacional). Uma das obras mais cínicas de recente estirpe será *Morte Certa*, de Carlos Águas Amaral, que invoca o ressurgimento do fascismo num Portugal daqui a trinta anos...

As restantes são invariavelmente mais complexas e difíceis de enquadrar. Nascem de uma não-tradição: são obras singulares e isoladas (falo de o *Demónio de Maxwell* e a *Pedra de Lúcifer*, do Daniel Tércio; falo da sequência de romances e contos do Aniceto; falo da minha própria *GalxMente*; falo do *Terrarium*, que fiz com o João Barreiros). Ou melhor, a tradição existe, mas não é portuguesa, e não é coerente, porque se baseia nas leituras e influências temáticas de cada autor - todas elas divergentes. Este facto já tinha sido apontado antes, e acaba por ser verdade. Por estranho que pareça, os autores portugueses não se influenciam entre si. São, isso sim, extremamente permeáveis ao que vem de fora.

E o que vem de fora são obras anglo-saxónicas, quase exclusivamente. O mal não é

apenas nosso, é de toda a Europa. A falta de união linguística europeia, aliada à tremenda capacidade produtiva dos EUA, levou a que o imaginário secular de França e Inglaterra fossem dominados pelas preocupações e abordagens socio-científicas dos autores americanos (há um artigo brilhante do britânico Brian Stableford a analisar este facto). Há países que entretanto recuperaram, ajudados pelo estatuto hermético da língua: falo de Espanha, França, Itália, Alemanha. Nestes países, em que o contacto com a cultura estrangeira surge traduzido ou adaptado para a cultura nacional com publicações abundantes e recentes, torna-se mais fácil a leitura e desenvolvimento de temáticas e discursos - pois a FC acaba por ser um discurso à escala mundial sobre a situação do tempo presente e do nosso futuro próximo. Espanha tem encontrado um surgimento massivo de fc nacional, França há muito que o tem, e Itália, de acordo com Valerio Evangelisti na introdução à antologia *Fragments d'un mirroir brise*, está a despertar de um sono antigo (uma das causas que aponta é o da bota fascista de Mussolini ter impedido o avanço cultural do país - o que de certa forma explica também a nossa situação); Alemanha parece ir mais atrasada, com excepção da Fantasia, em particular a Fantasia Heróica, de cujos mitos a sua cultura é abundante.

Aliás, note-se, se não fosse a França a traduzir obras de espanhóis, italianos, polacos, alemães e russos, a unir, digamos, o tecido da FC europeia numa única língua, menos ainda se conheceria e estaria difundido, pois a FC anglo-saxónica, mesmo de natureza britânica, rejeita tudo o que não seja de "marca nacional"...

O problema da FC portuguesa é precisamente o carácter errático: as colecções são de má qualidade, e não percebem, e não enquadram, o que publicam. Sem informação, não há crescimento sustentado. Não tivemos movimentos literários dignos de nome, não tivemos outros movimentos a contestar os primeiros. A arte é um discurso feito de manifestações, e em Portugal, em FC (e na literatura de mainstream, mas isso é outra discussão), o discurso não existe, está quebrado em váriadas e pequeninas conversas.

Daí que livros como *Estórias de Clausura*, de José Leonardo, ou o *Metacarne*, do Manuel Pais, embora publicadas com a chancela de uma editora de renome, a Oficina do Livro, cometam os mesmos erros de estilo, interpretação e facilitação de enredo que outros autores já tinham provado não serem deficiências da FC portuguesa. Livros como estes, que surgem do nada, sem conhecimento do que foi anteriormente feito, contribuem para o afastamento do público, que atribui a má qualidade a um pseudo-facto: FC portuguesa é uma aberração conceptual.

A afirmação pode ser um pouco exagerada, concedo. Mas na minha perspectiva pessoal, estamos longe do que se conseguiu na década

passada, em particular na Caminho, naquilo a que já foi chamado a última tertúlia portuguesa do século XX.

Estamos longe, e não há sinais de conseguirmos retornar à costa nos próximos anos.

Ficção Científica: A difícil definição de um Género:

Roberto Mendes

A ficção Cientifica é, sem dúvida, um género difícil de definir. No seu seio demarcam-se vários subgéneros, cada um com estilos e incidências muito determinadas, quer nos encontremos perante uma história de Cyberpunk, história alternativa, Space Opera, Space Western, entre os demais.

São várias as tentativas de definir este género tão importante da literatura, contudo todas falham em delimitar de forma precisa as balizas, o que pode ou não ser considerado ficção cientifica, o que realmente apenas pertence aos géneros da ficção especulativa, da fantasia ou do terror. Frederick Andrew Lerner observa que mesmo os autores, editores, críticos e fãs de ficção científica "não chegam a qualquer consenso de delimitação do género".

O grande problema prende-se com o facto de textos muito diferentes pertencerem ao género, o que não acontece com muitos dos géneros literários. Na ficção cientifica podem ser integrados textos como "The Demolished Man "(Alfred Bester 1953), um obra barroca que toma lugar num tempo futuro onde poderes psíquicos impedem o acontecimento de assassínios, pertencem também ao género textos como "Flash Gordon" (Alex Raymond 1934), uma Space Opera onde um bravo grupo de humanos lutam para derrotar as forças do mal de Ming, ou "A Stranger in a Strange Land" (Heinlein 1961), uma sátira onde o amor, o casamento o sexo e a religião são o pano de fundo.

É neste contexto que o autor e editor Damon Knight profere uma das mais célebres frases da ficção cientifica " Science Fiction is What we point to when we say it" . Na senda de Knight, Mark Glassy diz que "a definição da ficção científica é como a definição da pornografia: não sabemos delimitar o que é, mas sabemos o que é quando a vimos".

Para que possamos facultar uma humilde definição do género é

necessário não descurar uma apreciação historicista do mesmo. Nestes termos somos obrigados a tomar um pequeno desvio, para vos apresentar um breve parêntese sobre a história da ficção científica, as suas origens, primeiras obras e autores, movimentos e ramificações que criaram os subgéneros.

Breve história da Ficção Cientifica

A origem da ficção científica remonta à mitologia. As primeiras obras literárias com pontos de conexão com a ficção científica são, por exemplo, os Arabian Tales e Voyage de la terre à la lune de Cyrano de Bergerac no sec. XVII. As viagens de Gulliver foram, sem dúvida, um dos trabalhos que mais se aproximava da ficção científica, tal como Somnium de Kepler. Assimov considera esta obra o primeiro verdadeiro produto de ficção científica. Depois do grande desenvolvimento do romance enquanto forma literária também a ficção científica se desenvolveu. Os livros de Mary Shelley: Frankenstein e The Last Man, ajudaram a definir esta evolução. Autores incontornáveis da velha vaga da ficção cientifica são, sem qualquer dúvida, HG Wells e Jules Verne. Estes autores, após a descoberta das novas tecnologias como a electricidade e o telégrafo, desenvolveram uma enorme obra que se tornou, rapidamente, reconhecida pela sociedade. Nascia assim um género. O sec XX chegou e com ele a grande evolução do género. Foram criadas as Pulp Magazines, onde uma geração de autores, sobretudo americanos, puderam dar largas ao seu génio. Em 1930 Campbell tornou-se editor da Astounding Science Fiction, e com ela surgiu uma nova vaga de autores nova-iorquinos. Eram os "Futurians", e nos seus quadros emergiam autores como Isaac Assimov, Damon Knight, Donald A. Wollheim, entre outros. Contavam-se também como grandes autores neste período Heinlein, Arthur C. Clarke, ou Stanislaw Lem. Estavam reunidas as condições para o surgimento da saudosa Golden Age da Ficção Científica, encabeçada por Campbell. Em 1970 surge, especialmente na Britanha, a New Wave com autores como Ray Bradbury, Theodore Sturgeon, Fritz Leiber, entre outros. Mas a New wave foi também um período em que mais autoras surgiram na ficção científica, trazendo novas ideias de socialismo, feminismo, radicalismo às obras de ficção científica. Ursula Le Guin e Joanna Russ são os expoentes máximos desta vaga feminina. O Cyberpunk conheceu os seus melhores anos em meados de oitenta, principalmente através da obra

Necromancer de William Gibson; as Space Opera's ganharam nova força com a história de Star Wars. As séries televisivas como Star Trek e Babylon five trouxeram novos fãs. São muitos os subgéneros da ficção científica: a Hard Science Fiction, Social e Soft Science Fiction, Cyberpunk, História alternativa, ficção científica pós apocalíptica, história alternativa, Sapce Opera, Space Western, entre muitos outros.

A Definição do Género

Mas o que definirá a ficção científica enquanto género? Serão as ideias exploradas associadas a um futurismo científico? Ou poderá uma obra ser considerada ficção científica apenas por a sua base ser uma viagem no tempo, sem qualquer informação científica associada? Poderá uma simples referência a um futuro distante ser suficiente para inserir um conto num certo género? Parece-nos que não. Num campo em que é difícil não ceder à tentação de desistir, pela dificuldade inerente de uma tomada de decisão que possa afastar obras, algumas verdadeiros clássicos, de um género que se tem admitido demasiado extensivo, pensamos ser importante a tomada de posição. Seja ela uma interpretação mais restritiva ou o seu contrário. Na senda de autores como Assimov urge diferenciar a ficção especulativa da verdadeira e boa ficção científica. Mais que simples histórias conceptuais é necessário um certo conhecimento das variáveis científicas, a boa ficção científica deve assentar numa verdadeira base científica, ou tecnológica, correndo o risco de, na falta destes pressupostos, não passar de ideias especulativas. Não basta que a história se passe num certo planeta como Marte, é necessário que o autor faça um bom trabalho de pesquisa, e forneça assim dados científicos suficientemente certos e precisos para que a obra seja enquadrada. Sem este requisito pode até ser uma boa história de horror ou de fantasia, mas não será verdadeira ficção científica. Mais que privilegiar a ideia, deve ser o conteúdo a definir o que faz e o que não faz parte deste maravilhoso género. Mas poderá a ideia ser sacrificada pela importância da pesquisa e cuidado científico ou tecnológico? Autores como Ian Hocking respondem a esta questão num sentido negativo. Recomendamos especialmente o excelente artigo "The Science in Science Fiction" deste autor. Mas é um artigo do qual discordamos em parte. Não deve ser desconsiderada a ideia, mas uma ideia sem enquadramento científico ou tecnológico pode dar excelente literatura, mas não será Ficção Científica.

Queres Participar na Dagon?

Então envia os teus textos
(artigos, contos,poesia,
desenhos, entre outros)
para o e-mail correiodofantástico@gmail.com

Por Universos Nunca Dantes Navegados

Antologia da Nova Literatura Fantástica em Língua Portuguesa

Autores portugueses e brasileiros apresentam um conjunto de narrativas inéditas de ficção científica e fantasia, demonstrando que o género fantástico em língua portuguesa continua intenso e criativo. Organização e Selecção de Jorge Candeias e Luís Filipe Silva, Edição Final de Luís Filipe Silva

POR UNIVERSOS NUNCA DANTES NAVEGADOS é uma antologia de contos e novelas de literatura fantástica da mão de autores portugueses e brasileiros.

A organização e selecção é de Jorge Candeias e Luís Filipe Silva, e a edição final de Luís Filipe Silva.

São narrativas originais que responderam a um apelo dos organizadores da antologia, durante o Verão de 2005, no qual se anunciava a abertura de um novo espaço de publicação para todos os autores de língua portuguesa que manifestassem interesse pelo género.

O projecto teve, desde o início, como objectivos responder a um conjunto de lacunas consideradas primordiais pela comunidade de entusiastas do género, sempre que se tentava publicar ficção científica e fantasia em português:

- aceitar obras provenientes de qualquer parte do mundo, desde que escritas na língua portuguesa;
- aceitar toda a multiplicidade de temas actualmente abarcadas pelo que se designa de literatura fantástica, desde a ficção científica de especulação séria à fantasia urbana, do terror gótico ao *gore*, da história de passados alternativos à história do futuro porvir;
- aceitar contos de extensão superior às 8000 palavras, criando assim condições para obras de maior dimensão e complexidade que as normalmente utilizadas por outras iniciativas semelhantes, ou nas revistas da especialidade.

Do volume de narrativas submetidas, que ultrapassou largamente a meia centena, entre colaborações portuguesas e brasileiras, foram seleccionadas catorze, que compõem a presente edição (Novembro de 2007).

> Para Adquirir o Livro

Conteúdo

Luís Filipe Silva, *Introdução: O Estranho Caso da Prospectória Amnésica*

Um breve percurso pela história da ficção científica portuguesa e uma tentativa de entender o fenómeno peculiar de ser uma literatura que em todas as gerações consegue feitos imediatamente ignorados ou esquecidos pelas gerações posteriores, numa constante quebra de continuidade.

João Ventura, *Resíduos Sólidos Urbanos*

Tudo o que uma civilização moderna produz acaba eventualmente tornando-se num resíduo: os objectos que utiliza, a tecnologia, os meios de fabrico, a comida, o vestuário, os medicamentos... tudo o que tem uso acaba por eventualmente encontrar caminho para o grande caudal de matérias para reciclagem e despejo em distantes aterros sanitários... será que aqui estamos incluidos nós próprios?...

Wolmyr Alcantara, *Oberon*

Que fome sentem os demónios? Que aspecto assumem no nosso mundo? E porque é tão sedutora a promessa que oferecem de um paraíso eterno, ainda que ilusório e falso?

Yves Robert, *Fome de Pássaro*

Quando se perde o amor, onde se recolhe a memória, quem guarda a saudade, porque assume o mundo um manto de tristeza que comanda os actos e convocta os espectros e finalmente faz convergir o outro plano da existência no nosso?

Octavio Aragão, *Para Tudo se Acabar na Quarta Feira*

Um regresso ao ambiente das favelas do Rio de Janeiro que nos faz recordar o filme «Cidade de Deus», onde uma luta pelo poder entre grupos rivais terá uma consequência devastadora. Uma história emocionalmente forte.

Jorge Candeias, *Littleton*

O que prometia ser uma descontracção num ambiente artificial feito à medida do utilizador transforma-se numa história de acção e perigo...mas fará mesmo parte da história? Ou por detrás do cenário existirá de facto quem procure matar John Walker?

Gabriel Boz, *Digital Éden*

Uma visita a um mundo virtual e a uma eterna saudade.

Telmo Marçal, *O Pico de Hubert*

Quando se acabar a utopia da nossa civilização, de recursos inesgotáveis e fontes de energia permanentes, que mundo de intensa brutalidade resultará? Como será possível sobreviver?

Carlos Orsi, *Disse a Profetisa*

Nem sempre quem cai dos céus é um deus ou um anjo...

João Ventura, *Assassinos de Sobreiros*

Quando a posse mais procurada são árvores, os parques florestais são equipados com os mais modernos sistemas de defesa de ataques de guerrilha...

Carlos Patati, *A Irmandade*

Dentro de nós somos um ou uma multidão? Devemos ouvir a multidão, escutar as suas ordens? E se essa multidão for real, e existir mesmo?

Sofia Vilarigues, *O Nevoeiro que Desvendou Realidades*

Um neto regressa a casa e às raízes da sua infância, num momento de transformação e esquecimento, e encontra o rumo da vida que nunca pensou existir.

Maria Helena Bandeira, *Ponte Frágil Sobre o Nada*

Uma mãe luta desesperadamente por manter a sanidade e a vida do filho, quando percebe que o mundo em que existiu até então era artificial.

António & Jorge Candeias, *Deus das Gaivotas*

Um homem numa praia deserta sonha com histórias, e as histórias sonham-no a ele, visitam-no pela noite, e no final o homem descobre que este é apenas um de muitos mundos.

Carla Cristina Pereira, *Xochiquetzal em Cuzco - Uma Princesa Asteca no Reino dos Incas*

E se Vasco da Gama tivesse procurado dominar a feitoria da América Latina, antecipando os espanhóis e nunca permitindo que o Tratado de Tordesilhas se concretizasse? Toda a América Latina falaria português, estaria controlada pelos portugueses do século XVI... que ameaças existiriam então ao Novo Mundo, que povos seriam nossos aliados... e inimigos?

Onde Encontrar

Poderá encomendar-nos directamente o livro, mediante a opção de cobrança postal pelos CTT (apenas para Portugal). **Sugerimos vivamente a compra online**, que além de permitir um maior conforto na aquisição, garante o acesso imediato à obra.

Lojas Presenciais

Entre os dias 24 de Maio e 15 de Junho estará à venda no stand livreiro da editora Saída de Emergência, na Feira do Livro de Lisboa, que decorre no Parque Eduardo VII. Poderá adquirir aí o livro com desconto.

Alternativamente, poderá encomendar-nos directamente, indicando o seu nome e morada para loja@tecnofantasia.com, e enviaremos-lhe o livro mediante cobrança postal. Contacte-nos para

mais informações. Apenas disponível para Portugal.

Lojas Online

Deverá efectuar a sua encomenda pela loja Lulu.com no seguinte endereço:
http://www.lulu.com/content/1377530

A loja aceita diversas modalidades de pagamento, entre as quais cartões de crédito. Caso tenha algumas reservas quanto ao uso de cartões de crédito na internet, informe-se sobre as condições do pagamento por MbNet.

A loja apresenta condições favoráveis nos portes de correio para a Europa e para a América Latina, com descontos apreciáveis.

Apenas indicamos como referência, para seu conhecimento, que quaisquer questões relacionadas directamente com a sua encomenda (e não com o conteúdo do livro em si) deverão ser apresentadas à loja directamente, uma vez que se trata de um mero canal de distribuição.

Espaço Dúvendor:

Um espaço de encontro entre um dos melhores tributos brasileiros ao mestre Tolkien com os leitores portugueses. Os artigos são aqui apresentados na sua forma original, o que promove um encontro saudável entre estas duas formas de pensar e escrever o português. Para lerem mais artigos, originais de autores brasileiros ou traduzidos, basta acederem a duvendor.com.br

A Sopa Mitológica Europeia:

Marcelo Ferroni

Cuidado com dragões, gnomos e magos; eles estão por toda a parte. Essas criaturas já fazem sucesso há anos, seja no mundo fantástico criado pelo escritor inglês J.R.R. Tolkien, ou na recente série de livros do aprendiz de feiticeiro Harry Potter.

Mas agora elas prometem conquistar um reino ainda maior. É difícil escapar do fascínio das histórias de bruxos, espadas mágicas e guerreiros. E isso por dois motivos: as narrativas fazem parte da formação da literatura na Europa e, mesmo distantes, fascinam outras regiões do mundo. E foram reconstruídas com habilidade por autores que souberam tirar partido da cultura dos antepassados. Uma antiga lenda diz que, em tempos remotos, existia nas terras do norte o mais famoso de todos os grandes palácios. *Heorot* era seu nome; e, em sua sala principal, sentava-se o rei *Hrothgar*, líder dos dinamarqueses.

Sua corte vivia em meio a festas e riquezas, sem saber que a movimentação fazia sofrer um poderoso monstro, chamado *Grendel*, que habitava uma região pantanosa nas cercanias do palácio. A alegria prosseguiu até *Grendel* decidir acabar com a festa. Não foi preciso muito, pois sua força era monumental; com um só golpe, atingia 30 guerreiros. Os homens do rei *Hrothgar* nada podiam contra a criatura e, assim, foram sistematicamente dizimados por mais de uma década. Até que o sofrimento chegou ao fim. Ao saber da violência de *Grendel*,

um bravo guerreiro deixou suas terras na Suécia e ofereceu ao rei *Hrothgar* uma ajuda para acabar com o monstro. Seu nome, todos vieram a saber depois, era *Beowulf*.

A Moda dos Chapéus Pontudos

O mundo dos magos faz sucesso nos dias de hoje. Basta se lembrar das peripécias do aprendiz de feiticeiro Harry Potter. A magia era um tema muito popular na Idade Média e, entre os livros sobre o assunto, o personagem que se tornou mais conhecido é o mago Merlin. *"Ele é uma figura muito antiga, que aparece em lendas celtas transcritas entre os séculos 12 e 13, mas que devem datar dos anos 600"* - conta José Roberto de Almeida Mello, ex-professor de história medieval da USP. Em alguns escritos, Merlin é retratado como uma pessoa criada em estado selvagem e, em outros, ele se refugia na floresta depois de ficar louco ao provocar uma batalha. E seu nome não era Merlin; nas versões galesas, é grafado como *Myrddin*. *"Acreditava-se, na Idade Média, que os loucos tinham o dom da profecia"*, diz o professor. E isso pode ter contribuído para a formação do personagem. A crença na magia estava tão disseminada naquela época que algumas cortes possuíam seus próprios magos e, nas Sagas islandesas aparecem mulheres com poderes divinatórios ou que praticam a bruxaria.

Essa história bem poderia ter saído de algum livro escrito pelo mestre da ficção fantástica John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973). Professor de anglo-saxão (uma forma antiga do inglês) na conceituada Universidade de Oxford, no Reino Unido, Tolkien passou mais de meio século escrevendo histórias desse tipo. Suas terras, habitadas por elfos, dragões e magos, tornaram-se uma referência para tudo o que foi feito posteriormente, de filmes como *Willow* (EUA, 1988), a jogos de RPG como *Dungeons and Dragons*.

Mas trata-se de uma narrativa bem anterior. Faz parte de um poema heróico composto na metade do século 8, que chegou até os nossos dias por meio de um único manuscrito, datado por volta do ano 1000. Se as semelhanças com os livros e filmes atuais são grandes, é porque o épico, chamado *Beowulf* (nota #1) serviu de inspiração a inúmeros autores modernos e, principalmente, Tolkien. *"Ele deu aulas sobre*

Beowulf, fez traduções e escreveu sobre ele" - conta Verlyn Flieger, professora de literatura da Universidade de Maryland, nos Estados Unidos, especialista em Tolkien - *"Quando começou a escrever suas histórias, muito do que Tolkien conhecia acabou permeando o seu trabalho."*

Os Baixinhos estão em Todas

Seres pequenos, semelhantes aos humanos, povoam os livros de Tolkien e de Harry Potter. Eles podem ser os amigáveis Hobbits, de pequena estatura e pés peludos, os valentes elfos ou os terríveis guerreiros orcs. Elfos, gnomos e anões também estão na literatura medieval. *"Eles parecem ser comuns a diversas tradições"* - conta a professora Verlyn Flieger. Os nórdicos mencionam freqüentemente a existência de gnomos, possuidores de grande inteligência e habilidade manual. A respeito dos elfos, os Edda citam a existência dos elfos luminosos, *"de aparência mais formosa que o Sol"*, e os elfos escuros, que habitam as profundezas da terra. *"A beleza dos elfos, ressaltada nos livros de Tolkien, também aparece na cultura celta"*, conta Flieger. Essas criaturas, no entanto, nem sempre eram consideradas boas na Idade Média. Entre os germânicos, acreditava-se que os elfos causavam doenças nos humanos e no gado. E , à noite, traziam pesadelos ao sentar sobre o peito de uma pessoa adormecida. Já os gnomos eram pequenas criaturas deformadas, que viviam nos subterrâneos guardando tesouros.

O que não quer dizer que ele tenha copiado trechos do épico anglo-saxão. Como professor, Tolkien acabou se envolvendo com outras narrativas antigas, germânicas, nórdicas e celtas. E, como diz Ronald Kyrmse, engenheiro e revisor técnico das traduções de Tolkien no Brasil, *"ele acabou criando seu mundo a partir do conjunto de tudo o que absorveu"*. Em *O Senhor dos Anéis*, nota-se a homenagem prestada a esses épicos.

Um dos personagens principais da obra de Tolkien, o mago Gandalf, por exemplo, se parece muito com Merlin, figura enigmática das histórias que tratam do lendário rei Artur, escritas principalmente entre os séculos 12 e 13. Mas a aparência de Gandalf - um homem velho, de capuz e cajado, vagando pelas estradas - é extraída de outra narrativa. Para a professora Verlyn Flieger, as características

do velho mago são as mesmas do deus nórdico Odin (nota #2) descrito em duas obras islandesas do século 13. Esses dois livros, o *Edda* em Prosa e o *Edda* em Verso (nota #3), narram a criação e o fim do mundo sob o ponto de vista dos nórdicos, que habitavam a região onde hoje fica a Escandinávia. O próprio nome Gandalf aparece no Edda em Prosa, e não se refere a um mago, mas a um gnomo.

Fogo nas Entranhas

Na história de *Beowulf*, composta entre os anos de 720 e 750, o herói não enfrenta só monstros que atacavam os dinamarqueses. Na segunda parte do poema, *Beowulf*, já velho e agora rei, enfrenta um dragão que devastava seu reino. A luta prova-se fatal e, apesar de derrotar a criatura, o herói também morre. Os dragões infestam as sagas e épicos medievais, e estão presentes até no folclore celta. Muitas vezes, estão associados a grandes riquezas. Eles estão nos *Edda*, em histórias do rei Artur e até em um épico germânico, *A Canção dos Nibelungos*, uma compilação do século 13 de materiais mais antigos, que se tornou uma das obras fundadoras da literatura alemã. Nela, conta-se que um dos heróis, *Siegfried*, tornara-se invencível ao se banhar no sangue de um dragão que havia derrotado. *"O dragão é uma figura muito antiga, e é difícil rastrear sua origem"*, conta Mello, ex-professor da USP. É importante lembrar que, antes da influência cristã, os dragões não eram necessariamente maus. Na maior parte das vezes, estavam apenas interessados em guardar seus tesouros, e só reagiam se provocados.

As influências nórdicas são muito fortes nas obras de literatura fantástica. *"Muitas das características dos heróis de Tolkien se devem aos épicos nórdicos e anglo-saxões"*, conta Flieger. São homens destemidos, em alguns casos aventureiros, que enfrentam desafios impossíveis às pessoas comuns. Na maioria dos casos, usam espadas, ou outras armas, de poder mágico. Além de *Beowulf* e dos *Edda*, esses personagens aparecem com freqüência nas chamadas Sagas. Também escritas na Islândia entre os séculos 11 e 13, essas histórias relatam o cotidiano de famílias nórdicas e as aventuras de alguns ousados - e encrenqueiros - guerreiros.

No entanto, há uma diferença básica entre o comportamento desses heróis e dos personagens das histórias fantásticas atuais. *"Em O Senhor dos Anéis, há o sacrifício do herói por uma causa maior, e uma distinção clara entre o Bem e o Mal"* - conta Flieger - *"Isso não existe nas Sagas."* Mais uma vez, essa idéia de um cavaleiro ético e justo faz parte dos romances de cavalaria. Essas obras, escritas no noroeste da França, eram muito populares nas cortes européias.

Uma ideia na Cabeça e Uma Espada na Mão

Guerreiros ousados são parte essencial das histórias que lidam com mágica e reinos fantásticos. Na literatura medieval, não é diferente. Eles normalmente são pessoas muito fortes e, por vezes, confiantes ao extremo. Em A Canção dos Nibelungos, o bravo Siegfried se adianta aos seus homens para fazer um reconhecimento das forças do inimigo. Como é dito, *"eram bem 40 mil homens, ou talvez ainda mais"*. E o herói não se assusta: *"Siegfried viu isso com grande entusiasmo"*. Normalmente, eles vêm acompanhados de uma arma mágica, ou, no mínimo, mais eficaz que as demais. Siegfried, por exemplo, carrega a espada Balmung. Nos romances de cavalaria, Artur assume o trono ao retirar a poderosa espada Excalibur de uma pedra. E o Edda em Prosa descreve os poderes do martelo mágico *Mjölnir*, do encrenqueiro deus nórdico Thor.

A base de sua composição vem principalmente de lendas celtas, como a de Merlin (nota #4), mas, ao longo das décadas, foi se mesclando a diversas outras histórias germânicas, nórdicas e, principalmente, cristãs. A influência do cristianismo é muito forte em todas as obras que tratam de dragões, elfos e magos. Isso ocorre porque, apesar de abordarem mitos pagãos, esses épicos só foram parar no papel entre os séculos 8 e 14, em um momento da História em que toda a Europa Ocidental era aos poucos convertida à nova religião.

Invisíveis e Seguros

O que seria dos heróis se não fossem seus utensílios mágicos? Esses objetos, que vão de anéis a capas, estão tanto nas histórias atuais como na literatura antiga. O manto que dá invisibilidade ao jovem Harry Potter, por exemplo, encontra equivalente em A Canção dos Nibelungos: Siegfried

tem a mesma vestimenta, roubada de um anão maligno. Um dos anéis descrito em O Senhor dos Anéis, o mais poderoso deles, dá o dom da invisibilidade a quem for necessário. A Idade Média está recheada de anéis e amuletos usados para espantar os maus espíritos ou garantir proteção na batalha. No mundo nórdico, acreditava-se que algumas inscrições também tinham poder mágico. Trata-se das runas, o alfabeto usado em culturas na Escandinávia e Islândia. Seu surgimento, contam os *Edda*, também tinha origem mágica: Odin conquistou o poder de usá-las ao se pendurar por nove noites na árvore *Yggdrasil (nota #5)*.

"As obras, que antes só eram transmitidas oralmente, começaram a ser redigidas principalmente por monges" - conta José Roberto de Almeida Mello, professor aposentado de história medieval da Universidade de São Paulo - *"E esses monges decidiam usar as lendas um pouco modificadas, para que elas tivessem um fim didático, ou seja, passassem valores cristãos à população da época."* As narrativas desse período que chegaram até nós não sofreram só alterações cristãs. Ao longo dos séculos, até o fim dos anos 1300, foram contadas, recontadas, unidas ou desmembradas para formar novas histórias, e acabaram se confundindo. Para Tolkien, toda essa mistura acabou formando uma *sopa* de referências. *"É difícil traçar a origem de cada lenda, seja ela celta, anglo-saxã ou nórdica"*, diz o professor Almeida Mello. Mas, se isso não é possível, pelo menos é fácil encontrá-las espalhadas pela Idade Média e, surpreendentemente, pelos dias de hoje.

Escrito por Marcelo Ferroni
Disponível em:
Duvendor.com.br

O Senhor dos Anéis, mito ou realidade ?

Michael Tagge

e

A complexidade da trama de causa e efeito que Tolkien tece, as interações de motivos e vontades, natural ou sobrenatural são extraordinários, e sem contar o lado fantasioso é profundamente realístico.

Portanto, se como os especialistas dizem, isso não é alegoria, então seus trabalhos são recheados com personagens e fatos paralelos a este mundo. Em ***O Senhor dos Anéis*** estive pesquisando as similaridades entre os eventos ocorridos na história, religião e em outros trabalhos de Tolkien. A trilogia ***O Senhor dos Anéis*** é baseada em fatos históricos, religiosos, e em pessoas e outros trabalhos do autor. Na trilogia do anel, Tolkien tem uma guerra entre o Oeste e o Leste. Em ambas as Guerras Mundiais esse foi o caso. Alemanha ou Prússia foram os poderes do Leste e América e a pátria de Tolkien, Inglaterra, foram o Oeste. Muitas pessoas comparam a guerra no Senhor dos Anéis à Primeira Guerra Mundial.

Como C.S. Lewis diz em seu livro, ***Tolkien e os Críticos***:

"...essa guerra tem aquela qualidade de guerra que minha geração conheceu. Tem tudo lá: o interminável, o movimento sem sentido, o silêncio sinistro do front quando enfim tudo está pronto. Os civis fugindo, as grandes e vívidas amizades, o pano de fundo de algo como desespero e a frente uma disfarçada alegria e um pouco de tabaco a mando divino salvo das ruínas..."

Tolkien foi ele próprio afetado

pela Primeira Guerra Mundial. Ele serviu num regimento ***country regiment*** na guerra, com 23 anos na época, e como toda a sua geração de ingleses, jovens leões sob o mando do burro, foram para o abatedouro... Tolkien serviu no papel de soldado de infantaria nos Fuzileiros de Landcashire, um dos bons regimentos, ***good country regiments*** que inevitavelmente sofreu grandes perdas, diz William Ready em ***A relação Tolkien: um inquérito pessoal, The Tolkien Relation: a Personal Inquiry***. De fato, alguns críticos afirmam que Mordor é uma imagem das linhas de frente da Primeira Guerra Mundial pela visão de J.R.R. Tolkien.

Quando os hobbits adentravam mais em Mordor, já passado o escabroso acampamento militar dos orcs e através das planícies de Gorgoroth "***cheias de crateras, como se, quando ainda era apenas um deserto de lama mole, foi crivado com uma chuva de pedras***", rastejando de cratera em cratera, nós começamos a perceber o que pode haver atrás do poder com a qual esta paisagem foi apresentada. A própria experiência de Tolkien da destruição gradual da vida e saúde como que se aproximando do Front Oeste na guerra de 1914-18, e o deserto de trincheiras que marcavam o fim daquela jornada; e da intensidade deste relato pode-se perceber que este tipo de paisagem deixou marcas mais profundas que qualquer outra. Alguns críticos dizem que a Guerra teve um papel fundamental na sua carreira como escritor. Seu serviço na infantaria e o fim da guerra faziam parte de uma única força que o uniu consigo mesmo e iria levá-lo ao destino que ele queria e que o surpreendeu na fama que veio mais tarde. Uma outra grande referência de sua vida pessoal veio de sua experiência de guerra nas trincheiras em Somme. Seus relatos detalhados das preparações para a guerra, a estratégia, o ritmo diário que faz parte do tempo de guerra, são muito fiéis e precisos, como se esperaria de um antigo soldado. É mencionado que ele chegou mesmo a usar um almanaque para calcular até aonde soldados a pé poderiam se mover dado um certo período.

Tolkien foi afetado pela guerra e pode até ter usado seus escritos para escapar da dor sofrida durante e depois da guerra, como diz Ready em ***The Tolkien Relation: A Personal Inquiry***. Por tudo isso a guerra jogou uma sombra sobre Tolkien; ele era um fuzileiro, e é preciso estar pessoalmente sob a sombra da guerra para sentir sua opressão.

"Por volta de 1918, todos os seus amigos, com a exceção de um, estavam mortos". Finalmente Tolkien afirma que um conto de fadas, pelo uso da fantasia, fornece um meio de escape e consolo.

No Senhor dos Anéis, os personagens de Tolkien percebem a guerra contra Sauron da mesma maneira que os povos europeus faziam depois da Primeira Guerra Mundial. ***"O público em geral via a Primeira Guerra Mundial como a guerra para acabar com todas as guerras, assim pensavam os sobreviventes da Guerra do Anel. Entretanto, Gandalf avisa que enquanto houver o mal, sempre haverá a guerra. Se for banido de alguma forma, aparecerá de outra".***

No Senhor dos Anéis, uma conversa entre Gandalf e Denethor parece ter saído diretamente de uma das Guerras Mundiais. Como Kocher repete em "A ficção de J.R.R. Tolkien: O mestre da Terra-média: ***"A resposta de Gandalf a Denethor afirmando que ele também é um regente, aceita a possibilidade que Sauron conquistará o Oeste. a manhã virá e o bem florescerá por mais completa que a destruição causada pelo mal pareça".***

Alguns compararam o Anel com a bomba de hidrogênio e Mordor com a Rússia, como C.S. Lewis diz em ***Tolkien and the Critics***: ***"Uma analogia natural aparece entre a bomba de hidrogênio e o Anel do Poder que por sua natureza não poderia ser usada para conseguir nada de bom".*** Na Segunda Guerra Mundial, Hitler experimentou uma grande variedade de experimentos genéticos para melhorar a raça ariana, e foi relativamente bem sucedido nas suas tentativas. No Senhor dos Anéis, Saruman também trabalha com genética... ele produz um novo tipo de orc que é melhor lutador e se adapta ao sol melhor que os orcs normais, e são maiores. Em ***The Fiction of J.R.R. Tolkien: Master of Middle-earth***, Kocher diz: ***"Saruman está continuando estas experiências e produzindo uma nova variação (não uma nova espécie) de orcs da Mão Branca, maiores e melhores guerreiros."***

Hitler, durante a Segunda Guerra Mundial, empregou centenas de espiões. Seu serviço era coletar informação relacionada à guerra. No Senhor dos Anéis, Sauron emprega uma rede vasta de agentes inimigos que estão comprometidos em achar o Um Anel. Como Fuller

diz em ***Tolkien and the Critics***: ***"com tantas desvantagens, contra um adversário tão formidável, um fator significante provê um elemento de esperança na desagradável rede de agentes do Sauron que estão atrás do anel... esse fator é a pequenez e fragilidade de Frodo."***

Quando o infindável bombardeio pelos alemães caía, o povo inglês nunca perdia as esperanças ou a coragem de lutar, e como Gimli diz no Senhor dos Anéis, ***"Há boa rocha aqui; esta terra tem ossos fortes".*** No Senhor dos Anéis, há várias alusões a eventos que aconteceram na história antiga. Muitos países diferentes de muitas diferentes direções atacaram a Inglaterra em sua historia. Os Romanos, tribos Germânicas, e muitos outros. Também a Europa lutou desde antigamente contra Árabes e Persas do sul, Mongois, Turcos do leste. Similarmente Gondor resiste aos povos do leste e do sul, que pressionavam contra suas fronteiras por milênios, e se transformaram em aliados naturais contra Sauron. Os Haradrim do Sul lembram mesmo os Sarracenos com sua tez escura armas e armaduras, e sugerem outros exércitos não-europeus no uso de ancestrais de elefantes, enquanto os Wain riders do leste vêm em vagões como aqueles das hordas de Tártaros. Os homens de Gondor vivem e lutam num estilo legendário Arturiano, proto-medieval, e os Rohirrim se diferenciam dos antigos Anglo-Saxões primariamente por viverem em função dos cavalos como os Cossacos.

Na história da Inglaterra, houve várias diferentes migrações. Acontece o mesmo no Senhor dos Anéis. Kocher diz o seguinte sobre isso em ***The Fiction of J.R.R. Tolkien: Master of Middle Earth***: ***"percebo nas páginas anteriores há várias partes na obra de Tolkien que ganham credibilidade por introduzir episódios de vários tipos que nos tentam com sua semelhança com episódios que nós sabemos ter acontecido realmente em nosso passado não muito distante. como a Terra tem visto ondas e ondas de migrações tribais na Europa de leste e norte, assim também na Terra-média os Elfos, os Edain, os Rohirrim, e os Hobbits, vagaram para oeste em vários períodos das mesmas direções."***

No Senhor dos Anéis, o conflito também se encaixaria na descrição das batalhas religiosas durante a Segunda Grande Guerra Mundial. Como Fuller diz em ***Tolkien and the Critics***: ***"O Senhor dos Anéis foi para mim uma revelação alegórica***

do conflito entre a cristandade ocidental contra as forças englobadas sucessivamente, mas entrelaçadas do nazismo e comunismo. O trabalho foi concebido e continuado quando a sombra mais negra da história foi lançada sobre o Oeste e, por um tempo crucial, sobre a Inglaterra em particular."

O Senhor dos Anéis foi escrito durante a Segunda Grande Guerra Mundial. A batalha em Mordor e o Anel sendo destruído e, portanto finalizado a guerra lembra-me dos últimos estágios da Segunda Grande Guerra Mundial quando os EUA derrubaram a bomba atômica em Hiroshima. Fuller diz em ***Tolkien and the Critics*** o seguinte:

"...em algum momento nos estágios finais de seu desenvolvimento, uma visão ampliada da trilogia veio a ele (Tolkien), e o aumento da escuridão e desesperança sobre o resto do Ocidente na Terceira Era da Terra-média cresceu da escuridão e ameaças pendentes sobre a Cristandade ocidental nos anos 30's quando O Hobbit foi escrito. A Trilogia foi produzida durante e depois da Segunda Grande Guerra Mundial..."

O Senhor dos Anéis também tem muitas referências a Bíblia e religião. Essas são as referências a Adão e Eva e a queda do homem. Em ***The Fiction of J.R.R. Tolkien: Master of Middle-earth***, Kocher diz: "***as idéias que Durin (um dos pais dos anões) foi o primeiro nascido sem companhia e saiu dando nomes às coisas lembra Adão e Eva."*** No Senhor dos Anéis, não há menção de Deus, mas nomes como O Ser Supremo, o Um, e outros vagos, mas claras alusões a Deus. Tolkien disse, numa entrevista que Gandalf era um anjo, e em uma entrevista a rádio em 1971 revelou que Ilúvatar era Deus.

Há várias outras referências a Cristo. Frodo e/ou Gandalf poderiam ser antecipações parciais de Cristo. Cristo, antes de ser crucificado rezou para que o cálice fosse afastado dele. Frodo faz a mesma coisa quando ele pergunta se outra pessoa poderia fazê-lo. Gandalf também se assemelha a Cristo. Ele passa por uma ressurreição e tentação quando Frodo lhe oferece o Anel.

Com Frodo, muito singelo e comovente, está no seu desejo vão de que o cálice seja tirado dele, e que já que isso não é possível, ele vai a sua longa, dolorosa jornada como O Portador do Anel -um tipo de carregador da cruz a vir. Mais

misticamente com Gandalf, indicativo de uma operação de um poder não explícito atrás dos acontecimentos, o sábio passa por uma experiência similar a morte, descendo ao inferno, e ressurgindo dos mortos. Também ele vivência algo da tentação na selva na sua recusa do Anel que ele tem poder suficiente para manipular.

No Senhor dos Anéis há boas criaturas e más. As boas criaturas são tipicamente cristãs e as criaturas más são satânicas e demoníacas. ***"O Mundo de Tolkien tem uma variedade de criaturas malévolas. No centro há os poderes demoníacos, o maior de todos é Sauron, que certamente é uma figura satânica, que provavelmente é nada menos que um anjo caído, cujo nome sugere a serpente."***

No Senhor dos Anéis também há várias referências à ressurreição. Na religião cristã, isso é uma parte da maior importância. O tom predominante é muito Cristão. As boas pessoas do Senhor dos Anéis agem como pessoas cristãs e crêem da mesma maneira. Como diz Kocher em ***The Fiction of J.R.R. Tolkien: Master of Middle-earth***: ***"todas as raças mortais especulam com algum tipo de vida após a morte em algum lugar não específico, e a expectativa de acordar depois da morte é tradicional entre os anões".***

A terra chamada de Condado lembra muita a parte rural da Inglaterra. Os hobbits na história habitam uma região tranqüila que tem muita semelhança com Cotswold Country. Tolkien se certifica que em pequena escala seu terreno local, clima, flora, e fauna dominante são bem como nós os conhecemos hoje em dia. No ***O Senhor dos Anéis***, Tolkien descreve estrelas e constelações; as mesmas que nós vemos hoje. Para aumentar a visibilidade, e para também contra balançar a topografia estranha da Europa da Terra-média, Tolkien ilumina o céu noturno com planetas e constelações que conhecemos, entretanto com nomes diversos. Orion é vista pelos hobbits e elfos se encontrando nas florestas do Condado ***"lá alinhado, enquanto ele sobe pela borda do mundo, O Espadachim do Céu, Mendelvagor com seu cinturão brilhante".*** Olhando pela janela da estalagem de Bri, ***"Frodo viu que a noite estava clara. A Foice brilhava por sobre os ombros de Breehill".*** Tolkien continua dizendo que "a Foice" é o nome que os Hobbit davam ao Arado ou o Grande Urso. Brilhando qual jóia de fogo, e Borgil em vermelho pareceria ser Marte. A estrela de Eärendil é certamente Vênus, porque Bilbo

descreve-a como brilhando logo após o sol se por atrás do sol e a luz da lua, e logo antes do nascer do sol,,, uma chama distante antes do sol, uma maravilha na aurora.

Na Europa, a maior parte das línguas são línguas de romance, todas exceto Alemão. Alemão é muito diferente de qualquer outra língua Européia. Como Kocher diz em ***The Fiction of J.R.R. Tolkien: Master of Middle-earth: "A rivalidade entre Westron e a língua negra de Sauron, falado pelos seus servidores, tipifica a inimizade entre as duas culturas".*** Isto poderia muito bem estar descrevendo alemão ou mesmo russo no sentido citado na sentença anterior.

Sauron também "***detestava qualquer outra liberdade que não a sua***". A Alemanha nazista também detestava liberdade e democracia durante a Segunda Grande Guerra Mundial. Durante a guerra, Hitler governava num regime totalitário e fascista. Eles controlavam tudo, e conquistavam os países que não acreditavam no que eles acreditavam. No ***O Senhor dos Anéis***, a forma mais comum de governo é uma monarquia benigna, mas o Condado dos Hobbits é uma pequena vila democrática e o reino de Sauron, Mordor, é claro uma ditadura totalitária e escravagista.

O Senhor dos Anéis tem semelhanças com outras obras literárias. Já foi comparado a obras como King Arthur. A terra mágica fica no misterioso oeste, depois do mar, e alguns personagens velejam para lá numa imagem parecida a passagem de Arthur em Avalon. ***O Senhor dos Anéis*** parece se baseado numa ópera de Wagner. A estrutura é a mesma e várias similaridades aparecem entre ambas. Como Fuller diz em Tolkien and the Critics: "***A estrutura em quatro partes da obra é análoga ao Anel do Nibelungo de Wagner. Uma estória mais curta e mais infantil (Das Rheingold e O Hobbit respectivamente) em cada caso introduz uma trilogia grande. È estranho e interessante que um Anel do poder é central em ambas as estórias e dá o seu nome aos títulos, e que dragões e uma espada quebrada para ser reforjada por um guerreiro ocorre em cada".***

Se fantasia é baseada em fatos reais então ***O Senhor dos Anéis*** é completamente baseado em eventos históricos, terras, religião, governos, e outros trabalhos de diferentes autores. Citando autores diversos, mostrei que é impossível não ser perseguido por paralelos entre nosso aqui e agora. Eu também descobri que dá para ter diversas

interpretações do Senhor dos Anéis, e diferentes sentidos podem ser extraídos das mesmas cenas. Mas de todo modo, ***O Senhor dos Anéis*** foi baseado em várias coisas combinadas para formar uma das maiores obras literária que o mundo já viu.

Trabalhos Citados:

- Behind The Lord of the Rings - www.auburn.edu/~speedhe/lotr.html
- Issacs, Neil D. "Tolkien and the Critics": Essays on J.R.R. Tolkien' The Lord of the Rings University of Notre Dame Press, 1968
- Kocher, Paul H. The Fiction of J.R.R. Tolkien: Master of Middle-Earth Ballentine Books, 1972
- Manlove, C.N. Modern Fantasy: Five Studies Cambridge University Press, 1975
- Ready, William. The Tolkien Relation: A Personal Inquiry Henry Regnery Company, 1968

Escrito por Michael Tagge em Duvendor.com

DESENHO

Conhece aqui o trabalho de uma artista em ascensão que nasceu na Singapura. As suas inspirações radicam na fantasia e na ficção científica. A Dagon oferece-te alguns dos seus trabalhos bem como uma pequena entrevista à autora da autoria de João Paulo aka Gendo.

ENTREVISTA

Por João Paulo

Qual é o teu nome?

O meu nome é Tang Sin Yun, mas sou conhecida no meio profissional por Sandara.

Onde vives?

Sou original de Singapura, e vivo no meu país.

Qual é a tua profissão?

Sou Artista Conceptual.

Desde quando desenhas?

Bem, desde criança. A minha paixão pelo desenho começou logo nos meus quatro ou cinco anos. (risos)

Onde encontras as inspiração para desenhar tão belas imagens, repletas de personagens e ambientes fantásticos?

Em quase todo o lado, desde pequenas coisas que observo durante o meu trabalho, na leitura de livros ou a ouvir música.
Também pesquiso todos os dias na internet por artworks e coisas bizarras.

O que fazes para divulgar o teu trabalho? Costumas ir a convenções?

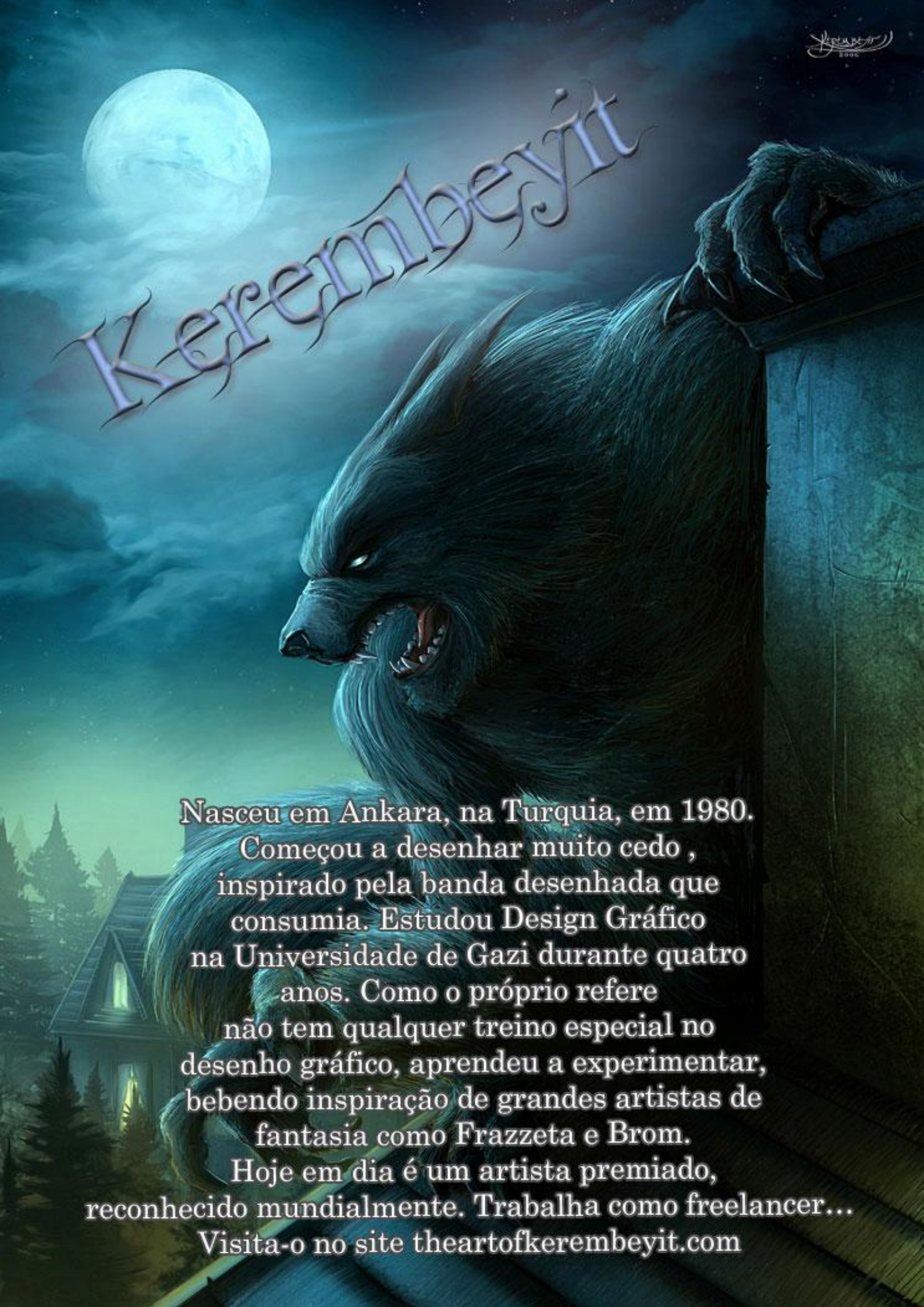
Agora já não vou a convenções, apenas coloco os meus desenhos na minha página da deviantart!

Gostas de literatura Fantástica?

Sim.

Qual é o teu autor favorite? E a obra?

Terei de responder Terry
Pratched, porque tem uma escrita muito engraçada.
O livro que prefiro é
Wathership own de Richard Adams,
mas não sei se pode ser considerado
literatura fantástica...



Nasceu em Ankara, na Turquia, em 1980.
Começou a desenhar muito cedo ,
inspirado pela banda desenhada que
consumia. Estudou Design Gráfico
na Universidade de Gazi durante quatro
anos. Como o próprio refere
não tem qualquer treino especial no
desenho gráfico, aprendeu a experimentar,
bebendo inspiração de grandes artistas de
fantasia como Frazzeta e Brom.
Hoje em dia é um artista premiado,
reconhecido mundialmente. Trabalha como freelancer…
Visita-o no site theartofkerembeyit.com

2005

CINEMA
Críticas,
Apresentações

The Hunt for Gollum

E se eu vos disser que o melhor filme do ano pode não nascer de um orçamento bilionário? E se eu vos disser que este filme se arrisca a ser fenomenal sem sequer visar o lucro, pois será completamente grátis? Provavelmente por esta altura os leitores já estão a achar que estou doido… Passo a explicar: Um grupo de fãs da obra de Tolkien, em especial da trilogia de o *O Senhor dos Anéis,* decidiu criar um novo filme inspirado na obra do mestre! Neste filme, que terá um baixo orçamento (dez mil dólares) e que contará apenas com cerca de trinta minutos de duração, é relatada uma das histórias mais obscuras que se alicerçam nos apêndices da obra de Tolkien, um dos episódios mais misteriosos e decisivos da saga: a perseguição de Gollum feita por Aragorn!Até aqui não existe nada de especial, pois os filmes dirigidos por fãs não são poucos, contudo nunca nenhum prometeu tanto como este. Basta ver o trailer e ficar maravilhado. Os pormenores estão geniais, os actores soberbos (o actor que interpreta Aragorn é muito parecido com o actor que interpretou esta personagem nos filmes oficiais de LOTR) e a história é nada mais nada menos que mágica, criada pela pena do mestre supremo dos épicos fantásticos.

O filme está disponível no sit **thehuntforgollum.com**

:

Roberto Mendes

O Castelo Andante

É curioso que uma das melhores histórias de fantástico que já tive o prazer de apreciar não respire do talento de um escritor que emana a sua magia através de palavras medidas na perfeição, em linhas e parágrafos onde vive o maravilhoso e onde se refugia o puro talento; é curioso que também não surja através da clássica tela do cinema onde pessoas reais, como nós, interpretam tramas de cortar a respiração, sempre acompanhados de cenários belos: umas vezes serenos de normalidade, outras vezes irascíveis de imaginação fantasiosa. Não. E por muito que tente, e sim já tentei, oh se tentei… Mas onde ia eu? Ah, sim, por muito que tente não consigo, é-me impossível imaginar que tal magia pudesse provir dos capítulos de um livro ou do cinema de carne e osso! A magia de que vos falo irrompe do sublime cheiro das cores do pincel de Hayao Miyakazi. Tamanha magia apenas podia ter nascido de um Anime!!!

"Já ninguém faz animação com este nível de requinte"

Howls Moving Castle é absolutamente brilhante, nascendo de um argumento adaptado de um pequeno romance não muito conhecido de Diana Jones. Adaptado nada mais, nada menos que pelo genial Miyazaki esta obra transporta-nos para um universo em que Sophie, uma típica adolescente de 18 anos, vê a sua vida mudar por completo quando se cruza acidentalmente com o misterioso mas belo feiticeiro Howl e, subsequentemente, é transformada numa mulher de 90 anos pela vaidosa e perversa Bruxa do Nada. Transportada para uma incrível odisseia para quebrar a sua maldição, Sophie encontra refúgio no Castelo Andante onde conhece Markl, um aprendiz de feiticeiro, e um impetuoso demónio de fogo que se dá a conhecer pelo nome de Calcífer. Pelo caminho Sophie conhece ainda uma misteriosa personagem, um espantalho com cabeça de nabo que a ajuda nas suas aventuras. Invocando a importância de valores como a família, a amizade, o reconhecimento das limitações do

ser humano e a força especial dos laços de amor, esta é uma obra que me deixou abismado pela sua qualidade. Desde que começou até ao final foi-me impossível deixar de me sentir abismado, não com o conceito da história, que considero bastante simples, mas sim pela forma como os personagens nos são apresentados e que a pouco e pouco se nos vão tornando familiares até nos sentir-mos realmente bem na sua companhia e pela forma como a trama se desenvolve. O único defeito desta animação é, sem dúvida, o facto de ter um fim, pois muito desejei poder viver por mais tempo a magia de um Japão reinventado, onde Howl e todos os outros batalham pela paz no seio de uma guerra que ameaça engolir toda uma nação.

Um Anime que recomendo vivamente, mesmo a quem sente um pouco de preconceito pelo género. Pode-se gostar ou não, pois a beleza da arte é a sua subjectividade. A minha opinião é que este filme nomeado para um Óscar merece o lugar que ocupa presentemente na história de animação Japonesa onde é considerado um dos grandes colossos de genialidade pintada pela magia da imaginação!

Roberto Mendes

Spirited Away

Se a magia de Howl's Moving Castle me havia arrebatado, dando-me a conhecer um mundo em que as cores do pincel de Miayazaki criam uma poesia mágica que se sente a cada momento, então, com Spirited Away, o talento puro deste autor tornou-se na referência máxima no que ao Anime diz respeito. No interior de uma história mágica que no fundo é uma perfeita metáfora

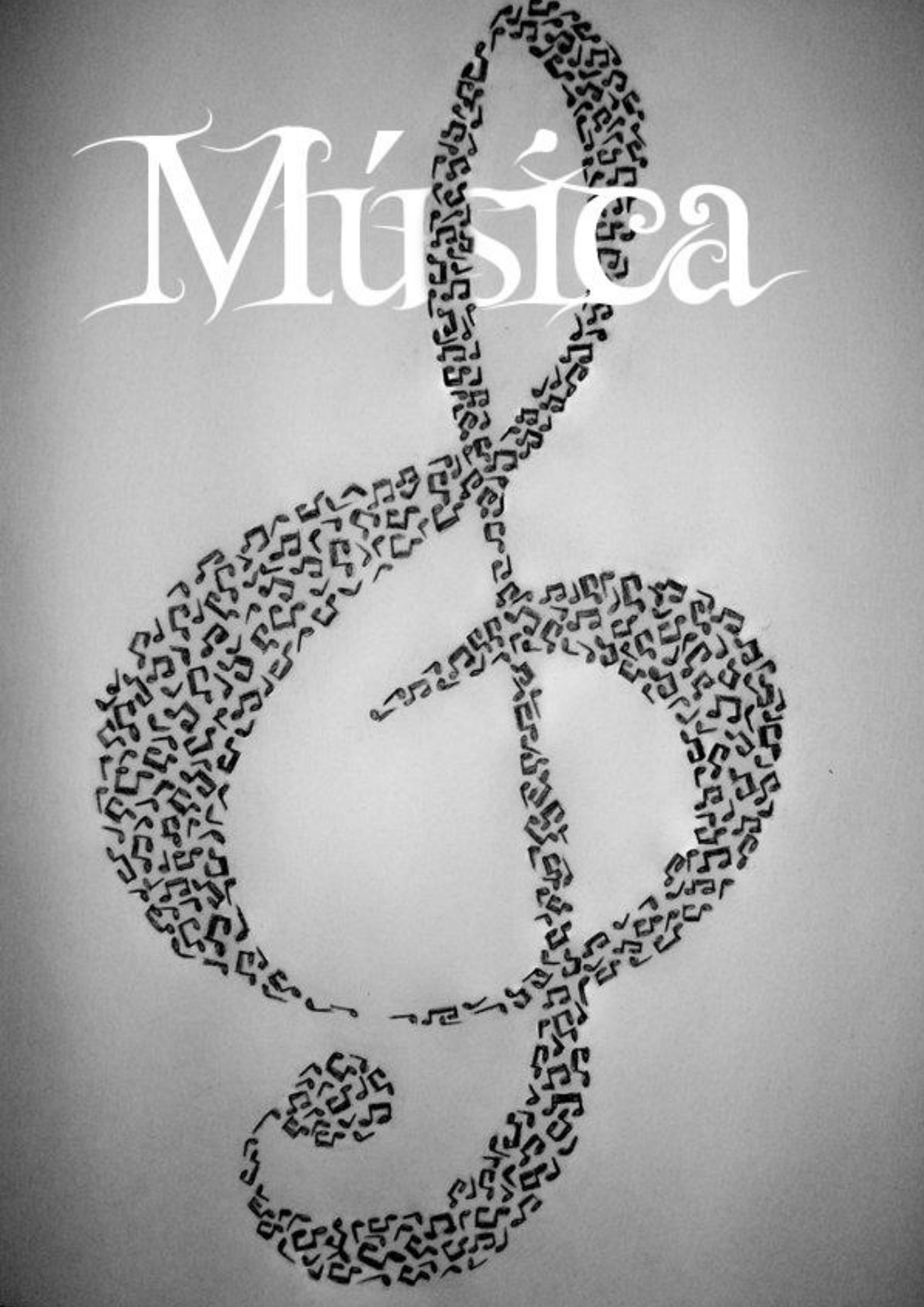
com os anos da infância de cada um de nós, Miyakazi cria personagens que têm tanto de bizarro como de extraordinário, tanto de mágico como de fenomenal! E são as personagens que formam o maravilhoso na história. Personagens como Haku (a minha personagem favorita) ou Chihiro, uma miúda de dez anos que de súbito sente uma mudança radical na sua vida, sendo obrigada a mudar de cidade e consequentemente de escola, deixando os seus amigos para trás. Chihiro, a personagem principal, cedo percebe que as mudanças não se ficariam por aí, quando se vê forçada a entrar num mundo onde nada parece real, e onde até o seu próprio nome

se perde por um túnel misterioso e uma cidade fantasma que a conduzem a sua família à terra dos espíritos, povoada por deuses e monstros, e governada pela gananciosa Yu-Baba. Depois de comerem uma refeição proibida, os pais de Chihiro são castigados e transformados em porcos. Para os tentar salvar ela terá que renunciar o seu nome e prestar serviço no mundo dos espíritos. Aborrecida e desinteressada de inicio, Chihiro vai encontrar na sua viagem amigos e aliados, bem como descobrir uma força interior que desconhecia e estabelecer uma identidade no estranho novo mundo em que se encontra encurralada. Mas será que ela vai conseguir recuperar o seu nome e regressar a casa?

Durante algum tempo assumi que nada poderia ser tão fantástico quanto a viagem de Sophie pelo castelo andante, contudo, Spirited Away (vencedor de um Óscar em 2003) reclamou o primeiro lugar na minha lista de melhor animação com argumentos tão mágicos que durante horas, depois de visionar o filme, a minha imaginação voou até um universo que, bebendo influencias da mitologia Japonesa, me prendeu para sempre num mundo onde tudo é possível…e onde o amor acontece, com a subtileza única de um autor que já é uma lenda da animação…

Roberto Mendes

Música



Música:

Dream Theater

Os Dream Theater são uma das bandas que mais inspiração buscam na literatura fantástica, dando ao seu metal progressivo e de fusão um intenso sabor a fantasia criando letras mágicas, ambientes fantásticos, aliando a tudo isto uma sonoridade inconfundível e única. A mitologia nórdica é uma das grandes influências da banda de metal progressivo originária de Nova Iorque, Estados Unidos e formada em 1985 por John Myung, Mike Portnoy e John Petrucci, enquanto frequentavam o curso de Música da Universidade de Berklee.

Posteriormente o vocalista Chris Collins e o teclista Kevin Moore completaram o grupo. Antes de se chamarem "Dream Theater", sugestão do pai de Mike e nome de uma sala de espectáculos muito importante na Califórnia, eram conhecidos por "Majesty". Este nome surgiu durante um concerto do Rush, durante a digressão do álbum "Power Windows". John Petrucci, John Myung e Mike Portnoy dormiram na rua para poderem comprar ingressos para assistir ao espetáculo e, ao ouvirem a canção "Bastille Day", surgiu o comentário de que aquela música era 'majestosa', ficando assim o nome.

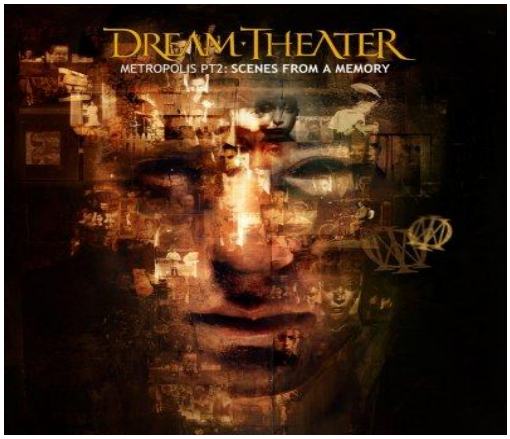
Contudo, descobriu-se que já existia uma banda de jazz com o mesmo nome. Lançaram a sua primeira demo com seis músicas, uma pequena amostra do seu metal progressivo com referências da música clássica que influenciou muitas bandas posteriormente. Após isso, demitiram o vocalista Chris Collins, que não se conseguiu adaptar ao estilo que a banda procurava. Para substituí-lo chamaram Charlie Dominici, e com essa formação gravaram o primeiro disco da banda, intitulado "When Dream and Day Unite", em 1989. O disco foi bem aceite pela crítica e bem difundido nas rádios, o que possibilitou um reconhecimento dos fãs e diversos shows em pequenos clubes, sempre lotados. Novamente, por

diferenças musicais, despediram o seu vocalista. Durante algum tempo não tiveram um vocalista fixo, mas mesmo assim não pararam de compor novas músicas, nem de fazer apresentações, ainda que inteiramente instrumentais. Nesse período, passaram pela banda, no vocal, John Arch, Steve Stone e Chris Cintron, até que, finalmente, encontraram o vocalista ideal. Era Kevin LaBrie, o vocalista da banda "Winter Rose".

Juntou-se então à banda, adoptando o nome de James LaBrie, no intuito de não deixar a banda com dois Kevins (LaBrie e Moore) e dois Johns (Myung e Petrucci). Em 1992, lançaram o álbum "Images and Words" e, então, foram convidados para abrir alguns shows dos Iron Maiden. Tiveram uma excelente recepção pela MTV e quase quebraram os índices de vendas no Japão, levando a banda à sua primeira digressão mundial. No processo de gravação do terceiro disco, o teclista Kevin Moore resolveu abandonar o grupo para seguir carreira solo. Sem um substituto para Kevin, terminaram as gravações de "Awake" (álbum que contém a faixa "The Silent Man"), que rapidamente conquistou os mercados americanos e europeu. Pouco depois, o lugar de Moore foi ocupado por Derek Sherinian (que havia tocado em digressões com o KISS e com Alice Cooper). Em 1995, foi lançado o EP "A Change of Seasons", contendo a gigantesca faixa homónima (com 23:09 minutos) e ainda alguns covers ("Funeral For a Friend/Love Lies Bleeding", de Elton John, "Perfect Strangers", do Deep Purple, as fusões de "The Rover, Achilles Last Stand e The Song Remains The Same", dos Led Zeppelin, e de "In The Flesh?", "Carry On My Wayard Son", "Bohemian Rhapsody", "Lovin' Touchin', Squeezin'", "Cruise Control" e "Turn It On Again", respectivamente de Pink Floyd, Kansas, Queen, Journey, Dixie Dregs e Genesis), gravados ao vivo no Ronnie Scott's Jazz Club, em Londres.

Em Outubro de 1999, foi lançado o álbum "Scenes From a Memory", descrito por Mike Portnoy como "algo que ele

sempre quis fazer". O álbum teve grande sucesso e repercussão. Durante a digressão mundial a banda gravou, em Nova York, um DVD genial, um dos melhores dvd's musicais dos últimos anos. O concerto, de três horas e meia, foi lançado com um CD triplo. A data do lançamento, infelizmente, coincidiu com os atentados de 11 de Setembro de 2001, e mais infelizmente ainda, a capa do CD trazia as torres gêmeas dentro de chamas. Todos os CDs foram recolhidos e a capa refeita, trazendo o símbolo da banda no lugar da maçã (que fazia alusão à cidade de Nova Iorque – "Big Apple") e das torres. Entretanto, alguns poucos CDs com a capa original, com as torres gémeas em chamas, continuam nas mãos de fãs e coleccionadores, e passaram a ser considerados raridades. O quarto álbum, "Falling into Infinity", chegou em 1997 com músicas um pouco mais melódicas, não tão agressivas quanto as de "Awake".



O disco apresenta uma banda mais focada em canções (ainda com as passagens instrumentais já tradicionais) devido a uma enorme pressão da editora. O tiro saiu pela culatra, embora o disco, mesmo com as suas canções mais acessíveis, seja excelente. Na verdade, é incorrecto dizer que Derek Sherinian influenciou a banda a compor canções mais comerciais, já que ele compôs as partes mais técnicas do álbum, o que é uma característica do teclista, como constata na sua discografia solo. Devido à pressão da gravadora, Mike Portnoy quis deixar a banda, mas foi convencido a ficar, já que ainda havia a digressão do álbum a ser realizada. Portnoy, então, permaneceu nos Dream Theater, e visitou o Brasil em 1997, durante a digressão do álbum. No entanto, apesar de tantas controvérsias e complicações, conforme já mencionado "supra", trata-se de um álbum excelente, aclamado por todos os fãs. Em 1998, a banda lançou o seu segundo disco ao vivo, "Once In a Live Time". Um vídeo, nomeado "5 Years in a Live Time" surgiu também, com os principais momentos da banda nos cinco anos anteriores ao lançamento do disco. Seguiu-se nova troca de teclista, todavia, tal não abalou a criatividade da banda, que se fechou a sete chaves para gravar um novo álbum, um disco

duplo, experimental e controverso, intitulado "Six Degrees of Inner Turbulence", lançado em 2002. Trazia músicas bastante extensas no primeiro CD, e um épico impressionante de 42 minutos de duração, dividido em 8 partes no segundo CD.

Destaque também para o trabalho iniciado por Mike Portnoy, denominado "Portnoy Alcoholics Anonymous Suite", no qual o baterista explora o programa de recuperação do A.A. (Alcoólicos Anónimos) em doze etapas, sendo as três primeiras – "Reflection", "Restoration" e "Revelation" – temas da faixa "The Glass Prison", de 13:52 minutos de duração.

No final de 2003 surge o álbum "Train of Thought", que, como o álbum anterior, mudou um pouco a linha musical da banda, levando a críticas severas de fãs antigos. Um álbum mais pesado do que os álbuns anteriores, não deixando o progressivo, nem a virtuosidade e a técnica da banda de lado, destacando as faixas "As I Am", "Endless Sacrifice" e "In the Name of God". Destaque ainda para a faixa "This Dying Soul", na qual Portnoy continua a sua saga, explorando os doze passos do plano de recuperação do A.A., sendo que esta faixa perpassa pelas etapas IV e V, denominadas "Reflections of Reality (Revisited)" e "Release". Em 2004, os Dream Theater realizam novas gravações ao vivo, e lançam um DVD em álbum triplo: "Live at Budokan".Gravado no Budokan Hall, em Tokyo, Japão. O DVD traz as principais faixas do álbum "Train of Thought" e ainda faixas dos outros álbuns, dando destaque para um "medley" instrumental mostrando toda a técnica e destreza dos músicos da banda, denominado "Instrumedley", que passa por trechos de várias músicas instrumentais do Dream Theater, inclusive por algumas do "Liquid Tension Experiment", projecto instrumental paralelo de John Petrucci, Mike Portnoy e Jordan Rudess, juntamente com o baixista Tony Levin. Em meados de 2005, lançam o seu oitavo álbum, "Octavarium", marcando vinte anos da existência da banda, caracterizado como algo "incrivelmente lindo" pelo

baterista Mike Portnoy. Destaque para mais uma música épica, “Octavarium”, com 24 minutos de duração. Destaca-se também a continuação da compilação de “Portnoy Alcoholics Anonymous Suite”, com a faixa “The Root of All Evil”, que traz profunda análise das etapas VI e VII do programa: “Ready” e “Remove”. Em Dezembro do mesmo ano, os DT chegam de novo ao Brasil. A banda, que no dia 1° de abril de 2006 gravou um DVD em Nova York para comemorar seus 20 anos de carreira, surpreendeu o público tocando clássicos e músicas do último CD com a presença de uma orquestra.

O DVD foi lançado dia 29 de agosto do mesmo ano, intitulado “Score”. Foi lançado, em 2007, o álbum “Systematic Chaos”. Neste álbum, Portnoy dá sequência à sua saga, e explora os passos VIII (“Regret”) e IX (“Restitution”) na faixa “Repentance”. As faixas “Constant Motion” e “Forsaken”, a última com um clipe anime desenvolvido pelo estúdio japonês Gonzo, tiveram boa repercussão (nova colaboração entre artes fantásticas). Neste álbum, destaca-se o grande trabalho de John Petrucci, que escreveu quatro das músicas do álbum, trazendo uma narrativa fictícia em cada, principalmente em “In The Presence of Enemies”, que é uma verdadeira epopéia musical, digna de uma banda como o Dream Theater, e que foi dividida em duas partes, por ser longa demais para uma faixa inicial. No primeiro dia de Abril de 2008, foi lançada o primeiro “best of” da banda, um CD duplo intitulado “Greatest Hit (...and 21 Other Pretty Cool Songs)”. O título do álbum é uma brincadeira referindo-se à música “Pull Me Under”, que foi o único verdadeiro hit de sucesso do grupo. Um novo DVD duplo chamado “Chaos in Motion 2007–2008”, com músicas dos concertos da digressão “Chaos in Motion”, foi lançado pela Roadrunner Records em 23 de Setembro de 2008; a edição especial inclui três CDs com o áudio das músicas do DVD. A banda entrou em estúdio em Setembro de 2008 para, então, começar as gravações do novo álbum, “Black Clouds and Silver Linings”, lançado mundialmente no dia 23 de junho de 2009.

Hoje em dia os Dream Theater são uma das bandas de metal progressivo mais bem sucedidas

desde o auge deste estilo musical em meados da década de 1970.

Roberto Mendes

Ayreon:

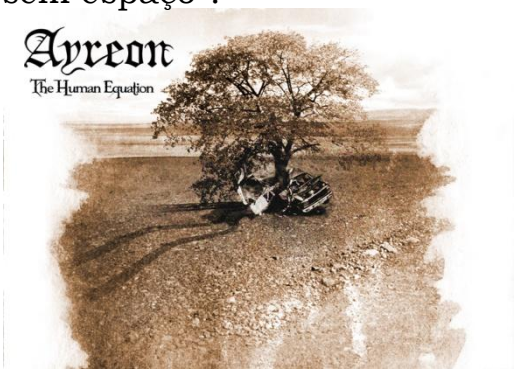
A Ficção Científica e a Música!

Ayreon é um dos projectos do multi-instrumentista holandês Arjen Anthony Lucassen, um trabalho que tem o mérito de reunir muitos dos melhores intérpretes do metal e do Rock, reunindo talentos espantosos como Fabio Lione, dos Raphsody of Fire, Sharon Den Adel dos Within Temptation , Andi Deris dos Heloween e até Bruce Dickinson dos míticos Iron Maiden, num total de noventa e dois músicos. Mais que um simples projecto, os Ayreon são uma pura experiencia musical, que culmina na apresentação de um estilo completamente original, deambulando entre o Rock Opera clássico e o "Melodic Metal", com a participação de instrumentos de música clássica como os violinos e as flautas.

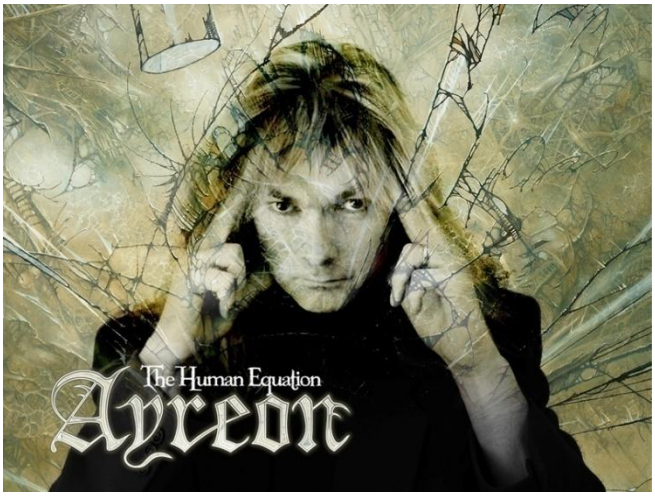
O primeiro CD do Ayreon, lançado em 1995, foi "The Final Experiment". Neste álbum é contada a história de um homem da Bretanha, do século 6 d.C., o "Ayreon " que, cego de nascença, possui um sexto sentido que lhe permite receber mensagens de almas do futuro, mais precisamente do ano 2084, quando a humanidade quase se auto destruiu numa última grande guerra. O álbum conta com treze cantores e sete músicos, a maioria holandeses. "The Final Experiment" é geralmente citado como um dos

primeiros álbuns de metal opera e um álbum que retoma a rock opera. O nome original do álbum era “Ayreon: The Final Experiment”, mas, após o relançamento, o título foi mudado para “The Final Experiment”. O álbum que se seguiu foi “Actual Fantasy” no ano de 1996. É o único CD do Ayreon que não possui uma história contínua. Com as suas histórias de fantasia individuais, este álbum pode, inclusive, ser considerado um “álbum conceito”. Em “Actual Fantasy” cantam apenas três diferentes vozes e apenas existem três músicos instrumentais. Os temas inspirados pelas músicas de “Actual Fantasy” podem ser encontrados em lançamentos posteriores dos Ayreon, principalmente nos dois álbuns “The Universal Migrator” e “Into the Electric Castle (1998)”. O álbum duplo “The Electric Castle” conta a história de oito pessoas de diferentes eras da humanidade, trancadas juntas num estranho “lugar sem tempo e sem espaço”.

Ali, uma voz misteriosa fala com eles, guiando-os na sua perigosa missão para encontrar o caminho de casa através do “Castelo Eléctrico”. A história é contada com recurso ao Rock Psicadélico por oito cantores, cada um com um papel único, e por onze músicos. O álbum duplo “The Universal Migrator (2000)” é baseado na literatura de ficção científica , apresentando a história do último humano vivo, numa colónia em Marte. Na história do primeiro CD “Universal Migrator Pt. 1 - The Dream Sequencer”, este humano faz uma viagem ao passado através de uma imersão em memórias de diferentes pessoas que marcaram a história da humanidade, memórias que ele aparentemente viveu em vidas passadas, usando um



aparelho chamado "Sequenciador de Sonhos". Este primeiro álbum apresenta um Rock Progressivo leve e atmosférico. Mais tarde, ele "pré-encarna" num tempo longínquo, algures no passado remoto, ainda antes do Big Bang; é esta a origem do segundo álbum, mais pesado, chamado "Universal Migrator Pt. 2 - The Flight of the Migrator". Mais uma vez, ambos os álbuns têm por volta de dez cantores e vários músicos. Um dos convidados para o álbum foi Bruce Dickinson dos Iron Maiden, que fez a sua participação na quinta faixa apelidade de" Flight of the Migrator: Into the Black Hole". O álbum "The Human Equation", de 2004, como em "Into the Electric Castle", contou com vários cantores, cada um em assumindo o papel de personagem. Com "The Human Equation", Ayreon deixa um pouco de lado a sua temática de ficção científica e fantasia e apresenta uma história que se passa dentro da cabeça de um homem que se encontra em estado de coma, depois de sofrer um estranho acidente de carro. As suas emoções são personificadas, o que faz surgir uma variedade de personagens, interpretando cada uma delas, várias passagens da sua vida.



Depois de mudar da editora "Transmission Records" para a "InsideOut" , Arjen começou, em 2004, a lançar CDs anteriores

dos Ayreon , com algumas mudanças, desde pequenas (The Universal Migrator lançado em um CD duplo, ao invés de dois CDs separados) até bastante drásticas (Actual Fantasy

"Revisited" teve todo o trabalho de bateria, baixo, flauta e sintetizadores, gravado novamente). Em 2005, coincidindo com o décimo aniversário dos Ayreon, "The Final Experiment" foi relançado como um disco bónus semi-acústico. No fim de setembro de 2006, depois de terminar seu novo disco, Arjen começou a trabalhar num novo álbum do Ayreon.

A grande inspiração de Arjen Lucassen provém de uma das suas grandes paixões, a literatura, especialmente os géneros da fantasia e ficção científica. Este projecto é uma prova de que literatura e música se influenciam mutuamente, como escreve Daniel Bloomfield no dia 27 de Setembro de 1906 na edição do New York Times " todas as artes estão correlacionadas, particularmente a música e a literatura. Sem literatura a música estaria ainda num estado primitivo (...) Os compositores não teriam onde buscar inspiração, e seria uma perda de tempo tornar a musica numa profissão, pois a musica como a conhecemos não poderia existir enquanto arte, se não tivéssemos literatura...";

Outros projectos de Arjen Lucassen, como "Star One" e "Ambion" são inspirados unicamente pela ficção científica. Ayreon é um dos projectos mais importantes no que toca ao Opera Metal, a não perder pelos apaixonados deste estilo musical, mas também a não poder ser ignorado por quem lê ficção científica, mas que não aprecia muito o Metal.

Roberto Mendes

Dagon nº 0

29/Agosto/2009

Editores:

Roberto Mendes

Rita Comércio

Autores Residentes:

João Paulo

Fábio Júnio

Pedro Ventura

Luís Filipe Silva

Rita Comércio

Roberto Mendes

Autores neste número:

João Paulo

Fábio Júnio

Pedro Ventura

Luís Filipe Silva

Rita Comércio

Roberto Mendes

Francisco Norega

Carla Ribeiro

Jorge Candeias

João Seixas

Ian R. MacLeoud

Desenhistas

Tan Sing Yung (Sandara)

Kerem Beyit

Capa

Kerem Beyit

Edição Gráfica

Rafael Mendes

Os direitos de autor pertencem aos autores dos textos e das ilustrações.

Os direitos de autor referentes aos desenhos do artista Kerem Beyit estão protegidos por Copyright © 2004-2009 KeremBeyit - All Rights Reserved.